

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
PROGRAMA DE MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

JOSÉ FERREIRA DE LIMA JÚNIOR

**PROTESTANTISMO E GOLPE MILITAR DE 1964 EM
PERNAMBUCO:
uma análise da Cruzada de Ação Básica Cristã**

RECIFE/2008

JOSÉ FERREIRA DE LIMA JÚNIOR

**PROTESTANTISMO E GOLPE MILITAR DE 1964 EM
PERNAMBUCO:
uma análise da Cruzada de Ação Básica Cristã**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião, pela Universidade Católica de Pernambuco.

Área do conhecimento: Ciências Humanas

Orientador: Prof. Dr. Newton Darwin de Andrade Cabral

RECIFE/2008

L732P

Lima Júnior, José Ferreira de

Protestantismo e golpe militar de 1964 em Pernambuco : uma análise da Cruzada de Ação Básico Cristã / ; José Ferreira de Lima Júnior ; orientador Newton Darwin de Andrade Cabral, 2008.
121 f. : il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Pró-reitoria Acadêmica. Programa de Mestrado em Ciências da Religião, 2008.

1. Religião e política - Pernambuco. 2. Protestantismo. 3. Poder.
4. Brasil - História - Revolução, 1964. I. Cruzada ABC. II. Título.

CDU 2:32

JOSÉ FERREIRA DE LIMA JÚNIOR

**PROTESTANTISMO E GOLPE MILITAR DE 1964 EM PERNAMBUCO:
uma análise da Cruzada de Ação Básica Cristã**

Dissertação de Mestrado aprovada, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião, pela Universidade Católica de Pernambuco, por uma Comissão Examinadora formada pelos seguintes professores:

Prof^a Dr^a Giselda Brito Silva
1º examinador

Prof. Dr. Sérgio Sezino Douets Vasconcelos
2º examinador

Prof. Dr. Newton Darwin de Andrade Cabral
3º examinador (Orientador)

RECIFE/2008

DEDICATÓRIA

A todos aqueles que, por

uma causa justa, tiveram

suas consciências e vidas

interrompidas, mas os

seus sonhos continuam

presentes em todos nós,

que lutamos por um

mundo mais feliz.

AGRADECIMENTOS

A Deus, símbolo de amor e justiça, pela esperança que tem proporcionado a todos aqueles que estão vivendo de forma sub-humana e por despertar a disposição de lutar por uma sociedade igualitária.

Aos meus pais, José Ferreira de Lima (in memoriam) e Maria Isolete Miranda Ferreira, que nos incentivaram a apostar em nossa vida acadêmica, com o objetivo de contribuir para a transformação das estruturas sociais.

Aos nossos companheiros e companheiras, pela compreensão, pois as pesquisas nos distanciaram, mas o coração nos aproxima e a finalização deste trabalho ensejou uma alegria coletiva.

Ao Seminário Batista do Norte do Brasil, por ter nos franqueado os arquivos do Jornal Batista, do qual tiramos informações valiosas.

A todos os professores do Mestrado em Ciências da Religião, que contribuíram direta e indiretamente para a nossa formação intelectual, e em especial ao nosso querido orientador, professor Dr. Newton Cabral, por sua paciência e amizade, sua capacidade para o diálogo nos fez compreender a importância de uma pesquisa científica.

Por fim, a todos aqueles que direta e indiretamente compartilharam conosco as nossas angústias e alegrias, dúvidas e certezas, sobretudo suportando nossas chatices, muitas vezes tendo nos ouvido e incentivado, até a consecução de todos os objetivos propostos.

Jairo Girolamo, amigo e companheiro de monografia no curso de especialização em História do Brasil, pela confiança e motivação.

LISTA DE ABREVIATURAS

ACA	Associação Cristã Acadêmica
ADF	Associação Democrática Feminina
AI-5	Ato Institucional n. 5
AP	Ação Popular
CAMDE	Campanha da Mulher em Defesa da Democracia
CDFR	Cruzada Democrática Feminina do Recife
CFC	Confederação das Famílias Cristãs
CLAI	Conselho Latino Americano de Igrejas
CMI	Conselho Mundial das Igrejas
CNBB	Confederação Nacional dos Bispos do Brasil
CPC	Centro Popular de Cultura
CRUZADA ABC	Cruzada de Ação Básica Cristã
CRF	Cruzada do Rosário em Família
FENIP	Federação Nacional de Igrejas Presbiterianas
FESP	Fundação do Ensino Superior de Pernambuco
FIESP	Federação das Indústrias do Estado de São Paulo
INED	Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Econômico Social
IPB	Igreja Presbiteriana do Brasil
IPC	Igreja Presbiteriana Conservadora
IPF	Igreja Presbiteriana Fundamentalista
IPI	Igreja Presbiteriana Independente do Brasil
IPR	Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil
IPU	Igreja Presbiteriana Unida do Brasil

IPES	Instituto de Pesquisas Econômica Sociais
JOC	Juventude Operária Católica
JUC	Juventude Universitária Católica
LIMDE	Liga das Mulheres Democráticas
MAF	Movimento de Arregimentação Feminina
MEB	Movimento de Educação de Base
MFC	Movimento Familiar Cristão
MOBRAL	Movimento Brasileiro de Alfabetização
SUDENE	Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste
UCEB	União Cristã de Estudantes do Brasil
UIECB	União das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil
UNICAP	Universidade Católica de Pernambuco
UNESCO	United Nations Education Social and Cultural Organization
USAID	Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional

INSTITUIÇÕES PESQUISADAS

Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – Recife

Biblioteca Pública Estadual – Recife

Biblioteca Central da UFPB – João Pessoa

Biblioteca Central da UFPE – Recife

Biblioteca Central da UNICAP – Recife

Colégio Americano Batista – Recife

Colégio Evangélico Agnes Erskine – Recife

Colégio Quinze de Novembro – Garanhuns – PE

Fundação Joaquim Nabuco – Recife

Seminário Batista do Norte do Brasil – Recife

Seminário Presbiteriano do Norte – Recife

RESUMO

O golpe militar de 1964 significou um verdadeiro retrocesso político no caminho rumo a uma sociedade justa e fraterna, pois instaurou um regime ditatorial e antidemocrático. Setores protestantes passaram a apoiá-lo, caracterizando uma negação dos valores cristãos democráticos, pois as mesmas igrejas, que defendiam a tese de que a ideologia protestante se baseava na liberdade de comportamento e no livre arbítrio, tornaram-se autoritárias e repressoras, tratando os que se opunham ao novo regime de forma inquisitorial. A Marcha da Família com Deus pela Liberdade, no Recife, significou o apoio de grupos religiosos, tanto protestantes, quanto católicos, ao golpe militar de 1964, apoio dado em nome da preservação dos valores cristãos e democráticos que estariam sendo ameaçados. Pessoas colocadas na cúpula das igrejas protestante e católica se uniram contra um inimigo comum: o comunismo. Dentro de tal contexto estudamos a Cruzada de Ação Básica Cristã (Cruzada ABC), movimento protestante de educação de jovens e adultos, sustentado por um acordo entre a USAID, o Colégio Agnes Erskine, de Recife, e a SUDENE, que alegava ter um caráter filantrópico. Ressaltamos o conteúdo religioso da Cruzada ABC e seu proselitismo, inspirado nos valores da sociedade estadunidense.

Palavras-chave: Religião X política; poder; modelos eclesiais.

ABSTRACT

The military coup of 1964 indicated a genuine political retreat in the movement for a just and fraternal society, because it established a dictatorial and antidemocratic regime. Protestant groups began to support it. In doing so they were embracing a denial of democratic and christian values, since these very churches, by defending the theory of protestant ideology, based on liberty and free will, became themselves authoritarian and repressive, treating those opposed to the new regime as enemies without the due process of law. The March of the Family with God for Freedom, in Recife, meant that the support of protestant and catholic religious groups for the military coup of 1964, were actually threatening the preservation of christian and democratic values. People in leadership of protestant and catholic churches joined against a common enemy: communism. In this context we study the Crusade of Christian Basic Action (Cruzada ABC), a protestant educational movement of youths and adults, sustained by an agreement among USAID, the Colégio Agnes Erskine of Recife, and SUDENE, which alleged to be philanthropic. We emphasize the religious content and proselytism of the Cruzada ABC, inspired by the social values of the United States.

Key-words: Religion X politics; power; ecclesiatic models.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 OS PROTESTANTES NO BRASIL	15
1.1 Protestantismo missionário.....	15
1.2 Presbiterianismo no Brasil.....	20
1.3 Os batistas no Brasil.....	24
2 O APOIO DE SETORES RELIGIOSOS AO GOLPE MILITAR DE 1964	27
3 OS PROTESTANTES E O REGIME MILITAR NO PERÍODO DE 1964 A 1971	46
3.1 Os protestantes e os governos militares (1964 a 1971).....	46
3.2 O regime militar no período de 1964 a 1971.....	65
3.3 Pernambuco e o regime militar (1964 a 1971)	66
4 A CRUZADA ABC (1965 A 1971).....	71
4.1 Origem.....	72
4.2 Expansão.....	85
4.3 Extinção.....	101
CONSIDERAÇÕES FINAIS	104
REFERÊNCIAS	107
a) Livros e periódicos.....	107
b) Jornais.....	110
c) Material eletrônico	111
d) Entrevistas.....	111
APÊNDICE – Relação dos entrevistados	112
ANEXOS	
ANEXO A – Caderno iconográfico.....	113

INTRODUÇÃO

Na década de 1960, por meio da Cruzada ABC, os protestantes passaram a atuar na área da educação de jovens e adultos, colaborando com os poderes constituídos; houve uma negação dos valores cristãos e democráticos, e o desrespeito aos direitos individuais e sociais tornou-se comum. Naquela época, o Estado autoritário encontrou na Cruzada ABC, de origem protestante (formada principalmente por batistas e presbiterianos), um grande aliado no combate ao comunismo.

Rubem Alves, no livro “Protestantismo e repressão” (1982), defende a tese de que a ideologia protestante, que se baseava na liberdade de comportamento e no livre arbítrio, mudou, tornando-se conservadora, autoritária e repressora, tratando os protestantes heterodoxos de forma inquisitorial, em uma espécie de inquisição sem fogueira. Essa atitude intransigente de grupos protestantes no Brasil verificou-se de forma efetiva na década de sessenta, quando os setores dirigentes religiosos colaboravam com o regime imposto através da imprensa escrita e falada.

Foi assim que os protestantes, inseridos na situação implantada em 1964, encontraram uma maior justificativa para excluir de seu meio os comunistas e os considerados “hereges”, do ponto de vista teológico. Neste trabalho enfocamos a participação de alguns setores das igrejas protestantes, em especial dos batistas e presbiterianos, principalmente através da Cruzada ABC, em apoio ao golpe militar no Brasil, durante o regime autoritário por ele implantado entre os anos de 1965 e 1971.

Dividimos nosso trabalho em quatro capítulos. No primeiro, intitulado OS PROTESTANTES NO BRASIL, buscamos traçar uma panorâmica do contexto referenciador do protestantismo em terras brasileiras, suas concepções na formação do protestantismo brasileiro. Enfocamos as duas principais igrejas do chamado protestantismo histórico: os presbiterianos e os batistas. Para isso, nossa pesquisa requereu preocupação com o entendimento de nuances da atuação do protestantismo no Brasil e dos significados e desdobramentos das diversas cisões ocorridas principalmente entre os presbiterianos.

No segundo capítulo, cujo título é O APOIO DE SETORES RELIGIOSOS AO GOLPE MILITAR DE 1964, estudamos o golpe militar de 1964, percebendo que ele significou um verdadeiro retrocesso político no caminho rumo a uma sociedade justa e fraterna, pois exibiu um regime ditatorial e antidemocrático. Setores protestantes passaram a apoiar o regime de 64, caracterizando uma negação dos valores cristãos democráticos, pois

parte da mesma Igreja, que defendia a tese de que a ideologia protestante se baseava na liberdade de comportamento, tornou-se conservadora, autoritária e repressora, tratando os que se opunham àquele regime de forma inquisitorial. O golpe militar encontrou nos setores protestantes um eficiente aliado.

A Marcha da Família com Deus pela Liberdade, no Recife, representou o apoio de setores católicos e protestantes ao golpe militar de 64, apoio dado em nome da preservação dos valores cristãos e democráticos, que estariam sendo ameaçados pelo comunismo. Setores católicos e protestantes, em especial a cúpula dessas igrejas, se uniram contra um inimigo comum: o comunismo. O movimento de 64 encontrou na referida marcha um eficiente aliado na justificação do golpe.

No terceiro capítulo, intitulado OS PROTESTANTES E O REGIME MILITAR NO PERÍODO DE 1964 A 1971, enfocamos o apoio de setores protestantes ao regime militar através da imprensa evangélica, desde o momento da eleição do primeiro presidente do regime até o momento de sua institucionalização no ano de 1968.

A partir do quarto capítulo, cujo título é A CRUZADA ABC, estudamos o movimento Ação Básica Cristã, uma mobilização protestante em favor da educação de jovens e adultos, sustentada por um acordo entre a USAID, o Colégio Agnes Erskine de Recife e a SUDENE. A Cruzada ABC alegava ser um movimento filantrópico, apesar de, na prática, essa não ser característica tão marcante, como pretendemos demonstrar, tanto através dos documentos oficiais, quanto das cartilhas e dos depoimentos de alguns dos participantes. O objetivo geral do trabalho foi analisar o conteúdo religioso da Cruzada ABC, recorrendo aos depoimentos orais de alguns de seus membros, bem como pesquisando o material da própria cruzada, como as cartilhas usadas pela instituição durante os encontros de alfabetização, ressaltando o proselitismo religioso inspirado nos valores da sociedade estadunidense; no capítulo, passamos pela origem, pela expansão e pela extinção da Cruzada ABC.

Fizemos uso de depoimentos orais, apesar de termos enfrentado algumas dificuldades como, por exemplo, o fato de os entrevistados serem, em sua maioria, pessoas propectas. Inúmeros contatos foram feitos e, em muitos deles, não obtivemos sucesso. Conseguimos realizar cinco entrevistas. Deparamo-nos também com adversidades oriundas dos entrevistados, visto que muitos possuem visões distintas a respeito da Cruzada ABC.

No caso dos ex-dirigentes, apenas uma das contatadas, que esteve mais de perto envolvida com o início do movimento, a senhora Zulmira Carvalho, fez-nos chegar à conclusão de que não queria gravar um depoimento; embora sabendo tratar-se de um estudo da Cruzada ABC, dizia ter perdido o material da cruzada nas enchentes que assolaram a

cidade do Recife nos anos 60 e 70. Quando argumentávamos que sua entrevista seria de nosso interesse, independentemente do material perdido, a senhora alegava não dispor de tempo e requeria um novo contato. Nossas tentativas redundaram em 08 a 10 ligações telefônicas; ao sermos informados da igreja que a mesma freqüentava, fomos ao seu encontro. E ela, mais uma vez, alegou não dispor de tempo; a partir desse encontro, compreendemos que a ex-dirigente não estava propensa a colaborar com nossa pesquisa e, assim, não mais insistimos em seu depoimento.

Aliás, a alegação de que as cheias haviam destruído o material que guardavam foi recorrente nos contatos mantidos. Um ex-diretor de uma das áreas da cruzada usou a mesma explicação: após ser entrevistado, quando de posse da transcrição da entrevista, reusou-se a assinar o termo de consentimento, alegando que alguns trechos não havia falado, apesar de nós termos levado a gravação que fora reproduzida. Tivemos também a recusa de uma outra pessoa, ex-membro da Cruzada ABC, que de uma maneira ríspida atendeu ao nosso telefonema, desligando de maneira agressiva, ao saber o assunto que motivava o telefonema. Essa recusa que caracteriza a opção pelo silêncio nos leva a concordar com Orlandi quando afirma que “o silêncio não é o vazio, ou o sem-sentindo; ao contrário, ele é o indício de uma instância significativa. Isso nos leva à compreensão do “vazio” da linguagem como um *horizonte* e não como *falta*”¹. Infelizmente, não conseguimos entrevistar um dos fundadores da cruzada, pois o mesmo faleceu antes que pudéssemos lograr algum êxito. Só conseguimos entrevistar uma ex-alfabetizanda; a Cruzada ABC era um programa de alfabetização de adultos, com um percentual alto de pessoas idosas; transcorridos mais de 40 anos do movimento, a maioria dos alfabetizados já não está entre nós.

Seguindo instruções do professor orientador, os entrevistados tiveram acesso à transcrição de seus depoimentos. Após essa etapa, assinaram a autorização para uso de seus depoimentos na dissertação, à exceção de um dos entrevistados, o qual se recusou a assinar o referido documento, o que significou a não utilização da entrevista concedida.

Para ouvir as cinco pessoas, tivemos que nos deslocar até os bairros de Santo Amaro, Cidade Universitária, Pina, Boa Vista e Derby, ou seja, a gravação dos depoimentos não implicou deslocamentos além da cidade do Recife.

¹ ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas: UNICAMP, 2007. p. 68. Grifos originais.

As condições das entrevistas foram subordinadas ao tempo disponível dos entrevistados e à habilidade dos mesmos em narrar suas experiências na cruzada. A transcrição das entrevistas consumiu aproximadamente umas 14 horas de trabalho.

Enfatizamos ainda que também encontramos dificuldades quanto à pesquisa documental, por causa de fatores como os acima citados. Da mesma forma, não foi fácil, e o quantitativo listado comprova, conseguir pessoas dispostas a conceder depoimentos orais, provavelmente por causa de motivações que, a nosso ver, se amparam em questões pessoais e ideológicas.

Foram ouvidas as seguintes pessoas representantes de alguns dos diversos segmentos que compunham a Cruzada ABC: ex-coordenadores da cruzada: a senhora Valdívnia Soares Correia e o senhor João Virgílio Ramos André; ex-professoras da cruzada, as senhoras Jacira Pereira Ferreira e Virgínia Maria Almoêdo de Assis; e uma ex-aluna, a senhora Maria das Graças Silva.

1 OS PROTESTANTES NO BRASIL

1.1 Protestantismo missionário

O movimento protestante, desde a sua origem – com a Reforma, nos séculos XV e XVI –, foi marcado por uma contradição entre liberdade e autoritarismo que até hoje não se encontra completamente resolvida, mesmo porque tal contradição é comum em muitas instituições sociais.

Esses dois valores que constituíam originalmente o mundo protestante – liberdade de consciência e livre exame – eram uma reação ao comportamento político e eclesial da Igreja Católica que, durante toda a Idade Média, monopolizava a interpretação da Bíblia e procurava dar uma uniformidade ao pensamento cristão.

Com o desenvolvimento histórico do movimento protestante, aquele espírito fundador, baseado na liberdade e no livre exame, foi dando lugar a uma postura ortodoxa, dogmática e autoritária. No processo histórico vivenciado pelo Protestantismo, o comportamento daqueles que questionavam e contestavam a ordem estabelecida das coisas, tornou-se muito perigoso. Quem contestava a nova ordem estabelecida tinha por projeto político a abolição de um mundo e a gestação de um outro, pretendendo também a desestruturação de verdades cristalizadas pela instituição religiosa.

Tais aspectos, presentes em setores protestantes, se materializaram no comportamento político de parte da instituição, na sua tendência de estar, em um dado momento, atrelada às estruturas autoritárias de poder e opressão e, em um outro momento, engajada com os valores da liberdade e da justiça social. Isso evidencia a dificuldade existente no discurso de grupos protestantes frente à pluralidade e ao relativismo cultural. Assim sendo, é muito difícil, para determinadas parcelas do universo protestante, a tolerância para com outras formas de expressão religiosa que não comunguem com a mesma raiz do pensamento eclesiástico.

O que caracteriza o protestantismo é a conversão, que inclui a decisão consciente de renunciar à forma de ser anterior, a fim de se tornar um discípulo de Cristo. Portanto, a pessoa deverá mudar suas crenças e seus sentimentos para aceitar a vontade de Deus. Esse tipo de protestantismo inserido no Brasil, com características conversionistas e individualistas, trouxe um problema, pois o crente é chamado à lealdade a sua denominação.

Como destaca Peter Berger, a religião desempenha um papel importante na vida do ser humano:

Pode-se dizer, portanto, que a religião desempenhou uma parte estratégica no empreendimento humano da construção do mundo. A religião representa o ponto da auto-exteriorização do homem pela infusão, dos seus próprios sentidos sobre a realidade. A realidade supõe que a ordem humana é projetada na totalidade do ser. Ou por outra, a religião é a ousada tentativa de conceber o universo inteiro como humanamente significativo².

O protestantismo de origem missionária, instalado no Brasil em meados do século XIX (1850), tinha como referência o estilo de vida americano, principalmente nos aspectos patriótico e racista. Uma vertente bastante forte que caracteriza o tipo de protestantismo trazido pelos missionários estadunidenses, foi a “Teologia do Reavivamento”, que apregoa ser a fé determinada pela experiência pessoal e emotiva³, elaborada por João Wesley, oriunda de uma variação do Calvinismo que ganhara corpo na era metodista⁴. Esse modelo de protestantismo dava ênfase à conversão individual e ao rompimento radical com o seu ambiente cultural, através da adoção de novos padrões de conduta opostos àqueles em que a pessoa havia sido criada.

A imagem de um país economicamente mais rico e culturalmente “superior” viabilizou o expansionismo anglo-saxão, com seus movimentos protestantes na reconquista e na recolonização do continente americano, pois o mundo católico não respondia mais aos interesses de uma burguesia em ascensão.

Inicialmente, a implantação do protestantismo no Brasil ocorreu com os imigrantes alemães. Esse pioneirismo teve como marco inicial a comunidade de Nova Friburgo, no Rio de Janeiro, fundada em 1824, pelo Pastor Friedrich O. Saverbronn, com 334 imigrantes alemães. “Uma outra comunidade fundada por alemães em 1824 – no Rio dos Sinos, Sul do país – recebeu o nome de São Leopoldo, em homenagem à Imperatriz Leopoldina”⁵.

A adoção do protestantismo, chegado de terra estranha, esbarrou no problema da inserção de um modelo de teologia transplantado pelos missionários americanos. Também foi de encontro ao comportamento político decorrente desse modelo, baseado numa teologia enfatizadora da conversão individual e do rompimento radical com o ambiente cultural, por

² BERGER, Peter L. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985. p. 41.

³ MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002. p. 32.

⁴ *Ibid.*

⁵ *Ibid.*, p. 27.

meio da adoção de padrões de conduta muito diferentes daqueles em que os brasileiros tinham sido criados.

De fato, o protestantismo introduzido no Brasil no século XIX (1850) acreditava que o indivíduo era o responsável pelo bem-estar social e que isso, como considerava o reavivalista João Wesley, não era responsabilidade do Estado. O importante era o esforço pessoal e individual. Essa é uma característica premente que determinou todo o comportamento social dos protestantismos estadunidense e brasileiro. A ênfase para a reforma social era dada na conversão do indivíduo e na busca da paz com Deus e com os outros.

Para Mendonça, o protestantismo que chegou no Brasil sofreu algumas modificações em relação aos países de origem; citando Weber, o mesmo autor faz algumas ressalvas:

Para ele, o protestantismo viu a pobreza como um problema individual. Só a conversão individual poderia tirar o ser humano de sua situação de pobreza. A conversão do indivíduo um após outro, transformaria a sociedade. Weber não viu o espírito do capitalismo à luz da ética protestante. Ao contrário, viu o espírito do protestantismo à luz da ética capitalista. O foco foi invertido. A essas críticas Rubem Alves acrescenta um dado importante: as teses de Max Weber não tiveram aplicação na América Latina. O protestantismo que Weber descreveu não chegou aqui. No Brasil, a ética protestante é interiorizada e individualizada. O fiel recorre à disciplina comportamental não para transformar o mundo mas para dominar e reprimir-se. Ele tem consciência de que é diferente e de que o mundo seria bem melhor se todos fossem iguais a ele⁶.

Não é nosso objetivo analisar a fragmentação e a conseqüente diversidade de denominações protestantes no Brasil, mas acentuarmos, embora de forma não absoluta, que tal fragmentação não é fruto de um comportamento democrático dos protestantes, mas sim de um espírito que não convive facilmente com divergências em seu ambiente religioso.

Rubem Alves defende que o protestantismo produz cismas em razão de ser uma instituição totalmente destituída de elasticidade e que tal corrente religiosa não dá lugar, em seu interior, para a interpretação divergente da fé, posto que é absolutista⁷.

Essa postura absolutista apontada no protestantismo contribuiu para aproximá-lo da estrutura política que se instalou no Brasil com a implantação do regime militar (em abril de 1964), algumas denominações declarando abertamente simpatia e apoio aos militares e outras colaborando com o sistema através de acordos silenciosos, saudando o movimento de 1964 como de caráter cívico e democrático.

⁶ MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002. p. 210.

⁷ ALVES, Rubem. **Religião e repressão**. São Paulo: Loyola, 2005. p. 54.

Muitos missionários protestantes contribuíram para a desintegração das igrejas em diversas denominações, o que pode ser considerado fruto de um espírito que tem dificuldade de conviver com as diferenças. Por esse motivo, parece-nos mais conveniente falar em “protestantismos” do que em protestantismo brasileiro; embora não deixemos de fazê-lo nesta dissertação, chamamos a atenção para o fato de que tentamos ter uma visão plural da complexidade do campo religioso protestante.

Parcelas do protestantismo brasileiro seguem sendo uma projeção do estadunidense. As igrejas protestantes brasileiras, principalmente as de origem missionária, se nutrem do ideário da religião civil dos Estados Unidos. Esse ideário caracteriza-se pela exaltação do individualismo, do conversionismo e de uma postura política conservadora e anticomunista. Segundo Cândido, os missionários, procedentes em sua maioria dos Estados Unidos, disseminaram concepções de vida e maneira de agir coerentes com o sistema valorativo prevalecente em sua cultura de origem⁸. Tal visão é também defendida por Rubem Alves, quando afirma que os missionários norte-americanos sempre foram representantes de uma cultura diferente, uma vez que, ao pregar o evangelho, difundiam os valores culturais de seus locais de origem⁹. Sabemos, todavia, não ser essa uma peculiaridade de grupos protestantes, uma vez que entre os missionários católicos houve, muitas vezes, confusão entre evangelho e cultura.

Há indícios de que a expansão missionária protestante esteve atrelada à expansão imperialista norte-americana, sendo esse movimento missionário um importante, se não o principal, veículo da propagação dos valores culturais dos Estados Unidos da América do Norte.

Como enfatiza Mendonça com a expansão missionária,

Há uma correspondência histórica entre as invasões protestantes no Brasil e as tentativas de rompimento da hegemonia latino-católica por parte do mundo anglo-saxão protestante. Esse rompimento se dá aos poucos e se consolida no século XIX quanto ao político e econômico, mas não quanto à religião e à cultura, já definitivamente implantadas. É por isso que o Brasil, assim como toda a América Latina, sendo dependente econômica e politicamente do mundo anglo-saxão, permanece latino sob o prisma da religião e da cultura. Conseqüentemente o protestantismo, pelo menos histórico, continua sendo corpo estranho na sociedade brasileira¹⁰.

Para Rubem Alves, o próprio modelo político, econômico e cultural dos Estados Unidos se apresenta, conseqüentemente, como uma utopia implícita no protestantismo. Isso

⁸ CÂNDIDO, Procópio de Camargo. **Católicos, protestantes e espíritas**. Petrópolis: Vozes, 1974. p. 143.

⁹ ALVES, 2005, p. 64.

¹⁰ MENDONÇA; VELASQUES FILHO, 2002, p. 33

quer dizer, em decorrência da análise efetuada pelo referido autor, que o estilo de vida norte-americano corresponde aos desejos que os protestantes brasileiros assimilaram. Converter-se ao protestantismo significava, portanto, romper com as tradições culturais de feições católicas – e, portanto, européias – e aderir às tradições anglo-saxônicas.

Ressaltamos que, ao contrário do que Émile G. Leonard, um dos primeiros historiadores do protestantismo brasileiro, pensava a respeito da origem do protestantismo instalado no Brasil, vinculando-o ao continente europeu¹¹, para Mendonça, “o movimento protestante missionário veio dos Estados Unidos, com raízes na Reforma Inglesa”¹². Está justamente aí a intenção pragmática desse modelo de protestantismo: ser um elemento transformador da sociedade através da transformação dos indivíduos, fazendo uma exaltação ao individualismo.

O protestantismo instalado no Brasil, em cuja origem missionária se encontrava uma postura individualista e conversionista, gerou uma ética extremamente isolacionista e, acima de tudo, excludente, não só no ambiente cultural e nas relações macro-históricas, mas também capaz de romper os contatos familiares mais íntimos.

Para Antônio Gouvêa de Mendonça, a ética de exclusão se expressa freqüentemente em cânticos conversionistas como este:

Caminhando vou pra Canaã,
Caminhando vou pra Canaã,
Se você não vai, não importa a mim!
Se você não vai, não importa a mim!
Caminhando vou pra Canaã,
Se meu pai não vai, não importa a mim...¹³

O denominacionalismo foi uma das grandes heranças dos missionários protestantes estadunidenses, fazendo com que as igrejas se fortalecessem, em uma espécie de individualismo eclesial que rejeitava a união com outras instituições cristãs.

Para o reformador Wesley, a ênfase para a reforma social era a conversão do indivíduo e a busca da paz com Deus e com os outros. Amar a Deus traduzia-se, conseqüentemente, em amar o próximo.

É bem verdade que as missões protestantes não possuíam apenas objetivos religiosos, uma vez que o século XIX foi marcado pelo desenvolvimento do capitalismo monopolista e pela ideologia liberal. As missões protestantes desejavam, através do seu

¹¹ LÉONARD, Émile G. **O protestantismo brasileiro**. São Paulo: Aste, 2002. p. 76-77.

¹² MENDONÇA; VELASQUES FILHO, 2002, p. 33.

¹³ MENDONÇA; VELASQUES FILHO, 2002, p. 33.

projeto de nova cristandade, disseminar uma concepção de mundo que se traduzia na cultura e na moralidade.

A inserção permanente das igrejas missionárias no Brasil deu-se em 1855, no Rio de Janeiro, com a fundação da Igreja Evangélica Fluminense. Não foi um missionário norte-americano quem fundou a primeira igreja, mas um escocês, Robert Reid Kalley¹⁴ que se inseriu “no grupo de Igrejas missionárias norte-americanas pela sua natureza teológica, a mesma dos avivamentos religiosos que ocorreram na Inglaterra e se transferiram para os Estados Unidos na passagem do século XVIII para o século XIX”¹⁵.

Os Kalley legaram a matriz teológica do pensamento religioso popular protestante no Brasil. Eles introduziram a teologia conversionista simples, semelhante à dos avivamentos, e produziram um livro de hinos (salmos e hinos), composto de uma variedade teológica em que se destacam elementos como o pietismo e a emoção¹⁶.

A teologia dos Kalley dominou – e domina até hoje em dia – o protestantismo de origem missionária no Brasil, preponderantemente nos seus hinários. Os cânticos posteriores têm como ponto de partida e inspiração o hinário dos Kalley. Eles trouxeram para o Brasil o congregacionalismo, que era um ramo calvinista das igrejas livres da Inglaterra, diferente das presbiterianas, por praticar a democracia direta, enfatizando o discurso da autonomia das igrejas locais.

O conteúdo teológico das igrejas congregacionais é o mesmo das outras igrejas de procedência missionária: o conversionismo para a salvação individual. Em nível nacional, as igrejas evangélicas congregacionais são representadas pela União das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil (UIECB).

Os congregacionais são, em sua maioria, de formação conservadora e opõem-se à união com outras instituições eclesiásticas e ao movimento ecumênico. Seu perfil socioeconômico é de classe média.

1.2 Presbiterianismo no Brasil

Um outro ramo das missões protestantes que se estabeleceram no Brasil e que se destacou, principalmente na educação, foi o dos presbiterianos. Os presbiterianos surgiram no

¹⁴ KALLEY, Robert Reid. Disponível em: <<http://www.robertreidkalley.xpg.com.br/>> Acessado em 14.07.2007.

¹⁵ MENDONÇA; VELASQUES FILHO, 2002, p. 34.

¹⁶ MENDONÇA; VELASQUES FILHO, 2002, p. 34.

Brasil com a presença do missionário Ashbel Green Simonton,¹⁷ na cidade do Rio de Janeiro, onde fundou, em 1862, a primeira igreja. Foi a denominação que mais se propagou no século XIX, principalmente em São Paulo.

As pregações do ex-padre José Manuel da Conceição, convertido ao presbiterianismo, favoreceram o crescimento dos presbiterianos; ele foi o primeiro pastor protestante brasileiro. Sua expansão só foi superada pelo avanço dos batistas, no começo do século XX¹⁸.

Os presbiterianos exerceram suas atividades em duas frentes:

1. evangelização conversionista, formando diversas congregações pela zona rural da província de São Paulo e do sul de Minas;
2. educação, organizando e fundando, em 1870, a Escola Americana, em São Paulo, hoje Universidade Mackenzie¹⁹, e uma grande variedade de colégios em distintas províncias.

No Brasil, os presbiterianos – do ponto de vista teológico –, em oposição ao Calvinismo ortodoxo, são conversionistas e enfatizam o emocionalismo.

Fruto de várias divisões características do denominacionalismo herdado das missões norte-americanas, os presbiterianos brasileiros se estruturam, atualmente, em inúmeros grupos diferentes entre si, com relativas divergências de tendências. São eles:

Igreja Presbiteriana do Brasil – além de ser a que mais cresceu no século XIX, foi a primeira a obter autonomia formal em relação às igrejas-mãe norte-americanas²⁰. Foi fundada pelo missionário Ashbel Green Simonton (1833-1867), que chegou ao Brasil em 1859. No decorrer de vinte anos, foram criadas outras igrejas presbiterianas que também se consideram fruto da herança calvinista. São elas: a Igreja Presbiteriana Independente do Brasil – 1903, com sede em São Paulo; a Igreja Presbiteriana Conservadora – 1940, com sede em São Paulo; a Igreja Presbiteriana Fundamentalista – 1956, com sede em Recife; a Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil – 1975, com sede na cidade de Arapongas, Estado do Paraná, e a Igreja Presbiteriana Unida – 1978, com sede no Rio de Janeiro.

¹⁷ SIMONTON, Ashbel Green. Disponível em: <http://www.ipb.org.br/quem_somos/historia_ipb_fotos.php3> Acessado em 14.07.2007.

¹⁸ MENDONÇA; VELASQUES FILHO, 2002, p. 35.

¹⁹ MATOS, Alderi Souza de. **Os pioneiros presbiterianos do Mackenzie**. Disponível em: <<http://www.mackenzie.com.br/teologia/Historia%20da%20Igreja/6%20Presbiterianismo%20brasileiro/6%20mackenzie/b%20PioneirosPmack.htm>> Acessado em 14.07.2007a.

²⁰ MENDONÇA; VELASQUES FILHO, 2002, p. 37.

Igreja Presbiteriana Independente do Brasil – IPI: surgiu em 1903 como uma denominação totalmente nacional, sem vinculação com igrejas estrangeiras²¹. É consequência de um projeto nacionalista do reverendo Eduardo Carlos Pereira, que discordou do sínodo da Igreja Presbiteriana do Brasil em relação a questões como a educação e a Maçonaria. Carlos Pereira foi um grande gramático, editou alguns livros de língua portuguesa. Foi também abolicionista e participou dos trabalhos da tradução brasileira da Bíblia. A Igreja Presbiteriana Independente do Brasil tinha, naquele período, aproximadamente 4.000 membros e 56 templos. Criou um seminário no Estado de São Paulo e o seu sínodo foi instalado em 1908, inicialmente, com três presbíteros. Nos anos 50, surgiu o Supremo Concílio, composto por três sínodos, dez presbitérios, 180 templos e 105 ministros evangélicos. Também há um jornal oficial da igreja chamado O Estandarte, fundado em 1903.

Igreja Presbiteriana Conservadora – IPC: surgiu nos anos 40 do século XX, pela ação de membros da Liga Conservadora da Igreja Presbiteriana Independente e tinha como líder o reverendo Bento Ferraz. Em 1957, contava com mais de vinte igrejas, em quatro estados, e tinha um seminário²². O reverendo foi pastor de diversas igrejas, dentre as quais se destacam Campinas, Rio de Janeiro e São Paulo, e foi admitido, por concurso público, como professor de língua portuguesa no "Gymnasio" de Campinas. Seu jornal oficial é chamado O Presbiteriano Conservador. É filiada à Aliança Latino-americana de Igrejas Cristãs e à Confederação de Igrejas Evangélicas Fundamentalistas do Brasil.

Igreja Presbiteriana Fundamentalista – IPF: o movimento fundamentalista, no Brasil, originou-se em Pernambuco e teve como precursor o reverendo Jerônimo Gueiros, que lutou contra o catolicismo romano no Ceará, a heterodoxia, o espiritismo e o modernismo teológico. Nos anos 50 do século passado, o meio protestante foi agitado pelo modernismo teológico. Naquele período, em Recife, o Seminário do Norte – pertencente à Igreja Presbiteriana – foi acusado de modernismo pelo pastor da Primeira Igreja Presbiteriana do Recife, Israel Gueiros, ligado ao Concílio Internacional de Igrejas Cristãs. Israel Gueiros criou outro seminário e foi destituído pelo Presbitério de Pernambuco, em julho de 1956. Em 21 de setembro foi organizada a IPFB com quatro igrejas locais (inclusive elementos batistas e congregacionais), que formaram um presbitério com 1800 membros²³.

²¹ MATOS, Alderi Souza de. **História da Igreja Presbiteriana do Brasil** – denominações presbiterianas no Brasil. Disponível em: <<http://www.ipb.org.br/institucional.php3?idins=67>> Acessado em 14.12.2007b.

²² MATOS, 2007b.

²³ *Ibid.*

Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil – IPR (pentecostal): nasceu no auge do avivamento espiritual que se instaurou no meio presbiteriano, na década de 1960²⁴. Naquela década, a Igreja Presbiteriana do Brasil vivia um “movimento de renovação” e, como consequência desse processo, foi criada no interior do Paraná (na cidade de Cianorte) a Igreja Cristã Presbiteriana. No ano de 1972, uma parte da Igreja Presbiteriana Independente se separou, dando origem à Igreja Presbiteriana Renovada – com sede na Cidade de Assis – no Estado de São Paulo. Três anos depois, a Igreja Cristã Presbiteriana e a Igreja Presbiteriana Renovada se juntaram e formaram a Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil.

Igreja Presbiteriana Unida do Brasil – durante a administração do reverendo Boanerges Ribeiro (1966 a 1978), na Igreja Presbiteriana do Brasil, membros da igreja criticavam-no por causa da postura conservadora que a igreja seguia. Dessa disputa se originaram dois grupos dissidentes. No ano de 1974, elementos do Presbitério de São Paulo fundaram a Aliança de Igrejas Reformadas. Quatro anos depois, surgiu a Federação Nacional de Igrejas Presbiterianas (FENIP), na cidade de Atibaia, no Estado de São Paulo. Em Vitória do Espírito Santo – na década de 1980 – a Federação Nacional das Igrejas Presbiterianas adotou o nome de Igreja Presbiteriana Unida do Brasil e segue uma postura teológica liberal e pluralista.

Nessa igreja se destacou o pastor Jaime Wright que, em 1973, teve seu irmão, Paulo Wright, deputado estadual cassado por Santa Catarina e militante esquerdista, desaparecido nos porões da ditadura:

Assassinado em 1973, quando a cúpula da ditadura militar decidiu exterminar o comando das organizações armadas, o deputado Paulo Wright, irmão do reverendo, morreu aos 40 anos de idade. Carregando o remorso e a culpa que sempre corroem os familiares nessas horas, Jaime Wright era um religioso com discreta atividade política quando começou a procurar pelo irmão, agindo como se não pudesse acreditar em sua morte. Aproximando-se de familiares de presos políticos que se movimentavam em torno da Cúria Metropolitana, participou do boletim Clamor, que defendeu perseguidos políticos do Uruguai, da Argentina e do Chile. Mais tarde, teve um papel decisivo na visita de Jimmy Carter ao Brasil, quando Dom Paulo Evaristo Arns desafiou o governo militar ao se encontrar com o presidente dos Estados Unidos, a quem entregou uma lista de desaparecidos políticos. Wright abriu as portas para esse encontro ao mobilizar seus contatos nos Estados Unidos, que tinham acesso à Casa Branca²⁵.

²⁴ PRESBITÉRIO Brasil Central. Disponível em: <http://www.pbc.org.br/?i=presbiterio_quem_somos> Acessado em 18.12.07.

²⁵ WRIGHT, Jaime. Disponível em: <<http://www2.fpa.org.br/portal/modules/news/article.php?storyid=1747>> Acessado em 11.12.07.

Dos grupos acima esquematizados, apenas a Igreja Presbiteriana Unida é filiada ao Conselho Mundial das Igrejas – CMI – e adota a pluralidade de confissões de fé da Reforma²⁶. O CMI é uma entidade de caráter interdenominacional e teologicamente plural, com grandes preocupações com a dimensão social da fé.

No Brasil, os presbiterianos, como foi dito, contribuíram substancialmente no campo da educação, principalmente nos setores fundamental e médio, tendo apenas uma universidade, a Mackenzie, em São Paulo. No momento, praticamente toda a rede de escolas presbiterianas no país está sob a coordenação da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB).

No início, a inserção dos presbiterianos no Brasil ocorreu principalmente na camada livre e pobre da população rural. Atualmente seus filiados se constituem, predominantemente, da camada média da população. Essa presença significativa da classe média no rol de membros da Igreja Presbiteriana muito contribuiu para a mudança do discurso teológico, agora voltado para a ascensão social, o individualismo e o distanciamento dos aspectos sociais e políticos, tão característicos do comportamento dos extratos medianos da população.

A entrada da classe média no seio dos presbiterianos coincidiu historicamente com o processo de migração do homem do campo para a cidade, nas décadas de 30 a 50 do século XX. Nos grandes centros urbanos, a presença da classe média nessas igrejas não veio acompanhada das mudanças na teologia conservadora, o que contribuiu para o surgimento do movimento pentecostal.

A Igreja Presbiteriana do Brasil atualmente pertence ao movimento ecumênico e está a caminho da formação de uma comunidade presbiteriana mundial de fala portuguesa. É filiada ao Conselho Latino-americano de Igrejas (CLAI), organismo ecumênico-protestante de âmbito regional.

Dentre as várias denominações dos presbiterianos, se sobressai a Igreja Presbiteriana Unida do Brasil (IPU). O que nela se destaca é a abertura teológica e ecumênica, bem como a grandeza intelectual de seus ministros. Vários de seus pastores estão inseridos na vida intelectual brasileira como professores universitários.

A IPU surgiu de uma reação antiacadêmica, característica da tendência fundamentalista dos presbiterianos brasileiros, que tem eliminado do seu convívio intelectuais acusados de modernistas, por introduzirem, na hermenêutica bíblica, elementos da teoria e dos

²⁶ MENDONÇA; VELASQUES FILHO, 2002, p. 36.

métodos das ciências e do evolucionismo biológico, dando ênfase aos aspectos dinâmicos e inovadores da interpretação bíblica.

1.3 Os batistas no Brasil

Um outro ramo do protestantismo no Brasil de origem missionária norte-americana, com características teológicas bastante conservadoras, é o dos batistas, ramo vinculado à Convenção Batista dos Estados Unidos que, no século XIX, naquele país, apoiou o sistema escravocrata.

Com relação aos esquemas que incluem os batistas como membros da família de igrejas da Reforma, há uma controvérsia, pois eles não se consideram fruto da reforma protestante do século XVI.

Conforme frisa Mendonça, os batistas têm suas raízes históricas, segundo eles, no Novo Testamento. Não se consideram fruto da Reforma, embora tenham assumido seus pressupostos teológicos²⁷. A Teoria JJJ (João – Jordão – Jerusalém), ou Teoria de Sucessão Apostólica postula que os batistas atuais descendem de João Batista e que a igreja continuou através de uma sucessão de igrejas (ou grupos) que batizavam apenas adultos²⁸. A teoria associava a origem dos batistas ao movimento anabatista do século XVI, pois rejeitavam o batismo de crianças²⁹. Já para Erinel Wilges, “os adeptos desta denominação recebem batismo em idade adulta... Da Inglaterra os batistas se expandiram rumo aos Estados Unidos, onde se dividiram em torno da questão da escravatura”³⁰.

Os batistas do Nordeste dos Estados Unidos eram contra a escravidão, sendo os do sul completamente a favor do sistema escravocrata.

No Brasil, os batistas se instalaram em 1881, com a chegada dos missionários William Bagby e Zacarias Taylor, fundando a primeira igreja em 1882, na então província da Bahia.

Logo no início, os batistas dedicaram-se ao setor educacional; não havendo muitas escolas, os poucos colégios apresentavam um nível de educação básica considerado de qualidade. Pouco tempo depois, os batistas concentraram seus esforços na expansão de suas igrejas, deixando de lado os colégios e, especialmente, abandonando a preocupação de montar uma estrutura educacional voltada para o ensino superior.

²⁷ MENDONÇA; VELASQUES FILHO, 2002, p. 42.

²⁸ WILGES, Erinel. **Cultura religiosa**: as religiões no mundo. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1985. v. 1. p. 36.

²⁹ MENDONÇA; VELASQUES FILHO, 2002, p. 38.

³⁰ WILGES, Erinel. **Cultura religiosa**: as religiões no mundo. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1985. v. 1. p. 37.

Do ponto de vista teológico, as igrejas batistas no Brasil são adeptas de um pensamento individualista e conversionista, o que explica o seu distanciamento de outras igrejas.

No início do século XX, os batistas apresentaram um formidável crescimento em relação às outras igrejas de origem missionária, tornando-se a maior igreja em número de fiéis. Afirma Mendonça, justificando tal crescimento:

Eles possuem maior agressividade evangélica e anticatólica (...) Numa época em que as demais igrejas procuravam agir moderada e diplomaticamente (...) O segundo fator foi a prioridade dada a evangelização direta, não tanto a educação; o terceiro fator foi a eclesiologia mais simples e mais clara [...] O quarto fator se refere a ética rigorosa e radical, que estabelece linhas mais nítidas e seguras em relação a sociedade [...] Por fim, os Batistas consideram o Batismo um verdadeiro drama, ao batizarem os adultos por imersão [...] fazem desse rito um ato espetacular e marcante na vida dos adeptos³¹.

A Igreja Batista é – em sua maioria – urbana, sendo bastante numerosa nos centros populacionais. É também uma igreja em que boa parte dos seus membros pertence à classe média, conseguindo, no entanto, se tornar presente nas camadas populares das cidades. Como enfatiza Mendonça, o ideal de classe média e ascensão social predomina entre os batistas em razão da ética ascética protestante³².

No cenário político, a participação dos batistas é uma das mais percebidas, principalmente através de indivíduos que se elegem para o Legislativo, sendo o seu estilo político, na maioria das vezes, limitado ao testemunho evangélico e à luta pelo direito de liberdade religiosa. Não há, entre os parlamentares batistas, um projeto político direcionado para as mudanças das estruturas sociais do Brasil, pois o comportamento dos protestantes, via de regra, procura afastar a igreja dos conflitos sociais; esses membros consideram que os problemas sociais serão resolvidos com a conversão individual, a crença na transformação da sociedade através do indivíduo marca a ética social dos protestantes.

³¹ MENDONÇA; VELASQUES FILHO, 2002, p. 44.

³² MENDONÇA; VELASQUES FILHO, 2002, p. 43.

2 O APOIO DE SETORES RELIGIOSOS AO GOLPE MILITAR DE 1964

Dentre as instituições que na sociedade brasileira exercem um papel ideológico na formação e na consolidação dos padrões individualistas, morais e políticos, estão as igrejas protestantes, de missão ou históricas (batistas e presbiterianas). Presentes de forma mais efetiva desde meados do século XIX em nossas terras, essas igrejas contribuíram para a disseminação dos ideais liberais estadunidenses.

Como bem afirma Peter Berger sobre o papel das instituições:

As instituições têm sempre uma história, da qual são produtos. É impossível compreender adequadamente uma instituição sem entender o processo histórico em que foi produzida. As instituições, também, pelo simples fato de existirem, controlam a conduta humana estabelecendo padrões previamente definidos de conduta, que a caracterizam em uma direção por oposição às muitas direções que seriam teoricamente possíveis³³.

O protestantismo se considera arauto da liberdade, da democracia, da modernidade e do progresso. Mas de uma liberdade baseada no espírito individualista e utilitarista, de uma democracia dos eleitos e prósperos (e não dos condenados ou excluídos), de uma modernidade erigida sob a batuta do capitalismo e de um progresso que não leva em consideração o bem-estar de todos e sim de uma minoria.

O ideal democrático trazido pelos protestantes de origem estadunidense não implicou uma organização política horizontal.

No bojo desse ideal “democrático” está a apologia, feita pelos protestantes, da liberdade individual, que torna desnecessária e impossível a crítica às estruturas sociais e políticas, tendo em vista que a transformação da sociedade, pregada por eles, deve acontecer pela mudança íntima, pessoal e não coletiva.

Esse modelo de protestantismo implantado em nosso país tinha e tem como referência de sociedade os Estados Unidos da América do Norte. Segundo Rubem Alves³⁴, conforme já enfatizado, o modelo político, econômico e cultural dos Estados Unidos apresenta-se como utopia implícita no protestantismo, e o estilo de vida norte-americano corresponde às aspirações que os protestantes introjetaram. Por isso é importante ressaltar o elogio que os protestantes fazem da superioridade dos Estados Unidos, principalmente defendendo-os contra aqueles que os atacam, especificamente os comunistas.

³³ BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de Sociologia do Conhecimento. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 1993. p. 79-80.

³⁴ ALVES, 2005, p. 237.

Evidenciado mais fortemente nos anos 50 e 60 do século XX, um conflito de certa forma abalou as estruturas teológicas e eclesiásticas das igrejas protestantes. Ele opunha de um lado os defensores de um evangelismo social, exigindo uma transformação radical das estruturas da sociedade para uma ordem justa e fraterna; do outro os defensores de um protestantismo tradicional, vendo a realidade como uma estrutura fixa que não podia ser transformada.

Entre os maiores representantes, no Brasil, da corrente teológica voltada para o processo da transformação política e social, estavam o teólogo brasileiro Rubem Alves e o missionário norte-americano Richard Shaull. Eles dois tiveram grande preocupação com essas duas dimensões da vida.

Como destaca Mendonça com relação à nova corrente teológica surgida no meio protestante,

Richard Shaull, além de levar a chamada teologia moderna para o ambiente em que atuava, ele mesmo passou a pôr em prática uma teologia da ação e no estilo aberto e ecumênico. Shaull aponta para a natureza dinâmica de Deus e para o fato de que sua atividade na história estava prosseguindo rumo a um alvo. Essa postura de Shaull foi logo vista como uma crítica e um desafio às igrejas para que saíssem da inércia e do conformismo e tomassem parte e responsabilidade diante de um mundo em mudanças. Passou a ser incômodo³⁵.

Peter Berger, por sua vez, salienta, com relação às novas correntes teológicas que surgiram no meio protestante:

As novidades teológicas que dominaram o cenário protestante nas duas últimas décadas, todas elas basicamente parecem começar onde o liberalismo mais antigo desistiu. Isto se deu certamente com Paul Tillich e Rudolf Bultmann, e, nestes dois casos específicos, biograficamente. Tillich entendeu a função da teologia como a de “correlação” pela qual queria significar uma ajustagem intelectual da tradição cristã à verdade filosófica. Bultmann propôs um programa do que ele chamou de “desmitologização”, uma reafirmação da mensagem bíblica em linguagem livre das noções sobrenaturais do homem antigo. Tanto Tillich como Bultmann se valeram grandemente do existencialismo (particularmente como foi desenvolvido na Alemanha por Martin Heidegger) por causa dos conceitos empregados em seus esforços de traduzir o cristianismo em termos adequados ao homem moderno³⁶.

Tal renovação no campo teológico teve seus objetivos interrompidos pelo golpe militar de 1964, que encontrou no meio protestante um eficiente aliado, tanto em termos de

³⁵ MENDONÇA, Antonio Gouvêa. O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. *Revista Usp*. São Paulo, n. 67, p. 48-67, set.-nov. 2005. p. 60.

³⁶ BERGER, Peter L. *Rumor de anjos: a sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 34-35.

inibição eclesiástica, como no aspecto político, dando apoio às forças políticas reacionárias e aos conspiradores. O golpe militar, em nome da preservação dos valores democráticos e cristãos, significou um retrocesso político no caminho do país rumo a uma sociedade justa e fraterna.

Vários setores colaboraram na conspiração e na consolidação do novo regime, entre eles estavam militares, altos comerciantes, latifundiários, a classe média, setores da Igreja Católica e significativa parcela dos protestantes que, de forma silenciosa e oficial, apoiaram a implantação do golpe militar em nosso país, tendo sido tal apoio fundamental para a tomada de poder e a consolidação do novo regime político.

Alexander Durkan Reilly, referindo-se à aproximação dos protestantes com o golpe, salienta:

Houve um alto grau de aceitação da intervenção militar pelos protestantes, a princípio pelo medo que João ‘Jango’ Goulart estivesse conduzindo o país para um caos socialista e possivelmente à guerra civil. Nesse caso o novo regime representou a salvação política da pátria. Medo da esquerda e simpatia pela direita parece refletir fielmente a mentalidade protestante majoritária³⁷.

De fato, o que caracterizou o comportamento político de setores protestantes, no período conhecido como “Guerra Fria”, foi sua identificação com a permanência da estrutura social e o espírito anticomunista.

Como ressalta Peter Berger, com relação ao conservadorismo protestante,

Ainda existem, é claro, ambientes mais ou menos intactos do conservadorismo protestante. Estão tipicamente localizados às margens da sociedade urbana de classe média. São como que fortalezas sitiadas e seu espírito tende a uma militância que só superficialmente encobre um senso oculto de pânico. Por vezes, em assomos de agressão frustrada, a militância torna-se histérica. Hoje, os neo-ortodoxos, que há apenas alguns anos poderiam imaginar-se como representantes do surgimento de uma nova reforma, sentem-se diminuir em número e influência. A maioria deles são velhos veteranos de batalhas que se tornaram irreais à nova geração (como as batalhas do protestantismo alemão na década de 1930) e eles muitas vezes estão mais por fora daquilo que anima os teólogos jovens do que os conservadores da velha guarda que nunca modificaram suas ortodoxias com o (possivelmente fatal) prefixo “neo”³⁸.

Essa posição conservadora e anticomunista de setores protestantes é demonstrada a partir de posicionamentos como o de Ebenezer Cavalcanti – pastor batista da Bahia, presidente da Convenção Batista Baiana e deputado estadual – em artigo publicado no Jornal

³⁷ REILLY, Alexander Durkan. **História documental do protestantismo no Brasil**. São Paulo: Aste, 1985. p. 315.

³⁸ BERGER, 1997, p. 34.

Batista, órgão oficial da convenção dessa denominação, em 18 de janeiro de 1964, com o sugestivo título de “Missionários comunistas”, no qual fez crítica ácida às atuações da UCEB (União Cristã de Estudantes do Brasil) e da ACA (Associação Cristã Acadêmica). Começa seu artigo em tom inquisitorial e faz citações bíblicas: “Rendo minhas sinceras homenagens à inteligente equipe que organizou os ‘cadernos da UCEB’, pelo primor de estilo e pela excepcional habilidade com que se houve. A coisa foi escrita de tal jeito, que ‘se fora possível, enganariam até os escolhidos’ Mat. 24:24”³⁹.

Em seguida Ebenezer passa a acusar a referida entidade evangélica de comunista e mais uma vez usa citações bíblicas para justificar seus argumentos, acusando seus membros de “subverter o espírito, os termos, os motivos, os critérios e os propósitos do testemunho do crente evangélico, para estrangulá-lo na área de luta tipicamente comunista”⁴⁰. Percebemos que o autor usa insistentemente citações bíblicas como uma maneira de justificar seus argumentos. “Nas Igrejas protestantes o exercício do poder religioso encontra-se relativizado pela autoridade da Bíblia”⁴¹. Para Lagazzi, o comando e a autoridade só podem ser exercidos se tiverem como contraponto a obediência, uma obediência que, segundo a autora, só se mantém pela coerção⁴².

Nos parágrafos seguintes, o autor questiona a citada entidade evangélica e usa um linguajar típico da época, repleto de acusações de cunho político-ideológico: “Dirão que não passo de um **reacionário**, e o labéu odiento encerrará o diálogo, porque essa gente só acredita em solução marxista para os males de nossa sociedade em mudança. Cristo é explorado e sua Igreja vilipendiada no esquema da UCEB”⁴³.

Postura análoga aos batistas, de combate à suposta infiltração comunista em suas igrejas, tiveram os presbiterianos: “em 18 de janeiro de 1964, a Primeira Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo tornou pública uma moção anticomunista, na qual se acusava o Seminário Teológico de São Paulo, de ser *um foco de influência marxista*”⁴⁴.

Como destacam Peter Berger e Thomas Luckmann, com relação às instituições,

As instituições, como facticidades históricas e objetivas, defrontam-se com o indivíduo na qualidade de fatos inegáveis. As instituições estão *aí*, exteriores a ele, persistentes em sua realidade, queira ou não. Não pode desejar que não existam. Resistem a suas tentativas de alterá-las ou de evadir-se delas. Têm

³⁹ CAVALCANTI, Ebenezer. Missionários comunistas. **Jornal Batista**. Rio de Janeiro. 18 jan. 1964. p. 04.

⁴⁰ *Ibid.* Grifos originais.

⁴¹ WILLAIME, Jean-Paul. Do problema da autoridade nas igrejas protestantes pluralistas. **Estudos de Religião**. São Bernardo do Campo, v. 18, n. 27. dez. 2004. p.14.

⁴² LAGAZZI, Suzy. **O desafio de dizer não**. Campinas: Pontes, 1988. p. 38.

⁴³ WILLAIME, 2004, p. 14. Grifo original.

⁴⁴ CAMPOS, Leonildo Silveira. Evangélicos e o golpe militar de 1964. **Tempo e Presença**. Rio de Janeiro, v. 26, n. 334, mar./abr. 2004, p. 27. Grifo original.

um poder coercitivo sobre ele, tanto por si mesmas, pela pura força de sua facticidade, quanto pelos mecanismos de controle geralmente ligados às mais importantes delas. A realidade objetiva das instituições não fica diminuída se o indivíduo não compreende sua finalidade ou seu mundo de operação. Pode achar incompreensíveis grandes setores do mundo social, talvez opressivos em sua opacidade, mas não pode deixar de considerá-los reais. Existindo as instituições como realidade exterior, o indivíduo não as pode entender por introspecção⁴⁵.

Dando continuidade ao artigo, o autor defende os Estados Unidos que, segundo considera, estão sendo atacados; em sua análise, no conteúdo das mensagens repassadas aos adolescentes, está explícito que os mesmos devem levantar-se contra os “esquemas estruturais importados, isto é: os Estados Unidos da América do Norte, pois os cadernos atacam a tradicional política brasileira do sistema pluripartidário e desmoralizam o Congresso Nacional⁴⁶.

Essa defesa, feita pelo autor aos Estados Unidos, é ressaltada por Rubem Alves:

As relações entre os Estados Unidos e o protestantismo brasileiro, entretanto, são especiais. O protestantismo brasileiro foi um fruto do movimento missionário norte-americano, do século XIX. De lá vieram os primeiros missionários, de lá vieram os recursos econômicos para que a incipiente Igreja protestante pudesse sobreviver, de lá vieram os livros-textos de que se serviram os estudantes nos seminários, de lá vieram tanto as músicas quanto as letras dos hinos que as comunidades protestantes aprenderam a cantar⁴⁷.

Com relação ao confronto entre os ideais da cúpula e o “modernismo teológico”, aduz o autor que quando a teologia tradicional afirma que Jesus morreu para tirar os pecados do mundo, “isto acontece através dos processos históricos e concretos daquela época”. Quando Jesus afirmou que seu reino não é deste mundo, recusou “fazer reivindicações para si mesmo!”⁴⁸.

Mendonça enfatiza que “ao insurgir-se contra o modernismo teológico, o conservadorismo protestante pretendia estar reagindo a uma hipotética ameaça aos próprios fundamentos da civilização cristã, surgida em razão da incorporação ao trabalho teológico de métodos e técnicas julgados *alheios à fé*”⁴⁹.

Como salienta Rubem Alves, o modernismo teológico é considerado um inimigo a ser combatido por setores protestantes:

Mas o modernismo (palavra que usarei como sinônimo de liberalismo) é invisível. Não se trata de uma instituição. Não se objetivou numa

⁴⁵ BERGER; LUCKMANN, 1993, p. 86.

⁴⁶ CAVALCANTI, 1964, p. 04.

⁴⁷ ALVES, 2005. p. 280.

⁴⁸ *Ibid.*

⁴⁹ MENDONÇA; VELASQUES FILHO, 2002, p. 114. Grifo original.

organização. Não elaborou um conjunto uniforme de doutrinas. O modernismo é antes uma atitude diante dos textos sagrados: atitude tipicamente protestante, pois o seu berço foi a Alemanha protestante. Inimigo doméstico, portanto⁵⁰.

No final, em tom irônico, retomando o discurso anticomunista, o autor avisa: “Parabéns aos organizadores dos **cadernos** pela admirável astúcia com que se houveram tentado mobilizar a juventude universitária evangélica para as lutas inglórias do comunismo ateu”⁵¹.

Ainda segundo Rubem Alves, esse tipo de protestantismo nunca se articulou, espontaneamente, com uma ética social:

O seu problema é outro. Preocupa-se com a salvação da alma. Por isso a questão da transformação do mundo sempre lhe pareceu um desvio perigoso. A sua ética é individual e não social. Ela indica as marcas do comportamento do crente, adequado à sua condição de salvo, descreve traços do caráter perfeito, delimita as fronteiras além das quais o indivíduo não pode ir, sob pena da disciplina eclesiástica e da perdição eterna.⁵²

Nos meses anteriores ao golpe de 1964, o país estava agitado por um clima de radicalização política que chegou ao seio das igrejas protestantes, ocorrendo uma disputa entre setores mais conservadores, com grande influência sobre a cúpula, e os outros setores protestantes que possuíam uma visão distinta do papel da instituição. Exemplo disso foi o debate travado sobre essas duas posições dentro da igreja. Em um artigo intitulado “Da missão da Igreja”, escrito pouco antes do golpe de 1964, o autor expressou assim sua visão: “Não estou só quando ensino que a missão da Igreja é a Evangelização. Para demonstrar vou transcrever sentenças de quatro escritores renomados um dos quais não sendo crente evangélico tem, todavia, a compreensão divina que muitos não têm”⁵³.

Depois, no mesmo artigo, colocou, para justificar seu raciocínio, uma série de argumentos de diversos autores, evangélicos ou não, que contavam com a simpatia da cúpula, como Almir Santos Gonçalves, o qual afirma que a Igreja

deve ser uma boa influência moral e espiritual, evitando, porém, tornar-se influência política ou partidária. A Igreja não pode, não pode como Igreja, estar tomando atitudes políticas, ideológicas, mas deve prosseguir pregando o evangelho, salvando, porque é esse evangelho que virá concorrer para melhorar o estado geral das coisas⁵⁴.

⁵⁰ ALVES, 2005, p. 302.

⁵¹ *Ibid.* Grifo original.

⁵² *Ibid.*, p. 257.

⁵³ DA MISSÃO da Igreja. **Jornal Batista**. Rio de Janeiro. 30 jan. 1964. p. 05.

⁵⁴ *Ibid.*

Já para Silas Falcão, “a missão precípua das Igrejas de Cristo, é evangelizar. Evangelizar no seu tríplice aspecto; fazer discípulos, batizar os discípulos e ensinar-lhes tudo quanto Jesus ordenou” (Mateus 28:18-29). Segundo E. Stanley Jones, “não precisamos nada mais senão um evangelismo pessoal apaixonado que tirará cada crente de detrás das portas trancadas e o transformará num ativo membro do grupo”. [...] “Nosso problema é espalhar pelo mundo o evangelho”. E, por fim, recorre a um não evangélico, o sociólogo Gilberto Freyre: “A missão do cristianismo quer seja católico, quer seja evangélico, continua a ser principalmente religiosa, a espiritual, a mística, tudo mais é secundário no cristianismo organizado em atividade evangelizadora”⁵⁵.

Os exemplos dos artigos do jornal evangélico acima descritos evidenciam a existência de conflitos no seio protestante, pois alguns setores assumiram posturas mais extremadas antes do golpe. “Naqueles tempos não faltavam nos jornais evangélicos artigos contra o comunismo e uma retórica que expressava o medo da comunização do país e o fim da liberdade de se pregar o evangelho”⁵⁶.

Podemos perceber, pelo trecho supracitado, que setores protestantes esboçam uma reação aos ventos trazidos pelas novas correntes teológicas, como bem enfatiza Peter Berger:

Uma das características-chave da reação neo-ortodoxa ao liberalismo teológico foi uma violenta rejeição de seus pontos de partida antropológicos e históricos. O liberalismo enfatizou os caminhos do homem para Deus, a neo-ortodoxia enfatizou os relacionamentos de Deus para com o homem. Já nenhuma experiência poderia servir como ponto de partida do empreendimento teológico senão a severa majestade da revelação de Deus que confrontou o homem como negação, julgamento e graça. A neo-ortodoxia ousava uma vez mais um *Deus dixit* – “Assim falou o Senhor”⁵⁷.

Se gastarmos nosso tempo em atividades sociopolíticas, se transformarmos nossas Igrejas em centros de cultura para debates de problemas sociais quem trabalhará, e quando, almas para Cristo? Quem fará a obra de missões e em que tempo? Ou damos valor à pregação e salvamo-nos internamente nela ou milhões morrerão na perdição eterna, embora venham a receber, por nossa instrumentalidade, melhores salários, melhores roupas e melhores casas⁵⁸.

No final, critica aqueles que querem transformar as Igrejas em *agregiações políticas*: “Eles, nos parece, querem transformar as Igrejas em agregiações políticas. Não negam, é verdade, que seja necessário pregar o evangelho da salvação da alma, todavia dão a primazia à revolução social”⁵⁹.

⁵⁵ DA MISSÃO da Igreja. **Jornal Batista**. Rio de Janeiro. 30 jan. 1964. p. 05.

⁵⁶ CAMPOS, 2004, p. 26.

⁵⁷ BERGER, 1997, p. 86.

⁵⁸ *Ibid.*

⁵⁹ DA MISSÃO da Igreja. **Jornal Batista**. Rio de Janeiro. 30 jan. 1964. p. 05.

Como destaca Rubem Alves,

a ética social protestante nada acrescenta ao que havia sido dito antes. A igreja falou porque provocada, ameaçada, contestada, em defesa de sua cosmovisão e de sua ética individual. Problemas sociais, no sentido rigoroso da palavra, não os há. O que há são problemas morais e espirituais. Os problemas sociais nada mais são que subprodutos da relação da alma com Deus. Transforma-se a sociedade pela conversão das almas⁶⁰.

Esse comportamento confirma a posição de que, quando a Igreja passou a lutar por transformações sociais e políticas, sem esquecer seu lado cristão, seus adeptos foram rotulados de deturpadores da missão espiritual e evangelizadora da Igreja, de comunistas. Por outro lado, se tivessem optado pela postura de compactuar com os poderosos, seriam considerados verdadeiros cristãos.

Como caracteriza Willian Paden,

Outra distinção sociológica reconhece duas tendências opostas na religião, correspondendo a duas atividades opostas de formação social. A primeira é a consolidação da autopreservação institucional e a segunda é o movimento na direção da inovação e do desafio às instituições sociais existentes. A religião pode ter funções opostas em relação à ordem social e, freqüentemente, essas duas fases de atividade podem ser encontradas dentro da mesma tradição religiosa⁶¹.

Em 15 novembro de 1963, líderes do movimento de renovação espiritual (batistas, presbiterianos, fundamentalistas, entre outros), preocupados com a situação política e com os rumos que estava tomando o país, realizaram nas suas igrejas o “dia nacional de oração e jejum para que Deus salvasse o Brasil do perigo comunista”.⁶² Meses depois, o presidente João Goulart foi deposto e, como consequência, em 21 de abril de 1964, “uma nova convocação reuniu evangélicos para agradecer a Deus por ter ouvido as orações de seu povo libertando o Brasil do perigo comunista”⁶³.

Acreditava-se, entre os protestantes históricos e pentecostais, que o movimento de 1964 iria salvar o país da presença incômoda dos comunistas – contrários à família e, principalmente, ao cristianismo. Alegavam que, além de ser o comunismo um sistema político e econômico, representava uma filosofia de vida que se opunha a todo e qualquer sistema religioso.

Como frisa Orlandi, não interessa, ao analisar o discurso religioso, apenas o ponto de vista teológico: “a primeira coisa que percebi é que, inadvertidamente, eu havia mal definido o discurso

⁶⁰ ALVES, 2005, p. 283.

⁶¹ PADEN, Willian E. **Interpretando o sagrado**: modos de conceber a religião. São Paulo: Paulinas, 2001, p. 76-77.

⁶² CAMPOS, 2004, p. 29.

⁶³ *Ibid.*

religioso como ‘aquele em que fala a voz de Deus’. Essa definição pode ser interessante para o teólogo, mas não o é para o analista do discurso”⁶⁴.

O comportamento político de uma maioria de protestantes caracterizava a sua identificação com a permanência da estrutura social e o seu espírito anticomunista. O engajamento político de setores da elite eclesiástica católica no apoio ao golpe militar de 1964 e de vários outros grupos religiosos, como os protestantes, estimulou e patrocinou o autoritarismo pós-golpe.

Esses setores das igrejas católica e protestantes estavam atordoados pelo fantasma do comunismo, que poria fim à ordem estabelecida, em detrimento de outra ordem que representaria o caos. A respeito da relação entre religião e manutenção da ordem, acrescenta Peter Berger:

Um traço fundamental, que é de importância crucial na compreensão do empreendimento religioso do homem, é sua propensão para a ordem. Como salienta o filósofo da história, Eric Voegelin, no começo de seu livro *Ordem e História*, sua análise das várias concepções humanas de ordem: “A ordem da história emerge da história da ordem. Toda sociedade tem a seu encargo a tarefa de, sob suas condições concretas, criar uma ordem que confira ao fato de sua existência um sentido em termos dos fins divinos e humanos”⁶⁵.

A Igreja Católica, através da CNBB e do seu clero, se encontrava dividida, na década de 60, entre “conservadores” e “moderados”; os primeiros acreditavam que as reformas de base propostas pelo governo João Goulart levariam o Brasil ao indesejável comunismo ateu; os moderados, por sua vez, mesmo apoiando as reformas de base, temiam o perigo comunista e eram contrários à legalização do Partido Comunista.

Quanto à posição da Igreja Católica, conforme relato de Heloísa Murgel Starling,

Não se manteve imune ao processo de polarização político-ideológico que marcou a sociedade brasileira no início da década de 60. Ao contrário, os conflitos sociais penetraram a Igreja enquanto espaço social, abrindo caminho para um crescente debate ideológico dentro da instituição. Se por um lado, como já foi visto anteriormente, alguns setores da Igreja e do mundo católico organizado procederam a um deslocamento político e ideológico no sentido de uma aproximação com as camadas subalternas, por outro lado, a composição de forças dentro da hierarquia católica expressava ainda um predomínio conservador e moderado que, em última análise, mantinha a identidade da instituição com as classes dominantes⁶⁶.

⁶⁴ ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas: UNICAMP, 2007. p. 28.

⁶⁵ BERGER, 1997, p. 91.

⁶⁶ STARLING, Heloisa Maria Murgel. **Os senhores das gerais**: os novos inconfidentes e o golpe militar de 1964. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 213.

Com o poder que a instituição exercia sobre a sociedade brasileira, foi organizada, no Rio de Janeiro, uma campanha religiosa contra o governo, liderada pelo então cardeal D. Jaime Câmara. Outros membros da Igreja Católica participaram da referida campanha, como “o padre Patrick Peyton, já conhecido por sua famosa Cruzada do Rosário em Família”⁶⁷.

Atento à realidade, em seu discurso sobre as reformas de base proferido no dia 13 de março de 1964, na Central do Brasil, no Rio de Janeiro, o presidente João Goulart fez referência ao uso político dos sentimentos cristãos:

Ameaça à democracia é empulhar o povo brasileiro, é explorar os seus sentimentos cristãos, na mistificação de uma indústria do anticomunismo, insurgindo o povo contra os grandes e iluminados ensinamentos dos grandes e santos Papas que informam notáveis pronunciamentos, das mais expressivas figuras do episcopado nacional. O inolvidável Papa João XXIII é que nos ensina, povo brasileiro, que a dignidade da pessoa humana exige, normalmente, como fundamento natural para a vida, o direito e o uso dos bens da terra, ao qual corresponde a obrigação fundamental de conceder uma propriedade para todos. É dentro dessa autêntica doutrina que o Governo brasileiro vem procurando situar sua política social, particularmente no que diz respeito à nossa realidade agrária. O cristianismo nunca foi o escudo para privilégios condenados pelo Santo Padre, nem também, brasileiros, os rosários podem ser levantados contra a vontade do povo e as suas aspirações mais legítimas. Não podem ser levantados os rosários contra o povo, que tem fé numa justiça social mais humana e na dignidade das suas esperanças. Os rosários não podem ser erguidos contra aqueles que reclamam a discriminação da propriedade da terra, hoje em mãos de tão poucos, de tão pequena minoria⁶⁸.

Essas referências feitas pelo presidente João Goulart, no comício das reformas de base, à Cruzada do Rosário foram usadas por grupos que conspiravam contra o governo Goulart, através de um suposto “Movimento de Desagravo ao Rosário”, o qual se teria ofendido por suas palavras. Como destaca Simões,

No seu intuito de incompatibilizar Jango com a fé religiosa da população a CAMDE (Campanha da Mulher em Defesa da Democracia) não teve receio em disvirtualizar as palavras de Goulart afirmando ter ele declarado que ‘os terços e a macumba da zona Sul não teriam poder sobre ele’, a referir-se às velas das cariocas e aos terços das mineiras⁶⁹.

Esses grupos, num primeiro momento, organizaram o que de início seria uma “Marcha de Desagravo ao Rosário”, mas que se transformou em “Marcha da Família com Deus pela Liberdade”, com a participação de rabinos e pastores, visto ser o rosário um símbolo católico. A mudança de nome visava a ampliar o leque de religiosos que

⁶⁷ SIMÕES, Solange de Deus. **Deus, pátria e família**: as mulheres no golpe de 1964. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 101.

⁶⁸ SILVA, Hélio. **1964**: golpe ou contragolpe? 3. ed. Porto Alegre: L & PM, 1978. p. 458.

⁶⁹ SIMÕES, 1985, p. 93.

participariam do movimento⁷⁰. A primeira marcha foi realizada em São Paulo, seis dias após o Comício das Reformas, no Rio de Janeiro, reunindo cerca de 500 mil pessoas. Essa grande mobilização foi organizada pela CAMDE, uma instituição estruturada e financiada pelo IPES, em colaboração com o governo do Estado de São Paulo, com setores das igrejas católica e protestantes, com a FIESP e a Sociedade Rural Brasileira.

Skidmore ressalta que:

Uma passeata organizada às pressas, na qual tomaram parte, em grande proporção, grupos religiosos femininos, procurou demonstrar a oposição militante da classe média contra Jango. Uma multidão calculada em mais de 500.000 pessoas encheu as ruas de São Paulo, sob a bandeira da fé religiosa, para protestar contra o comício do dia 13 no Rio, e contra tudo que os manifestantes achavam que esse comício significava⁷¹.

No início da década de 60 surgiu no Brasil uma vigorosa esquerda católica. “Os grupos que lideravam o movimento eram as seções de juventude de dentro da Ação Católica Brasileira (ACB), que foram intensamente influenciadas pelo nacionalismo econômico”⁷². Por isso nem todos os setores católicos apoiaram a marcha, como podemos perceber pela ausência da chamada esquerda católica, conforme observa Simões: “a Ação Católica de São Paulo enviou nota oficial à imprensa, no dia imediato à marcha, condenando o uso da fé em ato político”⁷³. Quanto ao papel que as religiões podem desempenhar em determinados contextos políticos, acrescenta Peter Berger:

Sempre foi assim. Os detentores do poder político sempre tentaram conter a força potencialmente subversiva da religião controlando as instituições religiosas. Na maioria das vezes tiveram êxito nisso, mas sempre de novo apareceram porta-vozes – emissários do transcendente, se vocês preferirem – que se recusavam a desempenhar o papel de legitimadores do *status quo* político. Os detentores de poder naturalmente tiveram uma visão muito desfavorável desses desordeiros e com bastante frequência empregaram métodos muito desagradáveis para tratar dessa desordem. Quanto mais tirânico era o governo, mais urgente era a necessidade de calar os desordeiros⁷⁴.

Essa condenação do uso da fé em ato político, criticado por setores da chamada esquerda católica, foi amplamente usada por setores conservadores católicos que participaram das marchas com *slogans* criticando a suposta ameaça do comunismo ateu, como cita Simões:

⁷⁰ *Ibid.*, p. 100.

⁷¹ SKIDMORE, Thomas. **Brasil**: de Getúlio a Castelo. São Paulo. Paz e Terra. 1982. p. 361.

⁷² SERBIN, Kenneth P. **Diálogos na sombra**: bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 99.

⁷³ SIMÕES, 1985, p. 101.

⁷⁴ BERGER, 1997, p. 213-214.

Trabalhador! Só na democracia poderás escolher tua Religião!
 Unamos todas as religiões para acabar com o comunismo!
 Com Cristo contra o comunismo!
 A vitória não é só das mulheres, mas de todos os cristãos!
 Exército com Deus⁷⁵.

Notamos que a religião foi usada como legitimadora de uma situação que, segundo seus defensores, estaria sendo ameaçada, como destaca Peter Berger:

Logo se verá que a área de legitimação é muito mais ampla do que a da religião, a partir de como estes dois termos foram definidos aqui. Existe, no entanto, uma importante relação entre os dois. Podemos descrevê-la dizendo simplesmente que a religião foi historicamente o instrumento mais amplo e efetivo de legitimação. Toda legitimação mantém a realidade socialmente definida. A religião legitima de modo tão eficaz porque relaciona com a realidade suprema as precárias construções da realidade erguidas pelas sociedades empíricas⁷⁶.

A Marcha da Família com Deus pela Liberdade, do Recife, foi realizada após o golpe militar, seguindo o exemplo do que ocorrera em Curitiba e no Rio de Janeiro. No Recife, segundo os panfletos publicados nos jornais, foi convocada pela CDFR (Cruzada Democrática Feminina do Recife) que, de acordo com Dreifuss, fazia parte dos grupos femininos do Complexo IPES, porque

Ele também assistia financeiramente, provia experiência organizacional e orientação política a esses grupos conservadores católicos e de cunho familiar, como a Campanha da Mulher Brasileira, o Movimento de Arregimentação Feminina – MAF (liderado por Antonieta Pellegrini), a Liga Independente para a Liberdade (dirigida por Maria Pacheco Chaves), o Movimento Familiar Cristão – MFC, a Confederação das Famílias Cristãs – CFC, a Liga Cristã Contra o Comunismo, a Cruzada do Rosário em Família – CRF, a Legião de Defesa Social, a Cruzada Democrática Feminina do Recife – CDFR, a Associação Democrática Feminina – ADF (de Porto Alegre) e a Liga das Mulheres Democráticas – LIMDE (de Minas Gerais)⁷⁷.

A marcha contou com a colaboração dos jornais recifenses Diário de Pernambuco e Jornal do Commercio que já participavam ativamente da campanha de oposição ao governo Goulart e lhe deram grande espaço, tanto na fase de preparação como na cobertura de primeira página que fizeram. Esses jornais deram apoio à organização, publicando reportagens sobre as reuniões preparatórias, informando os pontos e os horários de ônibus para a manifestação, noticiando as mudanças no trânsito e publicando panfletos de convocação. Inclusive o antigo canal 6, que na época era a TV Rádio Club, transmitiu a marcha.

⁷⁵ SIMÕES, 1985, p. 101.

⁷⁶ BERGER, 1985, p. 45.

⁷⁷ DREIFUSS, René Armand. **1964**: a conquista do Estado. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 295.

A Marcha da Família com Deus pela Liberdade teve seu trajeto iniciado na Avenida Conde da Boa Vista, próximo ao então Colégio Padre Félix, encerrando-se numa concentração na Praça da Independência, que reuniu, segundo estimativas, 200 mil pessoas, desde as 13 horas, quando comércio, indústria, estabelecimentos bancários, colégios e repartições públicas fecharam as portas, para que todos “pudessem comparecer a essa elevada demonstração de apoio e de entusiasmo à ação das nossas Forças Armadas” contra a suposta comunização do país. Os ônibus, durante o horário da marcha, circularam sem cobrar passagens. “Caravanas do interior chegaram em trens que, inclusive, só retornariam após o término da manifestação”⁷⁸.

Na marcha viam-se milhares de faixas pintadas com dizeres de agradecimento aos chefes militares, desfilando empunhadas por representantes de numerosas organizações, colégios, sindicatos e representações de todo o interior do estado. Algumas faixas portavam legendas como “Pelo Brasil Cristão”; também desfilou um grande retrato pintado do general Alves Bastos, então comandante do IV Exército, com iguais palavras de agradecimentos e outros cartazes com expressões contra o comunismo.

Vários colégios desfilaram, tanto particulares quanto públicos, bem como escoteiros. Uma guarda de honra do Colégio Militar também participou da grande passeata, sendo vistos ainda representantes da Assembléia Legislativa, da Câmara Municipal e de representações de entidades cívicas do sul do país que haviam participado do golpe e chegaram ao Recife especialmente para tomar parte no desfile.

No palanque armado defronte à Avenida Guararapes, ao lado da Praça da Independência, encontravam-se autoridades federais e estaduais, os comandantes militares aqui sediados, à exceção do general Alves Bastos, representado por sua filha, pois, cedo, havia viajado ao Rio de Janeiro, atendendo a um chamado do ministro da Guerra. O governador Paulo Guerra e o prefeito do Recife, Augusto Lucena (que assumiram o governo após a deposição do governador Arraes e do prefeito Pelópidas), o governador de Alagoas e numerosas representações de entidades de classe também faziam parte da manifestação.

Nele discursaram a senhora Luíza Guimarães, representante da Cruzada Feminina Democrática, que fez uma saudação à mulher pernambucana, seguindo-se, no uso da palavra, a estudante Magnólia Maciel e depois o estudante Jorge Seixas, de Alagoas, que leu mensagem dos seus colegas alagoanos. O operário Manuel Almeida falou em nome dos trabalhadores, dizendo: “Graças a Deus, a grande figura do general Alves Bastos nos deu a

⁷⁸ MARCHA do Recife levou à rua 200 mil pessoas. **Diário de Pernambuco**. Recife. 10 abr. 1964. Segundo Caderno. p. 02.

liberdade”]; terminou agradecendo a oportunidade daquela memorável concentração cívica, cristã e democrática⁷⁹.

Discursaram também dois religiosos: um padre e um pastor da Igreja Presbiteriana da Avenida Conde da Boa Vista. O pastor Josebias iniciou o seu discurso, pedindo para “eivar a Deus os corações, nesta hora histórica para o Brasil e para Pernambuco”, e acrescentou: “todos os que são deístas se sentem irmanados na alegria desse movimento”⁸⁰. O padre João Barbalho pediu que elevassem preces aos céus e afirmou que “o seu coração estava arrebatado de alegria diante da extraordinária festa cívica”⁸¹.

Nos discursos dos oradores religiosos, notamos uma função legitimadora da intervenção militar.

O escritor Gilberto Freyre fez um discurso o qual foi publicado, na íntegra, em um jornal recifense:

Aqui, com o mesmo ânimo fraterno, temos nos reunido, velhos e moços, estudantes e gente de trabalho, homens e mulheres, brasileiros de várias cores e várias religiões, na defesa daquelas liberdades a que brasileiro nenhum digno desse nome renuncia, mesmo que em troca dessa renúncia nos fosse dado de novo o próprio paraíso perdido. Brasileiro nenhum, verdadeiramente brasileiro, pernambucano nenhum, verdadeiramente pernambucano, admite sobre sua pátria desça aquela noite terrível em que só brilham, num céu tornado inferno, estrelas sinistramente vermelhas⁸².

Na reportagem de um dos jornais recifenses, se destaca uma foto publicada em primeira página, com a seguinte legenda: “A panorâmica da Avenida Guararapes, quando se realizava a grande marcha, dá uma idéia da massa humana que foi às ruas, para mostrar a firmeza das suas convicções democráticas e cristãs e integral repúdio ao comunismo. Foi a maior concentração já realizada em praça pública, no Recife”⁸³.

A marcha foi encerrada com a multidão cantando o hino nacional brasileiro.

Assim, percebemos que setores das igrejas católica e protestantes cumpriram a função de legitimadoras do movimento militar de 64. Frisa Peter Berger:

O grau de elaboração teórica das legitimações religiosas variará de acordo com múltiplos fatores históricos, mas induziria em grave equívoco tomar em consideração apenas as legitimações mais sofisticadas. Para dizê-lo singelamente, a maior parte dos homens na história sentiram a necessidade

⁷⁹ *Ibid.*

⁸⁰ MARCHA do Recife levou à rua 200 mil pessoas. **Diário de Pernambuco**. Recife. 10 abr. 1964. Segundo Caderno. p. 02.

⁸¹ *Ibid.*

⁸² BRASIL não admite noite terrível em que só brilham estrelas sinistramente vermelhas. **Diário de Pernambuco**. Recife. 10 abr. 1964. Primeiro Caderno. p. 04.

⁸³ MARCHA do Recife levou à rua 200 mil pessoas. **Diário de Pernambuco**. Recife. 10 abr. 1964. p. 01.

de legitimação religiosa – mas só uns poucos se interessaram pelo desenvolvimento de “idéias” religiosas⁸⁴.

Em artigo publicado no Diário de Pernambuco com o título “Presbiterianos promoverão concentração de júbilo”, a denominação divulgou “manifesto de apoio e de júbilo em face da atuação das Forças Armadas brasileiras”, o qual foi distribuído pela Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil⁸⁵.

O manifesto parabeniza a atuação das Forças Armadas e inicia com uma palavra de agradecimento a Deus e às Forças Armadas do Brasil: “Conforta-nos, como cristãos, observar o espírito elevado como estão sendo tratados os traidores do Brasil, com justiça, reclusos, para que tenhamos a certeza de que não se arremeterão para nova façanha, mas, tratados com respeito e humanidade”⁸⁶. Também afirma o papel dos evangélicos, salientando:

cumpra aos evangélicos levantar as suas vozes, em uníssono, para louvar o feito desses patrícios que souberam mais uma vez ganhar a maior batalha já travada pela nossa pátria, sem que o sangue precioso da mocidade fosse derramado. Falamos de batalha contra o comunismo que destrói o que de mais caro existe na vida, que é a estrutura familiar⁸⁷.

Percebemos, novamente, que os evangélicos ganharam mais espaço, ao aproveitar as circunstâncias para enfatizar uma de suas grandes bandeiras: a luta contra o desequilíbrio da estrutura familiar, destacada em outro trecho do referido manifesto: “O Estado socialista ou comunista destrói os vínculos morais e religiosos da família. O socialismo ou comunismo considera apenas o aspecto material e olvida e mesmo nega o conceito da pessoa humana integral, corpo, mente e espírito”⁸⁸.

Toca, depois, em um ponto muito caro aos presbiterianos – a educação. Os presbiterianos fundamentalistas mantêm muitas escolas no Brasil; para eles, no Estado Socialista de Cuba, a lei sobre o pátrio poder contém, no artigo 4º, uma ameaça:

Todo menor de idade permanecerá sob a guarda de seus pais até que complete a idade de três anos, após a qual deverá ser confiado, para sua educação física e mental, bem como o seu doutrinamento cívico à Organização Círculos Infantis, à qual, por esta lei, fica conferida a faculdade de promover a guarda e o amparo desses menores, bem como o exercício do pátrio poder dos mesmos⁸⁹.

⁸⁴ BERGER, 1985, p. 54.

⁸⁵ PRESBITERIANOS promoverão concentração de júbilo. **Diário de Pernambuco**. Recife. 07 abr. 1964. Segundo Caderno. p. 04.

⁸⁶ *Ibid.*

⁸⁷ *Ibid.*

⁸⁸ *Ibid.*

⁸⁹ *Ibid.*

Destaca, ainda, um ponto importante para que os presbiterianos sejam contrários à educação nos moldes em que é aplicada em um Estado socialista: “Nas disposições transitórias dessa lei figura a de número dois, que reza: ‘Fica proibido o ensino a menores de idade de toda a classe de disciplinas baseadas em religião, crenças ou seitas’ ”⁹⁰.

Conclamando os evangélicos para que saúdem o movimento de 64, assim expõe: “Essa praga maligna foi extirpada do Brasil pela misericórdia de Deus e é hora de todos os que somos realmente evangélicos nos congregarmos para dar louvor a Deus, em um solene culto de ação de graças”⁹¹.

No final, o manifesto convida todos os evangélicos, independentemente da denominação a que pertencem, para a grande concentração:

Convidamos, daqui, todos os membros das Igrejas Presbiterianas Fundamentalistas, todos os batistas fundamentalistas, todos os pentecostais fundamentalistas e finalmente todos os realmente evangélicos, sejam presbiterianos, congregacionais ou batistas, para a grande concentração de Ação de Graças que se realizará no templo da Igreja Presbiteriana do Recife, na próxima terça-feira, 7 de abril, às 20 horas⁹².

Foram esses setores da Igreja presbiteriana que deram sustentação, desde o início, ao regime militar. Como destaca Serbin, “a Igreja presbiteriana, em todo o país, apoiava amplamente o regime”⁹³.

Em artigo intitulado “Novo Governo”, publicado no Jornal Batista, datado de 26 de abril de 1964 (dias após a eclosão do golpe militar), o seu redator, José dos Reis Pereira – presidente da Junta de Missões Estrangeiras da Convenção Batista Brasileira durante 20 anos consecutivos (1947 a 1967) e diretor do Jornal Batista durante a década de 1960, falou da vitória do movimento de 1964. Destacou a eleição indireta do marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, em sessão realizada no dia 11 de abril daquele ano, no Congresso Nacional:

Nosso novo presidente empossado em cerimônia solene no dia 15 de abril, foi, como chefe do Estado-maior do Exército, um dos líderes da revolução vitoriosa, que em dois dias empolgou o Brasil inteiro, sem encontrar nenhuma resistência sua indicação pelos mentores civis e militares da revolução foi unânime e o Congresso nada mais fez que chancelar essa escolha⁹⁴.

⁹⁰ *Ibid.*

⁹¹ PRESBITERIANOS promoverão concentração de júbilo. **Diário de Pernambuco**. Recife. 07 abr. 1964. Segundo Caderno. p. 04.

⁹² *Ibid.*

⁹³ SERBIN, 2001, p. 122.

⁹⁴ PEREIRA, José dos Reis. Novo governo. **Jornal Batista**. Rio de Janeiro. 26 abr. 1964. p. 03.

Em trecho seguinte do mesmo artigo, o autor justifica atos do novo governo, de dois dias antes da eleição, firmados por três ministros militares, expondo uma série de argumentos relacionados à posse de Castelo Branco:

Esse ato não só estabeleceu as normas pelas quais se deveria processar a eleição do novo presidente e o tempo de duração de seu mandato, mas também determinou suas providências como, por exemplo, a cassação de mandatos e a perda de direitos políticos de várias personalidades “no interesse da paz e da honra nacional” segundo expressão do artigo 10⁹⁵.

Para o autor, a “revolução” não é um fato novo, pois na própria história do Brasil haviam ocorrido outras “revoluções”, sendo que esta tem um diferencial, cria o próprio direito: “É apenas interessante observar a autolimitação dos chefes militares ao entregarem a eleição ao Congresso e ao fixarem um prazo de duração do novo governo, respeitando ao mesmo tempo a data já prevista para a eleição do futuro presidente, isto é, 3 de outubro de 1965”⁹⁶.

Justifica, ainda, a posição do Jornal Batista, dizendo expressar ali o pensamento do povo brasileiro, ao afirmar que o novo presidente contará com as orações dos batistas do país: “Votar-lhe-emos todo o respeito que votamos a qualquer autoridade, nos termos da sagrada escritura. Rogaremos sempre que Deus lhe conceda toda a sabedoria e que a use em benefício da nação. É assim que procedem os crentes”⁹⁷.

Reafirmando a posição do Jornal Batista “de não fazer política”, ressalta seu anticomunismo e sua rejeição a outros totalitarismos. E ressalta: “É possível, portanto, que, de quando em quando, publiquemos artigos que continuem a orientar ou esclarecer nosso povo acerca do comunismo e outros ismos perigosos”⁹⁸.

Uma das razões, segundo o autor, de os batistas não poderem apoiar nenhum regime totalitário, seja o comunismo, seja o franquismo, é que esses regimes querem impor valores à consciência dos cidadãos, proibindo ou limitando suas atividades religiosas. Com relação a sua simpatia pela “revolução”, que espera a efetivação das promessas dos que nela foram vencedores e que libertaram a pátria dos inimigos que a ameaçavam, o autor expõe: “Quanto à política nacional, nossa posição é de oração e expectativa. Queremos paz e tranqüilidade para viver e comunicar nossa mensagem de pureza, de honestidade, de verdade,

⁹⁵ PEREIRA, José dos Reis. Novo governo. **Jornal Batista**. Rio de Janeiro. 26 abr. 1964. p. 03.

⁹⁶ *Ibid.*

⁹⁷ *Ibid.*

⁹⁸ *Ibid.*

de decência, de amor ao próximo. Não nos imiscuímos em negócios que aos políticos cabe resolver”⁹⁹.

Com relação ao futuro governo, a ser empossado em 1966, destaca que deverá ser objeto de orações sinceras e constantes, devendo o povo de Deus vigiar em oração, lembrando aos crentes: que falam em demasia e apaixonam-se demais pela política, da necessidade de orar mais que o costumeiro, a fim de que possam participar da realidade necessária e melhorar o quadro preocupante observado.

Oramos e convidamos nosso povo a orar para que o novo governo possa fazer a vida nacional retornar a normalidade e que possa levar-nos por um caminho de progresso e justiça social e que, terminado o seu tempo de governo de exceção entregue o poder ao novo governo escolhido pelo voto popular, livremente expresso nas urnas [...] Por isso, dissemos que nossa obrigação para com a nossa pátria é orar por ela e anunciar-lhe o evangelho com fidelidade absoluta. Cumpridos esses santos deveres, nossa terra há de sentir os resultados¹⁰⁰.

Como notamos o autor do artigo supracitado mostra-se simpático à intervenção dos militares na vida nacional, assumindo, através de seus argumentos, uma postura que visava a dar legitimidade ao golpe.

Para Lagazzi, “a legitimação é uma forma que o poder tem de evitar o conflito explícito nas relações interpessoais, mantendo a ordem vigente. Atribuir direitos e deveres é atribuir símbolos de poder, é legitimar o poder como coerção, trazendo a ordem simbólica para o cotidiano das relações interpessoais”¹⁰¹.

Não existia uma posição única por parte dos evangélicos com relação ao governo militar, uma vez que coexistiam posicionamentos contrários ao comportamento conservador e colaboracionista expresso por parcelas dos protestantes. No entanto, os considerados “hereges”, “desviantes da santa doutrina” tiveram as suas atitudes e consciências reprimidas e eliminadas pelos que se sentiam donos das verdades bíblicas e monopolizadores de Deus.

Isso comprova que os conflitos não se limitavam ao universo religioso de grupos protestantes, mas estendiam-se ao mundo político-ideológico, no qual aqueles que defendiam novas formas de interpretações bíblicas e projetos sociais, objetivando mudanças estruturais na sociedade brasileira, foram reprimidos e expulsos das suas igrejas pelos cristãos conservadores que assumiam a postura de monopolizadores das coisas sagradas.

No ambiente religioso, especialmente entre expressivos setores protestantes, notamos que existe uma espécie de esquecimento, uma não preocupação em criar uma

⁹⁹ *Ibid.*

¹⁰⁰ PEREIRA, José dos Reis. Novo governo. **Jornal Batista**. Rio de Janeiro. 26 abr. 1964. p. 03.

¹⁰¹ LAGAZZI, Suzy. **O desafio de dizer não**. Campinas: Pontes, 1988. p. 39.

memória, um não falar do período em questão, que acaba se caracterizando, ainda hoje, pelo silêncio. Orlandi nos mostra que “em face dessa sua dimensão política, o silêncio pode ser considerado tanto parte da retórica da dominação (a da opressão) como de sua contrapartida, a retórica do oprimido (a da resistência)”¹⁰².

¹⁰² ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6. ed. Campinas: UNICAMP, 2007. p. 29.

3 OS PROTESTANTES E O REGIME MILITAR NO PERÍODO DE 1964 A 1971

3.1 *Os protestantes e os governos militares (1964 a 1971)*

O ano de 1964 representou para o Brasil o início de um período autoritário, ocasião em que todas as associações e movimentos organizados passaram a ficar submetidos à lógica dos detentores do poder, isto é, ao regime militar que assumiu os rumos do país e que, em abril daquele mesmo ano, elegeu indiretamente, através do Congresso Nacional, o primeiro presidente do regime militar.

Um governo que criou três atos institucionais, prorrogou o mandato presidencial, extinguiu os partidos políticos, estendeu aos civis a repressão da justiça militar, criou a doutrina de segurança nacional para combater e eliminar o inimigo interno e, através da Lei Suplicy de Lacerda, extinguiu o movimento estudantil, não pode ser considerado o de um político moderado, mas sim o de um autêntico representante da elite conspirativa nacional.

Um fato que merece destaque e é revelador da simpatia e da aproximação dos protestantes aos grupos que conspiraram contra o governo João Goulart, especificamente aos militares, foi a homenagem prestada pelos batistas ao general Humberto Melo, então chefe da 6ª Região Militar, localizada no Estado da Bahia.

Ao analisarmos as edições do Jornal Batista, durante os anos de 1964 a 1968, constatamos que os artigos que mais deram ênfase ao apoio dos batistas ao governo foram os referentes aos anos de 1964 e 1968, correspondendo, respectivamente, aos anos da implantação e da consolidação do movimento militar. É importante salientar que, a partir de abril de 1964, a mudou o editorialista do respectivo jornal, assumindo o senhor José dos Reis Pereira, autor de vários artigos que serviram para nossas análises, encerrando a fase de diversidade de opiniões, expressas antes de abril de 1964. Para Foucault, “a disciplina é um princípio de controle da produção do discurso. Ela lhe fixa os limites pelo jogo de uma identidade que tem a forma de uma reatualização permanente das regras”¹⁰³. Lagazzi ressalta que a análise do discurso nos oferece essa possibilidade, pois embora pressuponha a metodologia lingüística, científica (dentro de seus limites), nunca deixa de considerar o histórico e o ideológico inscrito no objeto de análise¹⁰⁴.

¹⁰³ FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 16. ed. São Paulo: Loyola, 2008. p. 36.

¹⁰⁴ LAGAZZI, Suzy. **O desafio de dizer não**. Campinas: Pontes, 1988. p. 51.

Foucault ressalta, ainda, que “os discursos religiosos, judiciários, terapêuticos e, em parte também políticos, não podem ser dissociados dessa prática de um ritual que determina para os sujeitos que falam, ao mesmo tempo, propriedades singulares e papéis preestabelecidos”¹⁰⁵.

Uma reportagem do dia 06 de setembro de 1964, cinco meses após a eclosão do golpe, relata uma homenagem do Instituto de Cultura Religiosa a uma alta patente do Exército – o general Humberto Melo. A sessão realizou-se no auditório da Associação dos Funcionários Públicos da Bahia, presidida pelo Dr. Ebenezer Cavalcanti, vice-presidente do Tribunal de Contas do Município de Salvador e pastor da Igreja Batista Dois de Julho, e contou com a presença de autoridades civis e militares, dentre as quais destacamos o Dr. Orlando Moscoso, vice-governador do Estado, o Dr. Nelson Oliveira, prefeito da capital, deputados, professores universitários, oficiais das três armas e da Polícia Militar, estudantes e pessoas outras da sociedade baiana, inclusive figuras representativas do meio evangélico.

Do programa constou uma audição de hinos sacros, com a preciosa participação de reconhecidos valores locais, como as sopranos Graciete Farias e professora Miriam Albuquerque e o tenor professor Raimundo Coelho, além do primoroso tenor paulista Edgar Martins. Seguiu-se uma conferência sobre a teoria marxista da religião, proferida pelo Dr. Samuel Figueroa, presidente da seção baiana do Instituto de Cultura Religiosa, que fez uma exposição clara, concisa e brilhante criticando o humanismo marxista, por ele considerado o contraste do verdadeiro humanismo. Denunciou o seu caráter de hostilidade implacável à religião, confirmado nas declarações textuais dos corifeus da doutrina – Feuerbach, Marx, Lênin, Engels e outros e da imprensa oficial dos países comunistas.

Enfocou vários pontos insustentáveis da teoria marxista e analisou algumas das mais célebres conversões dos últimos tempos, de Shwetzer, Tolstoi, Henry Link, Lin Yu Tang e do almirante Fushida – comandante do ataque à fortaleza de Pearl Harbour, para ressaltar o absurdo do marxismo quando forçado a sair do terreno teórico para receber o desmentido formal dos fatos¹⁰⁶.

Um dos oradores usou argumentação de cunho religioso para justificar o anticomunismo, arrematando sua conferência com uma declaração antimarxista, a partir de conhecida frase de Santo Agostinho, da qual deu a seguinte tradução livre: “Fizeste-nos para

¹⁰⁵ FOUCAULT, 2008, p. 39.

¹⁰⁶ **Jornal Batista**. Rio de Janeiro. 6 set. 1964. p. 06.

Ti ó Deus, por isto o nosso coração permanece irrequieto e alienado enquanto não descansa em Ti”¹⁰⁷.

Um dos oradores da tribuna evangélica saudou o homenageado e, destacando suas qualidades, focalizou com “ênfase, erudição e eloqüência, as virtudes de certo centurião romano do episódio evangélico para mostrar a importância da disciplina dos sentimentos de humildade, humanidade e fé, como apanágios de soldado modelo, qualidade que exaltam o caráter do homenageado”¹⁰⁸.

Também houve a fala de um outro evangélico, o professor Raimundo Coelho, presidente da Juventude Batista Brasileira e representante local da Confederação Evangélica, que assinalou os serviços prestados pelo homenageado aos evangélicos da Bahia, “particularmente no período revolucionário e caracterizando esta manifestação espontânea e sincera a gratidão de um povo que só pensa em termos de serviços e que bem pode servir, constituído, como é em geral, de homens de fé, e de caráter cívico”¹⁰⁹.

O autor do artigo fez elogios ao homenageado, dizendo que lhe foi conferido solenemente o título de presidente de honra da seção baiana do Instituto de Cultura Religiosa, reafirmando aos seus *irmãos de fé* a sua convicção de que “só os princípios do Cristianismo autêntico transformados em vivência individual e coletiva, poderão preservar nossa Nação, salvando-a da corrupção moral e da subversão político-social, e assegurar-lhe um futuro risonho e de genuína prosperidade”¹¹⁰.

É visível, pela leitura do artigo, a percepção de que a referida reunião deixou uma agradável impressão em todos os presentes, particularmente nas autoridades que assistiam ali, pela primeira vez, a um programa com aquela densidade evangelística, o que, sem dúvida, representou para o articulista mais uma benção resultante da influência prestigiosa do homenageado.

Anos mais tarde o referido militar foi comandante do II Exército, sediado em São Paulo. “Sob o general Humberto Melo, São Paulo suportava a pior repressão. Humberto Melo era batista e um linha-dura que apoiara com entusiasmo as famigeradas forças de segurança”¹¹¹.

Naquele ano de 1964, a semana da pátria teve um caráter bastante diferente, visto que foi o primeiro sete de setembro após a eclosão do golpe militar. Constituiu-se em um

¹⁰⁷ *Ibid.*

¹⁰⁸ *Ibid.*

¹⁰⁹ *Ibid.*

¹¹⁰ **Jornal Batista**. Rio de Janeiro. 6 set. 1964. p. 06.

¹¹¹ SERBIN, 2001, p. 276.

evento marcado pela exaltação ao patriotismo. Nesse quadro, os batistas pernambucanos promoveram uma marcha não igual às que ocorriam desde 1949, mas como uma maneira de mostrar toda a sua gratidão ao movimento cívico-militar de 1964 que salvou o Brasil do comunismo, segundo voz corrente entre os líderes e participantes do movimento.

Analisando os jornais da época, em especial o Diário de Pernambuco, percebemos que, nos dias que antecederam a parada de sete de setembro, apareceram no referido jornal várias notas em letras garrafais sobre o evento religioso que, à primeira vista, para os batistas, parecia ser de caráter apenas religioso.

Em 1º de setembro de 1964, o Diário de Pernambuco noticiou, com destaque, um evento patrocinado pelos batistas, referente aos “ensaios” da grande Campanha Nacional de Evangelização, que ocorreria em 1965, sendo levadas a efeito numerosas concentrações em bairros de Recife e Olinda, culminando com a grande marcha realizada no dia 07 de setembro de 1964¹¹².

Na edição do dia 04 de setembro de 1964, uma nota publicada confirma nossa afirmação, no que concerne à marcha: “terão caráter cívico e religioso, o desfile e a concentração que os batistas pernambucanos realizarão no Recife, a partir das 14:30 hs, no dia sete”¹¹³. Como percebemos, o caráter cívico atribuído ao evento visava a respaldar o governo na semana da pátria em seu primeiro ano de mandato.

Na mesma nota, há a confirmação da fonte religiosa que garantiu o caráter cívico-religioso do evento: “a informação foi fornecida, ontem, à reportagem pelo escritório da comissão coordenadora da Campanha Nacional de Evangelização”¹¹⁴.

Em se tratando de um evento de tal magnitude, foram também escolhidos os oradores, ocorrendo a divisão em duas partes: o professor José Guimarães se encarregaria da saudação cívica e o pastor Esmeraldo Santos, da parte evangelística propriamente dita. Como veremos adiante, o discurso do professor José Almeida Guimarães foi o ponto alto do evento.

Na edição do dia 06 de setembro de 1964, com o título “Batistas desfilarão amanhã no Recife”, mais uma vez percebemos o caráter político do evento: “a antecipação do horário decorreu do entendimento com autoridades militares para a concentração (15:00 às 15:30),

¹¹² ENSAIOS da grande Campanha Nacional de Evangelização. **Diário de Pernambuco**. Recife. 01 set. 1964. p. 04.

¹¹³ BATISTAS promoverão desfile cívico-religioso. **Diário de Pernambuco**. Recife. 04 set. 1964. Segundo Caderno. p. 02.

¹¹⁴ *Ibid.*

para que possam os batistas participar das solenidades de encerramento da semana da pátria, na Praça da República”¹¹⁵.

Percebemos que, a fim de atender ao apelo das autoridades militares, a marcha dos batistas mudou de itinerário para terminar na Praça da República, onde haveria um palanque com diversas autoridades militares e civis.

Na edição de 09 de setembro de 1964, há um registro da participação dos batistas na parada de 07 de setembro de 1964. Após se concentrar no Parque Treze de Maio, a marcha seguiu pela Rua do Hospício, pela Avenida Conde da Boa Vista e pela Avenida Dantas Barreto. Nesta última avenida, houve a saudação cívica por parte do pastor José Almeida Guimarães, que afirmou: “tenho aludido à firmeza de convicção dos batistas brasileiros, em ajudar as autoridades a manter a nossa pátria a salvo das intervenções estranhas que possam macular sua integridade”¹¹⁶.

O discurso do pastor foi de apoio explícito ao movimento de 1964; ele era, na época, o vice-presidente da Convenção Evangelizadora de Pernambuco, órgão vinculado à Convenção Batista do Brasil. Quando afirmou a disposição para ajudar as autoridades a manter a pátria a salvo das intervenções estranhas, referia-se, sem dúvida, ao comunismo.

Em outro trecho da reportagem, percebemos mais uma vez o caráter político do evento:

Ao fim da concentração e segundo o que ficara estabelecido, os batistas rumaram para o palácio do governo, onde se estavam realizando as solenidades de encerramento da semana da pátria. Na mesma ordem inicial desfilaram os manifestantes diante do palanque principal, apresentando cumprimentos ao chefe do governo e demais autoridades ali instaladas sendo aplaudidos¹¹⁷.

Após o golpe militar de 1964, o “Dia da Independência ganhou um significado adicional, desde que os generais e seus oponentes passaram a considerá-lo parte de uma batalha pelos corações e mentes dos brasileiros”¹¹⁸. Setores evangélicos, como os batistas, por exemplo, passaram a fazer fileiras junto aos vitoriosos de 64, ao incorporar o ‘novo espírito’ do Dia da Independência, seja através da marcha por eles organizada, como citado acima, seja através do jornal oficial da igreja, como veremos adiante.

¹¹⁵ BATISTAS desfilarão amanhã no Recife. **Diário de Pernambuco**. Recife. 06 set. 1964. Primeiro Caderno. p. 12.

¹¹⁶ DURANTE duas horas Batistas desfilaram: evangelização. **Diário de Pernambuco**. Recife. 09 set. 1964. Primeiro Caderno. p. 03.

¹¹⁷ DURANTE duas horas Batistas desfilaram: evangelização. **Diário de Pernambuco**. Recife. 09 set. 1964. Primeiro Caderno. p. 03.

¹¹⁸ SERBIN, 2001, p. 272.

Outros fatos que consideramos dignos de registro reiteram traços de um comportamento conservador e autoritário de setores protestantes, através do *Jornal Batista*, como artigos em comemoração à Semana da Pátria de 1964, sobre a Campanha das Américas e outro contendo críticas à postura oposicionista da Igreja Católica ao governo militar. Outro episódio refere-se à morte do estudante Edson Luís, no Rio de Janeiro, e o terceiro acontecimento, à prisão de religiosos católicos ligados à oposição armada ao regime.

Em um artigo escrito no *Jornal Batista*, na primeira Semana da Pátria do regime militar, o autor afirma: “Amanhã é o ‘Dia da Pátria’, faz, portanto, cento e quarenta e dois anos que o Príncipe D. Pedro, às margens do Ipiranga, deu o ‘brado retumbante’ que provocou a separação entre o Brasil e Portugal. A partir daquele momento, nossa terra passou a ser considerada nação livre [...], sem precisar prestar contas à metrópole longínqua”¹¹⁹. Em outro trecho, mistura patriotismo e religião e indiretamente cita o perigo comunista: “*Dia da Independência* é o nosso grande feriado nacional. Nele os brasileiros deveriam regozijar-se pelo fato de terem visto a luz do dia numa terra livre. Os brasileiros crentes deveriam dar graças a Deus porque não somente a nação é livre, mas também seu povo dentro dela”¹²⁰.

O autor destaca seu patriotismo ao relembrar o centenário da independência: “O país inteiro vibrou de entusiasmo. Não houve recanto no Brasil em que não se festejasse o grande acontecimento. Foram festas que marcaram a infância daquela época de modo a nunca mais serem esquecidas”¹²¹.

Justifica o patriotismo, mesmo reconhecendo seus excessos: “O amor à pátria é tão legítimo como o amor à família. Aqui nascemos, estamos indissolavelmente ligados a esta terra. Há qualquer coisa imponderável, de inexplicável que a ela nos prende, de tal maneira que achamos, realmente, como o poeta que ‘nosso céu’ tem mais estrelas”¹²².

Há quem exagere nessa admiração pela terra brasileira, achando que tudo ela tem de melhor que as outras. É o que se chama “ufanismo”. No entanto, o autor questiona aspectos do “ufanismo”, sem deixar de contrapô-lo a atitudes inversas: “Que glória é essa de mostrar ao mundo em vez de grandes homens, grandes rios?, exclamou Tobias Barreto. De fato não há glória nisso. O que importa é aproveitar as maravilhas naturais que Deus pôs ao nosso alcance para que ninguém morra de fome nesta tão rica terra”¹²³. O mesmo autor faz comparações entre os que defendem o “ufanismo” otimista e os que afirmam que no Brasil nada presta,

¹¹⁹ INDEPENDÊNCIA. *Jornal Batista*. Rio de Janeiro. 06 set. 1964. p. 08.

¹²⁰ *Ibid.* Grifo nosso.

¹²¹ *Ibid.*

¹²² INDEPENDÊNCIA. *Jornal Batista*. Rio de Janeiro. 06 set. 1964. p. 08.

¹²³ *Ibid.*

chegando ao ponto de afirmar ser o sete de setembro um mito, que o Brasil ainda não é independente, que continua sujeito a potências estrangeiras.

Em outro trecho, afirma que o “crente tem uma obrigação com o Brasil”, porque, em aspecto que destaca, a seu ver, o país ainda é escravo:

Há uma escravidão que pesa sobre o nosso povo e, naturalmente, influi em toda a vida nacional, impedindo-nos até de gozar das belezas e riquezas em que nossa terra é tão pródiga. Porque nosso povo não conhece a Cristo vive na mentira, dominado, escravizado, impedido de fazer as grandes coisas que tornariam nosso país o primeiro país do mundo¹²⁴.

Para o autor, essa falta de Cristo afeta o país de todas as maneiras.

Não consideramos que todo batista é fundamentalista, porém esse tipo discurso “se encaixa” no tipo de protestantismo fundamentalista. Como salienta Peter Berger, “o conceito privado de moralidade do fundamentalismo protestante concentra atenção nas áreas de conduta que são irrelevantes para a manutenção do sistema social, e desvia a atenção daquelas áreas onde uma inspeção ética criaria tensões para o perfeito funcionamento do sistema”¹²⁵.

Isso confirma a observação feita por Rubem Alves de que, para alguns setores protestantes, o catolicismo seria um fator de atraso:

A melhor sociedade possível será aquela em que todos forem protestantes. Uma sociedade protestante será livre, democrática e rica. Será livre e democrática porque o “livre exame” e a própria organização política das Igrejas protestantes o exigem. Será rica por que o senso de responsabilidade individual, exigido pela doutrina da mordomia, e a bênção de Deus sobre aqueles que se submetem à sua vontade produzirão o máximo de bem-estar econômico¹²⁶.

O autor destaca que o Brasil não é realmente um país cristão e indiretamente critica a Igreja Católica: “Tudo porque neste país ‘cristão’ Jesus Cristo é o grande desconhecido [...]. É preciso que Jesus Cristo esteja no coração dos brasileiros, que Jesus Cristo seja o Senhor realmente da nossa gente”¹²⁷.

Analisamos então que, para o autor do artigo, o verdadeiro patriota seria o evangélico que transmite o conhecimento do Cristo para outros que não o conhecem: “A essa obra de patriotismo verdadeiro entreguem-se os crentes com mais ardor do que nunca. Não há melhor maneira de comemorar o Dia da Pátria nesse ano da graça de 1964”¹²⁸.

¹²⁴ *Ibid.*

¹²⁵ BERGER, Peter L. **Perspectivas sociológicas**: uma visão humanística. Petrópolis: Vozes, 1991. p. 128.

¹²⁶ ALVES, 2005, p. 275.

¹²⁷ INDEPENDÊNCIA. **Jornal Batista**. Rio de Janeiro. 06 set. 1964. p. 08.

¹²⁸ *Ibid.*

Um dos grandes movimentos mobilizadores da comunidade batista no Brasil, analisado por Durkan Alexander Reilly como resposta positiva dessa denominação ao movimento cívico-militar de 1964, foi a Campanha Nacional de Evangelização, em 1965. O presidente dessa campanha, pastor Rubem Lopes, em constantes visitas realizadas às Forças Armadas, afirmou que a pátria estava presente nos quartéis visitados nos anos de 1964 e 1965, juntamente com as mais altas patentes das Forças Armadas: o ministro da Guerra, o ministro da Marinha, o ministro da Aeronáutica, o chefe do Estado-maior das Forças Armadas, os comandantes de quatro Exércitos, os comandantes de nove Regiões Militares, os comandantes de três Distritos Navais, os comandantes de três Zonas Aéreas e mais 21 chefes militares, totalizando 44 visitas. E sempre entregava a cada autoridade um exemplar do Novo Testamento. “Eu disse que a Pátria está presente na caserna porque pode ser notada a sua ausência em outros lugares, onde ela devia estar também. Nesses lugares fala-se em Nação, em Estado, em Governo, em República, em Revolução. Nunca em Pátria”¹²⁹.

Seus comentários evidenciam a percepção que teve de que os quartéis componentes das forças armadas são “bem brasileiros”, pois, como destacou, as tradições são neles conservadas como em um relicário e a bandeira ainda é um símbolo; comparou as fardas, não importando a sua cor, a paramentos de um culto cívico.

Revelando certa intimidade com os militares, tece-lhes elogios, dizendo que os mesmos cultivavam a oratória acadêmica, admiravam e apoiavam a Campanha Nacional de Evangelização e que todos os generais haviam recebido com gratidão o Novo Testamento.

Ainda comentando suas impressões acerca dos militares que havia visitado, o pastor Rubem Lopes afirma ter ouvido: “Se os Batistas tivessem feito a Campanha Nacional de Evangelização há mais tempo, nós, os militares, não precisaríamos ter feito a Revolução”¹³⁰.

O exército brasileiro foi a instituição fiadora do regime militar; ele depôs um presidente devido, principalmente, à ameaça aos valores cristãos representada por seu governo. Serbin destaca que “a defesa da civilização cristã ocidental pelos generais brasileiros é freqüentemente atribuída a preocupações geopolíticas e ideológicas, com pouca ou nenhuma discussão sobre os antecedentes religiosos das Forças Armadas”¹³¹.

Em artigo publicado no Jornal Batista, no dia 04 de fevereiro de 1968, o editor criticou a Igreja Católica, servindo-se de um fato ocorrido em Volta Redonda, onde um grupo

¹²⁹ LOPES, Rubem. **Jornal Batista**. Rio de Janeiro. 22 set. 1968. p. 05.

¹³⁰ LOPES, Rubem. **Jornal Batista**. Rio de Janeiro. 22 set. 1968. p. 05.

¹³¹ SERBIN, 2001, p. 134.

de jovens havia sido preso na residência episcopal: o bispo local lançou um protesto, pois o grupo distribuía propaganda contra o governo: “As autoridades militares da cidade munidas do respectivo mandato, vasculharam a residência episcopal e prenderam os moços. O Bispo ficou furioso com o desacato. E o que é pior, deu a impressão de estar fazendo causa comum com os jovens que abrigava em sua casa”¹³².

No entender do autor, alguns bispos estariam fazendo comentários nitidamente políticos em relação ao governo, não condizentes com a condição que eles exercem.

Logo depois vieram as declarações de outros Bispos, todas elas francamente hostis ao governo atual: pronunciamentos nitidamente políticos. Não se pode dizer, entretanto, que a unanimidade do episcopado esteja de acordo com tais pronunciamentos, porque outros bispos incluindo um de S. Paulo manifestaram-se de maneira inteiramente oposta. Escritores católicos também escreveram sobre o assunto e até manifestos foram publicados. Temos assim bispos contra bispos e leigos contra leigos, dentro da Igreja, discutindo temas político-sociais¹³³.

Em trecho seguinte do artigo, o autor enfatiza seu questionamento sobre ter um religioso o direito de se revoltar contra um governo estabelecido: “O filósofo dominicano [Tomás de Aquino] defende o direito de rebelião contra um governo tirânico e opressor desde que a rebelião tenha todos os recursos para ser bem sucedida. O filósofo não considera a hipótese de uma revolta sangrenta”¹³⁴.

O autor critica a postura de alguns bispos católicos ao exprimem suas opiniões, destacando:

Enquanto estamos escrevendo estas linhas, perdura a impressão das declarações feitas pelo Bispo de Santo André num programa de televisão. Não estivesse lá no jornal, se não tivesse o programa sido visto e ouvido por milhares de telespectadores, era algo para se considerar incrível. Para começar o Bispo manifestou-se contra a revolução de 31 de março chamando-a de “1º de abril”. Manifesta, assim, seu completo desrespeito pelo governo atual oriundo daquela revolução. Se o desrespeito provém da origem revolucionária do governo, não há razão, porque, desde o reinado de D. Pedro I, nossos governos têm origem revolucionária. Não podemos dizer que o governo atual seja de exceção, visto que os três poderes estão em funcionamento e há uma Constituição que vem sendo seguida. Não se trata, pois, de um governo ditatorial ou discricionário, como o que tivemos em 1930-1933 e depois, em 1937-1945¹³⁵.

O autor incorpora um discurso típico de certos setores religiosos (protestantes e católicos) que em um primeiro momento apoiaram o golpe pelo fato de ele representar uma medida anticomunista, caso, por exemplo, de grande parte do clero católico. Porém, como

¹³² PEREIRA, José dos Reis. Igreja em pânico. **Jornal Batista**. Rio de Janeiro. 04 fev. 1968. p. 03.

¹³³ *Ibid.*

¹³⁴ *Ibid.* Grifo original.

¹³⁵ PEREIRA, 1968, p. 03.

ressalta Serbin, “enquanto a polarização levava à violência e os militares aprofundavam o controle sobre o país, a Igreja realizou uma revolução religiosa na qual enfatizava a justiça social e assimilava os esforços de uma nova geração de radicais católicos”¹³⁶.

E o autor parece fazer coro com os setores religiosos e civis que apoiaram o regime, como o exército que, cada vez mais, via a Igreja como um ninho de subversão, especialmente os setores que faziam uma oposição mais radical ao governo¹³⁷, e questiona, em seguida, as prioridades dentre as preocupações dos bispos católicos:

Entrementes a macumba está avançando. O Dia de Iemanjá, na Guanabara, foi um estrondo. O próprio governador do Estado participou da festa e molhou os finos sapatos nas águas do mar, em Copacabana. Alguém ouviu, por acaso, qualquer protesto dos Bispos católicos? Alguém soube de qualquer movimento dos Bispos católicos para esclarecer esses pobres brasileiros que vão buscar socorro nas práticas feiticistas importadas da África? Não, os Bispos estão preocupados com temas políticos e sociais. Os temas religiosos, espirituais pouco que lhe são estranhos¹³⁸.

A crítica feita pelo autor, baseada no fato de uma autoridade governamental ter participado de uma cerimônia religiosa de origem africana, mesmo sendo um católico, incorpora um discurso típico do protestantismo trazido pelos missionários estadunidenses, como bem frisa José Bittencourt Filho:

No Brasil, as denominações do Protestantismo Histórico, consagraram a prática de identificar os valores religiosos nativos com o mal, o pecado e a heresia. Assim sendo as missões protestantes desde logo rechaçaram quaisquer expressões religiosas oriundas da Matriz Religiosa Brasileira e, dessa maneira, contribuíram para recalá-la ainda mais no plano inconsciente. Tal rejeição tornou-se mesmo um elemento construtivo da identidade evangélica brasileira, assim como enriqueceu o discurso apologético, visceralmente anticatólico¹³⁹.

No final, o autor fala da corrupção dos milhões desviados do Nordeste e conclama a terem esperança: “Temos que aproveitar esta hora irmãos em Cristo! Temos que falar mais do que nunca na mensagem do Evangelho. Temos que dizer, sem isso não há esperança em Cristo”¹⁴⁰. Notamos, no trecho supracitado, que o autor faz críticas ao desvio de verbas públicas, mas não critica o sistema como um todo, porque, como ressalta Peter Berger:

Na verdade, se um pregador revivalista chega a mencionar questões públicas, será geralmente em termos da corrupção privada dos detentores de

¹³⁶ SERBIN, 2001, p. 86.

¹³⁷ *Ibid.*, 2001, p. 107.

¹³⁸ *Ibid.*

¹³⁹ BITTENCOURT FILHO, José. **Matriz religiosa brasileira: religiosidade e mudança social**. Petrópolis: Vozes; Koinonia, 2003. p. 43.

¹⁴⁰ *Ibid.*

cargos públicos. As autoridades do governo roubam, o que é mau. Também fornicam, bebem e jogam, o que presumivelmente ainda é pior. Ora, a limitação do conceito de ética cristã a delitos pessoais tem funções óbvias numa sociedade cujas organizações sociais fundamentais são dúbias, para se dizer o mínimo, quando confrontadas com certos princípios do Novo Testamento e com o credo igualitário da nação que nele acredita ter suas raízes¹⁴¹.

Quanto ao segundo episódio, relativo à morte do estudante Edson Luís Lima Souto, no dia 28 de março, em um conflito entre estudantes e a polícia do Rio de Janeiro, em artigo publicado em 14 de abril de 1968, percebemos o apoio da imprensa batista à ação militar e ao regime. O autor inicia o artigo dizendo que “agitadores profissionais insinuaram-se entre os jovens e conseguiram a realização de alguns objetivos: o carro de um oficial da Aeronáutica foi queimado, o edifício de uma embaixada foi apedrejado, uma escola norte-americana, em Brasília, foi atingida”¹⁴².

O autor demonstra que os estudantes, em certo sentido, têm razão em protestar, mas que muitos dirigem sua revolta contra objetos que não têm relação direta com os fatos, e que eles são manipulados. Põe em dúvida, ainda, a afirmação de que a maioria dos estudantes simpatiza com “Che Guevara”. Afirma que os estudantes de outros países, estes, sim, têm razões para protestar: “Mas a explosão estudantil foi habilmente aproveitada por que tinha outros interesses e, assim, o movimento de protesto por uma causa justa transformou-se num movimento político em que o governo foi atacado enquanto era exaltado o fracassado guerrilheiro Che Guevara”¹⁴³.

O autor estranha a postura de alguns bispos da Igreja Católica que, em franca oposição ao regime militar de 1964, em sua opinião, silenciam diante dos episódios ocorridos em países socialistas, como no caso da Polônia: “Agora, por exemplo, em face do trágico acontecimento do Rio, dois prelados católicos, o Arcebispo de Olinda e o Bispo de Santo André, compareceram aos jornais para dizer de sua solidariedade aos estudantes cariocas e atacar o Governo. Até o momento nada mais disseram sobre os rapazes poloneses na sua luta desigual contra o poder totalitário que asfixia o país”¹⁴⁴.

Para o autor, o Brasil estava vivendo em uma democracia, apesar de apresentar problemas. Frisa que se gastava dinheiro desnecessário com o carnaval e que os estudantes tinham suas reivindicações deturpadas. “Mas faz pena ver como se deixam levar por

¹⁴¹ BERGER, 1991, p. 128.

¹⁴² PEREIRA, 1968, p. 03.

¹⁴³ PEREIRA, 1968, p. 03.

¹⁴⁴ *Ibid.*

agitadores de tal maneira que as boas causas ficam completamente esquecidas e os movimentos estudantis completamente deturpados”¹⁴⁵.

Notamos que o autor não faz uma crítica profunda à realidade do país, sendo o mesmo expressão de um discurso típico do fundamentalismo protestante. Aliás, para Peter Berger,

o fundamentalismo protestante, conquanto obcecado pela idéia de pecado, tem um conceito curiosamente limitado de sua extensão. Os pregadores revivalistas que vociferam contra a perversidade do mundo atêm-se invariavelmente numa gama um tanto limitada de transgressões morais – fornicação, embriaguez, dança, jogo, pragas. Na verdade, dão tanta ênfase à primeira dessas transgressões que na linguagem comum do moralismo protestante o termo “pecado” é quase sinônimo do termo mais específico “ofensa sexual”. Diga-se o que se disser a respeito desse rol de atos perniciosos, todos eles têm em comum seu caráter essencialmente *privado*¹⁴⁶.

O editor lamenta que a maioria se deixe levar por uma minoria, e ainda mais que uma minoria religiosa se deixe levar por esse grupo minoritário, em razão do seguinte: “Entristecem-nos também, ver outra minoria, a minoria evangélica, não se valer desse exemplo da minoria vermelha, para fazer alguma coisa de positivo, apresentando a grande solução que é Cristo, a única esperança”¹⁴⁷.

No final, desafia os jovens estudantes a trocarem as idéias políticas por exaltações religiosas: “Quem está disposto a ser vaiado por falar em Cristo? Quem está pronto a ser insultado por propor soluções cristãs? Quem terá a coragem de ser repellido por seu grupo ao se dizer cristão? Deixamos as perguntas com os estudantes batistas do Brasil”¹⁴⁸.

Além da crítica à postura de jovens evangélicos, que estariam trocando ideais religiosos por idéias políticas e conseqüentemente se envolvendo nas manifestações estudantis de 1968, ocorreu também, no meio protestante, como no caso dos presbiterianos, por exemplo, repressão “aos movimentos jovens organizados das igrejas em federações e confederações de mocidade, o que se completou com o fechamento e expulsão de alunos dos seminários teológicos nos anos seguintes”¹⁴⁹. Postura semelhante a dos citados setores evangélicos tiveram grupos católicos quando “os bispos dissolveram a JUC, em 1968, e a JOC e a AP foram perseguidas brutalmente pelas forças de segurança”¹⁵⁰.

¹⁴⁵ *Ibid.*

¹⁴⁶ BERGER, 1991, p. 127-128. Grifo original.

¹⁴⁷ PEREIRA, 1968, p. 03.

¹⁴⁸ PEREIRA, 1968, p. 03.

¹⁴⁹ CAMPOS, 2004, p. 28.

¹⁵⁰ SERBIN, 2001, p. 104.

Um dado que se sobressai é a evidência do uso da força política nos regimes ditatoriais como importante instrumento de repressão, sendo o governo, portanto, responsável civil e juridicamente, pelos atos de seus subalternos. Assim sendo, não se pode dissociar uma coisa da outra, como habilmente tentou o autor, no artigo antes comentado sobre a morte de Edson Luís, procurando encobrir o caráter repressivo do regime militar.

Notamos ainda, que os setores protestantes que se mostravam simpáticos para com o regime, não fazem nenhuma referência às violações aos direitos humanos promovidas pelo governo.

Como enfatiza Orlandi, “assim, em face do discurso, o sujeito estabelece necessariamente um laço com o silêncio; mesmo que essa relação não se estabeleça em um nível totalmente consciente. Para falar, o sujeito tem necessidade de silêncio, um silêncio que é fundamento necessário ao sentido e que ele reinstaura falando”¹⁵¹.

Em outro artigo no *Jornal Batista*, com o título “Que está havendo com os metodistas?”, faz-se uma crítica ao convite feito pelos metodistas para que D. Helder Camara fosse paraninfo de uma turma de pastores. No início, o autor elogia a postura que tinham os metodistas no passado (há trinta anos), considerados exemplos de evangélicos: “De lá pra cá, entretanto, por razões que desconhecemos, a situação mudou e alguns desses fatos que mencionamos são de molde a causar preocupação, porque não podemos prescindir do testemunho dos metodistas na grande tarefa de conquistar o Brasil para Cristo”¹⁵².

Cita o caso de um pastor metodista que estaria sendo acusado de subversão, mas segundo o autor do artigo, tal acusação havia sido feita de uma forma errada:

O que nos chamou a atenção foi a defesa do Pastor acusado, escrita e distribuída aos jornais por um dos Bispos Metodistas brasileiros. Porque, nessa defesa, o referido pastor era designado como “sacerdote”. Ora para os evangélicos, essa denominação é novidade completa. Sempre defendemos a idéia de que nosso único sacerdote é Jesus Cristo¹⁵³.

O autor destaca que mais de uma vez teve a oportunidade de corrigir a forma de tratamento aplicada por jornalistas seculares. Mas, naquela ocasião, era uma autoridade evangélica, em documento escrito, meditado, cuidadosamente redigido, que usava o tratamento impróprio.

¹⁵¹ ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas: UNICAMP, 2007. p. 69

¹⁵² QUE ESTÁ havendo com os metodistas? **Jornal Batista**. Rio de Janeiro. 26 de maio 1968. p. 03. Grifo original.

¹⁵³ *Ibid.*

Demonstra, em seguida, surpresa pelo fato de ter sido convidado para a cerimônia de formação de novos pastores um bispo católico que, naquele momento, representava uma oposição crescente ao regime militar: “Pela primeira vez um sacerdote católico falava num Seminário Evangélico e na elevadíssima função de paraninfo de uma turma”. E arremata: “Fizemos um rápido comentário à espera de algum protesto ou de alguma explicação nos órgãos oficiais da Igreja Metodista. Não houve nada e os dias foram passando com a costumeira celeridade”¹⁵⁴.

Nesse caso, para o autor, ficaram abertas as possibilidades de diversas interpretações e dentre elas: se um católico é paraninfo de futuros pastores evangélicos, que mensagens terão esses pastores para corrigir erros incutidos pelo catolicismo na mente dos brasileiros?

Naquele período, alguns setores da Igreja Católica estavam em franca oposição ao regime, se destacando a figura do arcebispo Dom Helder Camara. Rubem Alves narra um diálogo muito revelador entre ele e o arcebispo que, embora sobre igreja, citamos para dar destaque a posições que contêm possibilidades de conseqüências para o tópico em análise:

Um dia, em tom de brincadeira, perguntei a D. Helder Camara: “Não haverá um lugarzinho para mim na Igreja católica?” Sorrindo ele me respondeu: “Não se engane. É tudo igual...” Aconteceu como na letra de “A banda”. Terminado o desfile “tudo voltou ao lugar... e cada qual no seu canto, em cada canto uma dor”. A porta aberta da gaiola católica se fechou. Os pássaros que ensaiavam cantos diferentes foram proibidos de cantar ¹⁵⁵.

Em outro trecho do artigo, o autor diz que a aproximação dos metodistas com os católicos estaria influenciando os primeiros e critica alguns dogmas católicos. Cita, inclusive, o caso do falecimento, em São Paulo, de um industrial metodista: no dia seguinte, apareceram os anúncios fúnebres no jornal O Estado de São Paulo:

Era feito um convite para um culto “em intenção da alma” do morto. Esperamos o jornal do dia seguinte, na expectativa de qualquer retificação, mas nada mais foi publicado. Daí depreendemos que naquela velha e imponente Igreja Metodista central, à cuja sombra passamos parte de nossa infância, já se realizavam cultos fúnebres em intenção da alma das pessoas, tal qual se faz na Igreja Católica, em que a falsa doutrina do Purgatório é mantida e ensinada. Encaminham-se, porventura, os metodistas para a crença no purgatório?¹⁵⁶

¹⁵⁴ QUE ESTÁ havendo com os metodistas? **Jornal Batista**. Rio de Janeiro. 26 de maio 1968. p. 03.

¹⁵⁵ ALVES, 2005, p. 11.

¹⁵⁶ QUE ESTÁ havendo com os metodistas? **Jornal Batista**. Rio de Janeiro. 26 maio. 1968. p. 03.

E o autor demonstra espanto em relação ao que estaria acontecendo aos metodistas, pois, a seu ver, eles estariam renegando algumas heranças do protestantismo; discutindo se teriam os batistas algo a ver com o que acontecia entre os metodistas, declara:

Achamos que o assunto é de nossa conta. Por duas razões: primeiro, porque há uma herança em comum a todos os evangélicos que procuramos preservar com devoção. E a aceitação de católicos como pregadores e a imitação de cerimônias católicas é uma espécie de repúdio a essa herança de que um dos mais fiéis transmissores foi o grande João Wesley. Em segundo lugar, desculpando o vulgarismo, porque, vendo as barbas do vizinho a arder, devemos cuidar de por as nossas de molho¹⁵⁷.

No final o autor pede orações para que os metodistas voltem a ser o que eram antes:

Nosso espaço, entretanto, acabou e teremos que retornar ao assunto; entretanto, achamos que a melhor coisa a fazer é orar para que o antigo fervor metodista retorne as suas Igrejas, em benefício do Brasil que mais do que nunca está necessitado do testemunho do Evangelho de Jesus Cristo, em toda sua pureza e integridade, para a transformação das criaturas¹⁵⁸.

Esses setores protestantes não viam com bons olhos o ecumenismo, então se delineando, e que tomaria um desdobramento maior visto estar a Igreja Católica lutando para “construir relações ecumênicas com membros das religiões protestantes que se tornaram suas aliadas contra a repressão”¹⁵⁹.

Rubem Alves ressalta, com relação à oposição de alguns setores protestantes à questão aludida,

O ecumenismo implica uma transformação de definições: inimigos são redefinidos como amigos. Mas, como já observamos antes, num mundo bélico, de oposições metafísicas radicais, a redefinição do inimigo implica uma subversão da própria estrutura do real. Aquele que tenta redefinir o inimigo é, portanto, um traidor, alguém que abre as portas ao cavalo de Tróia, o presente que contém a morte¹⁶⁰.

Nos últimos parágrafos, fizemos alguns comentários sobre divergências entre igrejas, por considerarmos serem elas esclarecedoras de questões subjacentes ao comportamento dos evangélicos no período que estamos analisando. Ainda temos, caracterizando a postura de submissão às autoridades instituídas e o comportamento autoritário de setores protestantes, o terceiro episódio: a prisão de frades por terem ligação com a oposição armada ao regime militar. Outro artigo, publicado pelos batistas, inicia-se

¹⁵⁷ *Ibid.*

¹⁵⁸ *Ibid.*

¹⁵⁹ SERBIN, 2001, p. 415.

¹⁶⁰ ALVES, 2005, p. 292.

acusando alguns religiosos católicos que, na época, mantinham ligação com as forças opositoras e com seu método de combate – a luta armada. “Quanto a dois desses eclesiásticos não há dúvida de que faziam causa comum com os terroristas, pois foram eles mesmos que forneceram os recursos para uma cilada em que o principal desses profissionais da violência foi morto pela polícia”¹⁶¹.

O colunista aproveita o fato da prisão dos religiosos católicos para criticar a relação das autoridades governamentais com a Igreja Católica, pois, para ele, os evangélicos não recebiam o mesmo tratamento que os católicos, razão pela qual escreve:

O fato de terem sido presos esses frades e freiras é bastante significativo porque nossas autoridades têm sempre revelado o maior respeito pela Igreja Católica Romana e seus sacerdotes. Ninguém desconhece o fato de que a Igreja Romana tem obtido os maiores favores de todos os governos republicanos do Brasil. Para a construção de seus templos, por exemplo, [...] e para viagem de Bispos Católicos brasileiros a Roma. [*Referência ao fretamento de avião para que a delegação de bispos brasileiros participasse do Concílio Ecumênico do Vaticano II*]. Todos os grupos religiosos também têm seus Congressos Internacionais, fora do país, mas seus representantes nada recebem do Governo para comparecerem a tais congressos. Com os Bispos Católicos foi diferente: tiveram tratamento privilegiado e, através dos impostos, todos no Brasil, não só católicos, mas protestantes, espíritas e judeus contribuíram para a viagem dos Bispos. Os dignatários romanos têm singular habilidade em arrecadar fundos governamentais para suas tarefas, suas universidades, seus colégios, suas instituições de caridade e até suas viagens¹⁶².

Os evangélicos afirmam que, entre eles o povo contribui sacrificialmente até os templos serem erguidos. Criticam, portanto, o caso dos católicos romanos, pois, segundo eles, a Igreja pede e o governo dá (e se o governo não der, muitas vezes a construção não progride), apesar dos preceitos constitucionais que estabelecem a separação entre a Igreja e o Estado. Para um batista, uma igreja não pode receber favores do Estado e o Estado não tem o direito de usar o dinheiro dos contribuintes para favorecer apenas uma igreja¹⁶³.

Dialeticamente, naquela mesma época, as relações entre o governo e a Igreja Católica passavam por uma série de tensões, levando o primeiro a reagir com diversas estratégias, uma das quais a “de desacreditar a igreja fazendo a concessão de maior liberdade a religiões concorrentes, como a umbanda e o pentecostalismo protestante, que vinha ganhando adesões no Exército e na população em geral”¹⁶⁴.

¹⁶¹ A PRISÃO dos frades. **Jornal Batista**. Rio de Janeiro. 07 dez. 1969. p. 03.

¹⁶² *Ibid.*

¹⁶³ *Ibid.*

¹⁶⁴ SERBIN, 2001, p. 121.

Retomando a análise do artigo, percebemos que o autor apóia a postura do governo em prender os religiosos católicos:

Assim, pois, a prisão de tantos eclesiásticos deve ter sido causada por motivos extremamente sérios. Ao que parece, eles estavam conspirando com os terroristas, e escondiam sob a batina, simbolicamente, bombas e metralhadoras. O Evangelho que dispunham a pregar não era o de Cristo, mas o de Castro. Uma estranha maneira, sem dúvida, de servir ao Príncipe da Paz. Se o de que são acusados se confirmar, a polícia tem toda a razão de mantê-los presos. E, pelo menos em dois casos, sabe-se que os frades tinham mesmo culpa. A condição de religiosos não pode livrá-los das consequências dos atos criminosos de que foram cúmplices¹⁶⁵.

Finalizando, o autor faz, mais uma vez, críticas à postura de setores da Igreja Católica que, a seu ver, misturavam a política com a problemática religiosa: “Sem fazer no momento mais comentários, observamos apenas o seguinte: essa presença de sacerdotes católicos nesses esquemas de violência, tão contrários ao Cristianismo de Jesus Cristo, é mais uma indicação desse estado de crise tremenda em que se encontra a Igreja Romana”¹⁶⁶.

Notamos estar o autor expressando a opinião de setores evangélicos que apoiavam o regime militar, embora não salientando o aumento da violência na repressão à oposição, refletida em toda a sociedade, o que motivou o surgimento, por parte de setores católicos, do “Grupo Não-Violência que se encontrava anualmente na véspera da assembléia geral da CNBB e chegou a contar com sessenta bispos. Representantes das Igrejas protestantes também participavam”¹⁶⁷.

No período conhecido como Guerra Fria, em que o mundo aparecia dividido, tendo, de um lado, os Estados Unidos – representando os ideais de uma democracia liberal e do sistema capitalista – e, do outro, a URSS – defensora de uma democracia popular e da instalação de uma sociedade socialista, setores protestantes brasileiros ficaram, em sua maioria, a favor dos Estados Unidos da América, como podemos notar nos artigos que passamos a comentar.

Em um primeiro, o autor faz uma crítica à invasão da Checoslováquia pelas tropas soviéticas; inicia o artigo justificando o fato de estar abordando temas políticos: Qual a razão dessa exceção em nossa norma? É que o comunismo é uma religião, a grande religião leiga de nossos dias¹⁶⁸.

¹⁶⁵ *Ibid.*

¹⁶⁶ *Ibid.*

¹⁶⁷ *Ibid.*, p. 322.

¹⁶⁸ O ASSALTO a Checoslovaquia. **Jornal Batista**. Rio de Janeiro. 08 set. 1968. p. 03.

Em outro trecho do artigo, o autor destaca seu anticomunismo: Temos, pois, que tratar, de quando em quando do comunismo quer para afirmar o valor da pessoa humana e os ideais de liberdade, quer para abrir os incautos que se deixam iludir pela propaganda ou dos ressentidos que julgam ver no comunismo um meio para escapar a suas frustrações¹⁶⁹.

Esforçando-se para controlar sua indignação, afirma: “A invasão da Checoslováquia pelas tropas russas, assunto principal da Imprensa do mundo livre e até mesmo do submundo comunista nestes últimos dias, é também assunto nosso hoje”¹⁷⁰.

Em seguida, demonstra sua defesa do mundo livre, representado na época pelos Estados Unidos, que libertaram vários países da Europa enquanto se percebeu que os “países em que os norte-americanos e ingleses deixaram os russos influir apenas mudaram de um para outro cativo: tal foi o caso da Checoslováquia e o mesmo aconteceu à Romênia, Hungria e Bulgária”¹⁷¹.

O autor enfatiza não ser o comunismo aplicável ao “espírito livre” do povo checo, que teve de acolher o regime comunista após a II Guerra Mundial “e agora viu que esse regime não se coadunava com o espírito livre do seu povo. Quis reagir, mas a força e a violência sujeitaram-na. Quase inteiramente cercado de países comunistas, fazendo fronteira com a Rússia, toda resistência será loucura”¹⁷².

Noutro parágrafo, o autor compara a Igreja Católica ao comunismo, quando comenta sobre a opressão sofrida pelos canhões, tanques, pelotões de fuzilamento e pela polícia secreta, que sufoca o idealismo dos jovens: “Assim a unidade comunista é tão ilusória como a unidade católica romana. Os dois poderes totalitários não são tão fortes como alguns pensam”¹⁷³.

Como notamos acima, setores protestantes associavam o catolicismo ao comunismo como face de uma mesma moeda do totalitarismo. Segundo afirma Rubem Alves, “é o caráter totalitário do espírito católico que explicaria, segundo esta linha de interpretação, o fato alegado de que os países católicos são presa fácil do comunismo”¹⁷⁴.

Termina o artigo realçando sua séria crítica ao comunismo e mostrando preocupação com seus irmãos evangélicos checos: “Não podemos responder, mas de duas coisas sabemos: a primeira, é que devemos ser definitivamente por eles – o ministério de

¹⁶⁹ *Ibid.*

¹⁷⁰ *Ibid.*

¹⁷¹ *Ibid.*

¹⁷² *Ibid.*

¹⁷³ *Ibid.*

¹⁷⁴ ALVES, 2005, p. 277.

intercessão. A segunda é que, em homenagem a eles, devemos manifestar mais uma vez o repúdio àqueles que, em nome da liberdade, escravizaram homens”¹⁷⁵.

Um segundo artigo fala da chegada do homem à lua, destacando o papel dos Estados Unidos. Nele faz uma comparação com a União Soviética, o que volta a evidenciar a associação feita, então, por setores protestantes, aos Estados Unidos como a pátria da liberdade e da transparência:

Os técnicos norte-americanos nunca fizeram segredo do que estavam planejando e, no dia e hora do lançamento, lá estavam milhares de pessoas aglomeradas em Cabo Kennedy para testemunhar o espetáculo. Inclusive algumas que foram até lá para protestar... Dos russos nada se sabe. Seus lançamentos são sempre feitos de lugares desconhecidos e, assim, também a recuperação das cápsulas. Antes do lançamento da Apollo-11 eles lançaram a Lunik-15, mas, misteriosamente sem que até agora no momento em que escrevemos se saiba ao certo o que foi esse artefato fazer na lua na mesma ocasião em que os astronautas norte-americanos ali desciam.

O já citado Rubem Alves mostra como, para determinados setores protestantes, os Estados Unidos representam uma utopia social. “A ética protestante, ao estabelecer conexão entre protestantismo, democracia, liberdade e progresso, não se pode furtar a uma consequência inevitável: o elogio aos Estados Unidos da América do Norte como exemplo, por excelência, daquilo que o protestantismo pode fazer por um povo”¹⁷⁶.

O anticomunismo de setores protestantes também se traduziu num apoio ao regime militar, como bem salienta Campos:

Os evangélicos acreditavam ter tomado partido ao lado de Deus contra o diabo. Nos seus jornais e revistas os endereços das entidades supremas eram bem conhecidos: Deus morava em Washington e o diabo, sem sombra de dúvida, residia em Moscou, mas de vez em quando visitava Havana. Por isso mesmo, os evangélicos deveriam oferecer ao regime militar o seu apoio, em nome da liberdade de culto, sem, no entanto medir o custo ou o grau de distorção que tais pressupostos representavam para o processo de democratização do País ou para a defesa dos valores tradicionais do cristianismo, que são o amor, paz, justiça, tolerância e igualdade¹⁷⁷.

Notamos que os artigos citados, do jornal evangélico, se referiam a assuntos variados, dando, de uma maneira ou de outra, apoio ao regime militar. Isso nos faz lembrar Foucault:

Tem-se o hábito de ver na fecundidade de um autor, na multiplicidade dos comentários, no desenvolvimento de uma disciplina, como que recursos infinitos para a criação dos discursos. Pode ser, mas não deixam de ser princípios de coerção; e é provável que não se possa explicar seu papel

¹⁷⁵ O ASSALTO a Checoslováquia. **Jornal Batista**. Rio de Janeiro. 08 set. 1968. p. 03.

¹⁷⁶ ALVES, 2005, p. 280.

¹⁷⁷ CAMPOS, 2004, p. 31.

positivo e multiplicador, se não se levar em consideração sua função restritiva e coercitiva¹⁷⁸.

Esses setores protestantes encontraram afinidades de ideais com o regime militar por que se sentiam atraídos pelo discurso que dava ênfase ao fato de o exército lutar contra o comunismo e contra a subversão, em nome da civilização cristã ocidental¹⁷⁹.

3.2 O regime militar no período de 1964 a 1971

Com o golpe de 1964, iniciou-se novo período autoritário no Brasil. Em abril do mesmo ano, foi eleito pelo Congresso Nacional o primeiro presidente do regime militar, inaugurando a chamada fase dos generais-presidentes. Castelo Branco iniciou, logo nos primeiros dias de governo, uma série de cassações aos adversários, acusando-os indiscriminadamente de comunistas.

Segundo Skidmore,

Em sessenta dias, o governo revolucionário (Castelo Branco), suspendeu os direitos políticos e/ou cassou os mandatos eleitorais de 441 brasileiros, dentre os quais três ex-presidentes; seis governadores de Estado, 55 membros do Legislativo Federal e vários diplomatas, líderes trabalhistas, militares, intelectuais e funcionários públicos¹⁸⁰.

O governo Costa e Silva iniciou-se com uma nova Constituição, a de 1967, votada em bloco por um Congresso marcado por inúmeras cassações de seus membros. Durante o governo começou a oposição armada, e o movimento estudantil voltou ao seu vigor, culminando, em 1968, com uma onda de protestos contra o regime. Esses e outros acontecimentos serviram de munição para a “linha dura” do regime exigir medidas mais rígidas. Em dezembro de 1968 o governo baixou o funesto Ato Institucional nº 5, representando um golpe dentro do golpe. O Ato conhecido como AI-5 incluía várias medidas de segurança. Na prática, representou a consolidação do autoritarismo militar e estatal. O Congresso foi dissolvido e o Exército impôs uma rígida censura à imprensa. A onda de prisões que se seguiu foi uma “reedição” de abril de 1964¹⁸¹. O AI-5 suspendeu as liberdades civis e deu às forças de segurança do governo carta-branca em sua campanha repressiva contra a esquerda revolucionária, a oposição democrática e a Igreja Católica¹⁸².

¹⁷⁸ FOUCAULT, 2008, p. 36.

¹⁷⁹ SERBIN, 2001, p. 412.

¹⁸⁰ SKIDMORE, 1982, p. 60.

¹⁸¹ PAGE, Joseph A. A revolução que nunca houve. Rio de Janeiro: Record, 1972. p. 275.

¹⁸² SERBIN, 2001, p. 22.

No governo Médici, houve a expansão das ações da oposição armada e a montagem de uma gigantesca repressão aos opositores. No campo econômico, foi a época de um crescimento chamado de “milagre econômico”. Embalado pela propaganda do regime, na base do “Ninguém segura este país” ou “Brasil: ame-o ou deixe-o”, o país foi tricampeão do mundo no futebol, tendo o governo usado aquela conquista até a exaustão. Simultaneamente, nos porões da ditadura, muitos desapareciam e morriam. “O Brasil agora ostentava a duvidosa distinção de merecedor das atenções especiais da Anistia Internacional”¹⁸³. Por isso ocorreu, naquele período, a formação de um grupo, por parte de setores da Igreja Católica, que procurava levantar questões com relação aos direitos humanos o qual “também estabeleceu vínculos com pastores protestantes, com lideranças de sindicatos fechados ou sob controle de interventores e com movimentos populares”¹⁸⁴.

A preparação e a consolidação do regime de exceção não teriam sido possíveis sem o envolvimento e o engajamento de vários setores da sociedade civil que aderiram ao comportamento político da elite reacionária brasileira, o qual se traduzia num discurso anticomunista de apologia aos valores democráticos e cristãos encarnados pelos Estados Unidos. Tais segmentos se empenharam em implantar o autoritarismo em nosso país e, conseqüentemente, em apoiar ou silenciar diante de cassações políticas, exílios e torturas.

3.3 Pernambuco e o regime militar (1964 a 1971)

Fatores relevantes, existentes no cenário político local, contribuíram para que o Estado de Pernambuco fosse um dos que sofreram intensa repressão, com o advento do golpe militar de 1964, principalmente contra os grupos que pregavam mudanças conjunturais e estruturais para vários setores da vida social e política dessa unidade da Federação. Nesse sentido, ressalta-se o MCP (Movimento de Cultura Popular), com o Método Paulo Freire, e a organização do movimento camponês no Nordeste que, para Soares, “foi o acontecimento que mais pânico provocou nas classes dominantes”¹⁸⁵.

Em Pernambuco, as implicações do golpe militar se fizeram sentir duramente, tendo ocorrido a deposição do governador e do prefeito da capital, além da prisão de muitas lideranças políticas e sindicais. Com a deposição do governador Miguel Arraes, teve início uma perseguição sistemática aos membros do governo deposto. As Ligas Camponesas foram

¹⁸³ SKIDMORE, 1982, p. 191.

¹⁸⁴ SERBIN, 2001, p. 131.

¹⁸⁵ SOARES, José Arlindo. **A Frente do Recife e o governo Arraes**. São Paulo: Paz e Terra, 1982. p. 111.

proscritas, o Movimento de Cultura Popular sofreu uma intervenção que mudou radicalmente seu perfil, o método Paulo Freire foi proibido e o seu criador “foi um dos primeiros educadores preso e, depois, exilado. Foi para o Chile com a família, o sonho e o método. Todos exilados do país por 16 anos”¹⁸⁶.

A Constituição de 1967 determinou que os governadores fossem eleitos de forma indireta, cabendo, assim, às Assembléias Legislativas dos respectivos estados elegê-los, embora elas fossem, naquele período, coagidas a referendar os candidatos indicados pelo presidente da República. Na realidade, os governadores eram nomeados através de um modelo eleitoral manipulado. Pernambuco e os demais estados assim procederam em parte do período militar, até o ano de 1982, quando, ainda na vigência do regime militar, foram novamente realizadas eleições diretas para governador de Estado.

Em primeiro lugar, assumiu o governo do Estado o então vice-governador Paulo Guerra, empossado no lugar do deposto governador Miguel Arraes. A partir de 1967, quem ficou no comando do governo do Estado foi Nilo Coelho, que substituiu o governador Paulo Guerra. “O fato de que ambos tivessem apoiado Arraes nas eleições de 1962 não os desqualificou aos olhos dos militares”¹⁸⁷.

Paulo Guerra nasceu em Nazaré da Mata, no ano de 1916, pertencendo a uma família tradicional e com grande influência política. Em 1932, ingressou na Faculdade de Direito do Recife.

Sua trajetória como parlamentar teve início em 1933, quando se elegeu prefeito de Orobó, permanecendo no cargo até o ano de 1940. Em seguida, foi prefeito de Bezerros (1940-1941). Com a redemocratização foi eleito deputado federal constituinte (1946-1951), conseguindo renovar o mandato de deputado federal (1951-1955), deputado estadual (1955-1959 e 1959-1963), sempre pelo Partido Social Democrático (PSD).

Em 1962, o Partido Social Democrático cindiu-se e Paulo Guerra aliou-se ao então prefeito do Recife, que se descompatibilizara do cargo para concorrer às eleições ao governo do Estado pela coligação de dois pequenos partidos – o Social Trabalhista e o Trabalhista Brasileiro –, elegendo-se vice-governador na chapa do candidato vitorioso ao governo do Estado, Miguel Arraes.

¹⁸⁶ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é o método Paulo Freire**. São Paulo: Editora Brasiliense. 1988. p. 19.

¹⁸⁷ PAGE, 1972, p. 261.

Por ocasião da prisão do governador do Estado de Pernambuco, Miguel Arraes, em 1964, Paulo Guerra assumiu o governo. Entretanto, por não possuir o controle do setor de segurança do Estado, teve que passá-lo às mãos do Coronel Ivan Ruy, um dos conspiradores das primeiras horas, cuja atuação foi marcante para o êxito do movimento de 1964 em Pernambuco.

Ressaltamos que, ainda durante o governo de Miguel Arraes, teve início uma série de divergências entre o governador e o vice-governador, de modo particular, nas ocasiões em que os grupos políticos radicalizavam suas posições.

Por ocasião do golpe militar, o governador Miguel Arraes foi deposto, sendo essa decisão ratificada pela Assembléia Legislativa. A deposição de Arraes, aprovada por 45 votos a favor e 17 contra, possibilitou ao então vice-governador, por este ser um político conservador e “pessedista”, assumir o fim do mandato, principalmente pelo fato de possuir afinidades com os grupos ligados ao movimento cívico-militar de 64 e ter participado, veladamente, da conspiração desde o seu início.

Durante o governo de Paulo Guerra, sérios impasses políticos ocorreram devido à influência exercida pelos chefes do movimento militar. Assim, várias prisões políticas (principalmente das pessoas mais combativas) foram feitas. O governador tentava apaziguar os episódios, mas não conseguia resolver quase nada, por causa do ímpeto de punições e cassações, que recaíram, sobretudo, contra os movimentos operários e camponeses, cujos militantes foram perseguidos e muitas vezes presos e mortos. Há indícios de que, em Pernambuco, dois dias após o golpe, mais de duas mil prisões foram efetivadas.

Apesar de todos os problemas enfrentados, o governador Paulo Guerra consegue fazer uma administração

que se destaca pela ampliação da rede escolar, construindo inúmeras escolas primárias e colégios. No campo da educação superior Paulo Guerra fundou a Fesp – Fundação do Ensino Superior de Pernambuco -, núcleo da futura universidade estadual. No campo da saúde, o governador realizou uma obra de vulto, ao construir um dos maiores centros de atendimento de urgência do país, o Hospital da Restauração, que substituiu o velho Pronto Socorro¹⁸⁸.

Nilo Coelho nasceu em 02 de novembro de 1920, em Petrolina, e faleceu em 09 de novembro de 1983, no estado de São Paulo. Era filho do coronel Clementino de Souza Coelho e de sua esposa D. Josefa Coelho. Seu pai foi o maior acionista da Companhia Siderúrgica Nacional e da CHESF – Companhia Hidroelétrica do São Francisco. Em 1947 se formou em Medicina pela tradicional Faculdade de Medicina da Bahia.

¹⁸⁸ NOSSOS governadores. **Jornal do Commercio**. Recife. 5 out. 1998. p. 07.

Sua vida parlamentar teve início no período de 1947 a 1950, quando exerceu o mandato de deputado estadual pelo Partido Social Democrático (PSD). Em 1947 foi membro da Comissão de Elaboração da Carta Constitucional e, em 1951, foi deputado federal.

Entre os anos de 1952 a 1954, foi secretário da Fazenda de Pernambuco, no governo Etelvino Lins. Reeleito deputado federal em 1958 e em 1963, estava na Câmara justamente no período em que ocorreu o movimento militar de 1964, apoiando-o totalmente. Na Câmara dos Deputados, participou e apoiou as medidas tomadas pelo marechal Castelo Branco, inclusive as de caráter repressivo, que resultaram em diversas cassações a parlamentares e punições aos elementos hostis ao regime militar.

Nilo Coelho desenvolveu: a) uma política de intensificação da irrigação, de modo especial, na área banhada pelo Rio São Francisco, diversificando a produção irrigada, que se baseava no cultivo de cebola, para outros produtos, como alho, algodão, uva, frutas e verduras; b) uma política de eletrificação rural; c) a rede rodoviária, investindo na construção de uma estrada asfaltada que ligava Recife a Petrolina (sua cidade natal), situada no extremo oeste do Estado, próximo à divisa com a Bahia. Tanto a região irrigada do São Francisco quanto a rodovia ligando Petrolina à capital beneficiaram a área de abrangência política do clã da família Coelho, da qual o governador foi o representante mais ilustre, ampliando e consolidando seu domínio político, apesar das modificações econômicas oriundas das respectivas obras citadas.

Na capital pernambucana, investiu na construção de viadutos – muitas vezes em parceria com a prefeitura da cidade do Recife – e implantou uma política de modernização na Secretaria da Fazenda, o que tornou o sistema de arrecadação de impostos mais eficiente. Incumbiu o CONDEPE (Instituto de Desenvolvimento de Pernambuco) de realizar estudos que ensejassem a divisão do território pernambucano em regiões administrativas. Entretanto, mesmo com os estudos concluídos, não foi efetivada a divisão regional.

Ainda durante o seu governo, criou o GERA, um grupo de trabalho que deveria apresentar soluções para a dinamização do processo de reforma agrária, de maneira que cada Estado possuísse um grupo que passasse a desenvolver trabalhos que identificassem os problemas fundiários existentes, em consonância com o “Estatuto da Terra”, elaborado e regulamentado nos meses subsequentes ao golpe de 1964.

Com a edição do AI-5, a questão da reforma agrária foi retirada da pauta de discussão do governo federal, sendo engavetados os resultados propostos pelo GERA. Meses antes da edição do AI-5, o Brasil foi sacudido por uma onda de passeatas estudantis. Em Pernambuco ocorreram manifestações de estudantes que conseguiram reunir outros setores

sociais contrários à permanência da ditadura militar. Tais manifestações foram duramente reprimidas pela ação da polícia, ocorrendo muitas prisões de estudantes.

Foi durante o seu governo que ocorreu um crime que chocou a opinião pública, vitimando um sacerdote da Igreja Católica:

O caso de Nilo Coelho é atípico. Apesar de elementos da Polícia Civil de Pernambuco serem os principais acusados no crime que vitimou o padre Henrique, o que levou o então arcebispo, Dom Helder Camara, a responsabilizar o governo pela morte do sacerdote, não deixou cicatrizes no governador. O povo tinha consciência de que toda a repressão estava nas mãos dos militares¹⁸⁹.

Naquele período destacou-se a figura do arcebispo de Olinda e Recife, D. Helder Camara, que veio administrar a arquidiocese no ano de 1964. Era um pastor que “procurava amparar, como um cristão o faria, os perseguidos com fome e sede de justiça. A sua autoridade de arcebispo e o seu prestígio internacional lhe deram condições de resistência, apesar das restrições que lhe foram impostas”¹⁹⁰.

Concluído o seu mandato, Nilo Coelho passou o governo do Estado de Pernambuco para as mãos de Eraldo Gueiros Leite, de origem evangélica, pertencente ao clã dos Gueiros. “Naqueles anos, alguns governadores de origem evangélica foram escolhidos pelos militares para o governo de estados, como por exemplo, gente da família Gueiros, Jeremias Fontes ou até mesmo o presidente Geisel”¹⁹¹.

¹⁸⁹ SILVA, Leonardo. **Pernambuco**: caminhos da liberdade. Brasília: Tempo Real, 1998. p. 277.

¹⁹⁰ ANDRADE, Manuel Correia de. **Pernambuco**: cinco séculos de colonização. João Pessoa: Editora Grafset, 2004. p. 160.

¹⁹¹ CAMPOS, 2004, p. 27-28. Discorremos apenas sobre dois governadores de Pernambuco, pelo fato de terem sido os que estiveram à frente do estado no período em discussão: 1964 a 1971.

4 A CRUZADA ABC (1965 A 1971)

A opção de alguns setores da cúpula das Igrejas protestantes de se aproximar do regime autoritário instalado no Brasil após 1964 e colaborar com o mesmo é explicada, também, a partir da sua origem: uma expansão missionária que partia dos Estados Unidos da América. No contexto da Guerra Fria, “o protestantismo assumiu com fervor os ideais políticos norte-americanos, assim como o anticomunismo, uma bandeira levada adiante com a adesão ao fundamentalismo e ao conservadorismo”.¹⁹² Além disso, assumiu também um comportamento teológico avesso a inovações religiosas, sobretudo às que apostavam nas mudanças estruturais e não na transformação individual, como desejavam os grupos protestantes mais conservadores que, segundo Bittencourt Filho, “tornaram-se beneficiários do clima autoritário implantado pelo golpe de 1964, e foram os principais agentes dos expurgos e perseguições que se multiplicaram no âmbito eclesiástico protestante”¹⁹³.

Como destaca Rubem Alves, tais setores da cúpula das Igrejas Protestantes são identificados como fundamentalistas:

Os fundamentalistas se declaram conservadores. Se a verdade última foi dada aos homens no passado, basta-nos apenas conservá-la e anunciá-la. O caráter absoluto das suas convicções os leva a dividir os homens, de forma clara e final, em duas facções opostas. Suas publicações identificam o capitalismo, a livre empresa e o estilo de vida norte-americano com a fé cristã, e tudo o que se desvia daí é identificado ou com a Igreja católica romana, ou com o comunismo, os seus dois grandes adversários. É essa posição ideológico-teológica que faz deles inimigos irreduzíveis de tudo aquilo que possa parecer um comprometimento da fé: a crítica bíblica, o ecumenismo, a preocupação social¹⁹⁴.

Mendonça parece ter uma posição análoga à de Rubem Alves, mas faz ressalvas ao se atribuir o termo fundamentalista, pois em “regra geral ele (fundamentalista) se diz simplesmente ‘evangélico-conservador’, fato que confunde um pouco as coisas, uma vez que há muitos conservadores que não são fundamentalistas”¹⁹⁵.

De fato, a presença dos protestantes na eclosão do golpe militar de 1964 e durante o regime autoritário se fez sentir em várias esferas institucionais, desde os comandos de postos-chaves do Exército – principal foco conspiratório –, passando por setores essenciais à

¹⁹² CAMPOS, 2004, p. 29.

¹⁹³ BITTENCOURT FILHO, José. Da dissidência à profecia. **Tempo e Presença**. Rio de Janeiro, v. 26, n. 334, mar./abr. 2004, p. 36.

¹⁹⁴ ALVES, Rubem. **Dogmatismo e tolerância**. São Paulo: Edições Loyola, 2004. p. 73.

¹⁹⁵ MENDONÇA; VELASQUES FILHO, 2002, p. 139-140.

manutenção ideológica do regime, como a educação (com a utilização da Cruzada ABC – Ação Básica Cristã –, adotada pelo governo federal em oposição ao método Paulo Freire, formulada por protestantes, principalmente presbiterianos), até a assunção de cargos governamentais e parlamentares, podendo ser apontado como o mais trágico o fato de alguns protestantes serem agentes do SNI (Serviço Nacional de Informações), prestando relevantes serviços ao regime.

4.1 Origem

A Cruzada ABC tem sua origem num grupo de missionários estadunidenses que também incluía evangélicos brasileiros, e a entidade da qual partiu o programa – o Colégio Agnes Erskine, em Recife, ligava-se a uma Igreja Protestante americana, a Presbiteriana, com sede no sul dos Estados Unidos.

Apesar disso, a Cruzada ABC tenta negar qualquer caráter proselitista, o que se evidencia no artigo 1º, capítulo I – Da denominação, objeto social e duração da sociedade – do seu estatuto:

Artigo 1º – Sob denominação da “CRUZADA DE AÇÃO BÁSICA CRISTÃ” abreviadamente “CRUZADA ABC”, fica constituída uma sociedade civil sem fins econômicos, de caráter cultural, educacional e assistencial, a qual se regerá pelos presentes estatutos por um regimento interno e pela legislação nacional aplicável à espécie¹⁹⁶.

Percebemos a origem religiosa da Cruzada ABC no artigo 2º, o qual se refere ao objeto social:

Artigo 2º – A CRUZADA ABC, que se inspira nos ideais cristãos, tem por finalidade a alfabetização de adultos e a educação de base, bem como a prestação de assistência social, em qualquer parte do território nacional, mormente nos Estados integrantes das Regiões Norte e Nordeste do País¹⁹⁷.

No capítulo IX, Disposições Gerais e Transitórias, encontramos: “caso a Cruzada ABC sofra dissolução, seus bens serão revertidos ao COLÉGIO EVANGÉLICO AGNES ERSKINE, estabelecimento de ensino sediado à Avenida Rui Barbosa, n. 704, nesta cidade do Recife, que se propõe a continuar o programa”¹⁹⁸.

¹⁹⁶ ESTATUTOS Sociais da Cruzada de Ação Básica Cristã. **Diário Oficial do Estado**. Recife. 12 mar. 1966. p. 1804.

¹⁹⁷ *Ibid.*

¹⁹⁸ *Ibid.*, p. 1805.

Como podemos perceber, a Cruzada ABC inspirava-se nos valores cristãos, visto que sua origem é religiosa. Em termos de estrutura organizativa, se assemelhava às missões presbiterianas.

Com relação aos sócios fundadores, notamos que todos são evangélicos e entre eles figuram, inclusive, duas pessoas jurídicas: o COLÉGIO EVANGÉLICO AGNES ERSKINE, estabelecimento de ensino sob inspeção federal do Ministério de Educação e Cultura, sediado na Avenida Rui Barbosa, n. 704, na cidade do Recife, capital do Estado de Pernambuco, representado por sua diretora-presidente, Da. Edla Gabriel de Oliveira, brasileira, solteira, educadora, residente no mesmo endereço; e a MISSÃO PRESBITERIANA DO NORTE DO BRASIL, entidade religiosa sediada na Avenida Rui Barbosa, n. 704, na cidade do Recife, representada por sua presidente, Da. Gertrudes Snow Masson, norte-americana, missionária evangélica, residente na Rua da Anunciada, n. 208-A, Graças, Recife, Pernambuco¹⁹⁹.

O Colégio Evangélico Agnes Erskine já participara, antes do golpe militar de 64, do “Promoção Agnes”, um convênio assinado entre a instituição educacional confessional e o governo Cid Sampaio, interrompido pelo governo Arraes, em janeiro de 1963.

Na relação de sócios fundadores, aparecem dois missionários estrangeiros, ambos norte-americanos, casados, missionários evangélicos, então residentes à Avenida Beira-mar, Piedade, no município de Jaboatão. O primeiro, Pierre Wilds Dubose Júnior, residia no nº 1400 e o segundo, Jule Christian Spach, no nº 1420.

Também constam da relação de sócios fundadores religiosos brasileiros, entre outros: Paulo Martins Costa, brasileiro, casado, comerciante, residente na Rua Vigário Barreto, 35, Aflitos, Recife, Pernambuco; Augusto Coimbra Pinto, brasileiro, casado, educador, residente na Rua Conde de Irajá, 315, Torre, Recife, Pernambuco; José Maurício Wanderley, brasileiro, casado, educador, residente na Rua José Bonifácio, 491, Torre, Recife, Pernambuco; Joas José da Cruz, brasileiro, casado, advogado, residente na Rua Sebastião do Rego Barros, 75, Cajueiro, Recife, Pernambuco; Severino de Andrade Lyra, brasileiro, casado, contabilista, residente na Rua Alderico Pereira, 50, Hipódromo, Recife, Pernambuco; Aulete Ribeiro da Silva, brasileiro, casado, contabilista, residente na Rua Viscondessa do Livramento, 114, Derby, Recife, Pernambuco; Oton Gaunais Dourado, brasileiro, casado, ministro evangélico, residente na Rua Demócrito de Souza Filho, 208, Madalena, Recife, Pernambuco; José Florêncio Rodrigues, brasileiro, casado, ministro evangélico, residente na

¹⁹⁹ ESTATUTOS Sociais da Cruzada de Ação Básica Cristã. **Diário Oficial do Estado**. Recife. 12 mar. 1966. p. 1805.

Rua D. Bosco, 1308, Boa Vista, Recife, Pernambuco; Pauline Landes Browne, brasileira, casada, missionária evangélica, residente na Rua do Futuro, 397, Graças, Recife, Pernambuco; Edla Gabriel de Oliveira, brasileira, solteira, educadora, residente na Avenida Rui Barbosa, 704, Graças, Recife, Pernambuco²⁰⁰.

A primeira diretoria executiva ficou assim composta: “Diretor-presidente: Edla Gabriel Oliveira, já qualificada; Diretor-secretário: José Florêncio Rodrigues, também já qualificado; Diretor-tesoureiro: Aulete Ribeiro da Silva, já qualificado também”²⁰¹.

Mesmo com a reforma dos estatutos da Cruzada ABC, ocorrida em maio de 1969, como consequência do seu crescimento, a cruzada não deixou de sofrer influência religiosa, como podemos perceber abaixo, no Capítulo I, “Da denominação, objeto e duração da instituição”:

Artigo 2º: A CRUZADA ABC que se inspira nos ideais cristãos, tem por finalidade a alfabetização de adultos, a alfabetização funcional, a educação continuada e o ensino profissional bem como educação comunitária em qualquer parte do território nacional, sem distinção de credo ou raça²⁰².

Notamos que ocorreu uma sutil mudança no artigo 2º com relação à redação anterior: no final, há uma observação acerca de uma isenção de posturas diferenciadas em relação às pessoas, oriundas de critérios como credo e raça, justamente como uma forma de conter as críticas que a cruzada já recebia, por ser acusada de proselitista.

Também percebemos diferenças na redação do artigo depois da reforma: antes se falava em patrimônio social, depois se fala em patrimônio líquido. Ainda como reflexo da crise por que passava a cruzada, o artigo fala em continuá-la.

Após a reforma dos Estatutos da Cruzada, foi mudada a estrutura da sua diretoria, em 12 de maio de 1969:

DIRETORIA – Diretor presidente, Sr. Victor Prester, inglês, casado, contabilista, residente à Avenida Conde da Boa Vista, n. 45, Bloco A, nesta Capital; Diretor vice-presidente: a ser preenchido na forma do artigo 20 dos Estatutos; Diretor adjunto: José Borges dos Santos Júnior, brasileiro, casado, ministro evangélico, residente à Alameda Jaú, n. 752, São Paulo, Capital do Estado; Diretor adjunto: Edgard Alves do Aragão, brasileiro, casado, economista, residente à Rua Desembargador Motta Júnior, n. 8, Casa Amarela, nesta Capital; Diretor adjunto: Hélio Vidal de Freitas, brasileiro, casado, engenheiro, residente à Avenida Conde da Boa Vista, n. 145, nesta Capital.

²⁰¹ ESTATUTOS Sociais da Cruzada de Ação Básica Cristã. **Diário Oficial do Estado**. Recife. 12 mar. 1966. p. 1805.

²⁰² REFORMA dos Estatutos Sociais da Cruzada ABC. **Diário Oficial do Estado**. Recife. 13 maio. 1969. p. 4070.

CONSELHO FISCAL – Paulo Martins Costa, brasileiro, casado, contabilista, residente à Rua Vila Nova da Rainha, n. 254, Campina Grande, Estado da Paraíba; o Sr. José Florêncio Rodrigues, brasileiro, casado, educador, residente à Rua Dom Bosco, n. 1308, nesta Capital; e o Sr. Hélio Miranda Lopes, brasileiro, casado, cirurgião dentista, residente à Rua Melo de Moraes, n. 406, Maceió, Estado de Alagoas.
Pierre Wilds Dubose Júnior - Presidente²⁰³.

Percebemos, comparando a relação de membros que participaram da Diretoria da Cruzada antes da reforma dos estatutos, que apenas dois nomes continuavam ocupando cargos: o então presidente, Pierre Wilds Dubose Júnior, e José Florêncio Rodrigues.

Spach, que fora diretor do Colégio 15 de Novembro – uma instituição religiosa pertencente à Igreja Presbiteriana, localizada na Cidade de Garanhuns, interior de Pernambuco – e depois participou da criação da Cruzada ABC, confirma a origem religiosa, porque:

Em primeiro lugar, nós tínhamos que estabelecer os meios fundamentais e os recursos para nosso programa de alfabetização. Nossos planos haviam sido apresentados ao Conselho de nossa missão presbiteriana nos Estados Unidos e lá haviam recebido aprovação entusiástica. Eles conseguiram uma doação de U\$\$ 15.000,00 (quinze mil dólares), mas isso era apenas uma fração dos milhões de dólares que seriam necessários nos próximos cinco anos, o período de tempo durante o qual nós acreditávamos poder completar nosso programa e assim estar pronto para entregá-lo ao governo brasileiro. Com relação à equipe, milhares de voluntários teriam que ser recrutados e treinados como professores, manuais de professores e livros-textos teriam que ser desenvolvidos e impressos, e essa era uma tarefa desafiadora, uma vez que não os havia adequado à língua portuguesa²⁰⁴.

Como destaca Scocuglia, a origem religiosa da Cruzada ABC pode ser percebida ao se apreciar o projeto educativo recém-implantado, no qual a marca religiosa do movimento ficou bem caracterizada, pois até mesmo a palavra “cruzada”, que em sua tradução original significa marcar com a cruz, representaria o poder de Cristo para sanar os males do cotidiano:

Nós da Igreja Evangélica estamos engajados em grandes cruzadas para o evangelismo, alfabetização e o desenvolvimento do homem de acordo como Deus deseja que ele seja. No Norte e Nordeste do Brasil, com 23 milhões de habitantes, problemas de massa como doença, pobreza e analfabetismo, todas as forças devem se unir para combater²⁰⁵.

“Marcar com a cruz”, nas cruzadas da idade medieval, significaria livrar a Terra Santa dos infiéis que a invadiram. Essa nova “cruzada” libertaria a terra que fora invadida

²⁰³ REFORMA dos Estatutos Sociais da Cruzada ABC. *Diário Oficial do Estado*. Recife. 13 mai. 1969. p. 4071.

²⁰⁴ SPACH, Jule C. *Todos os caminhos conduzem ao lar*. Recife: Bagaço, 2000. p. 324-325.

²⁰⁵ SCOCUGLIA *apud* SMITH, William, S, et alli – Nort Brazil – in: *Annual report of the board of world missions of the presbyterian church*. V. s. 1965, p. 105.

pelo “comunismo ateu”, ao qual foi associado o Método Paulo Freire, em oposição à Cruzada ABC.

Quanto à origem religiosa da Cruzada ABC, Prestes concorda com essa perspectiva porque: “Há de convir-se que o sentido maior do projeto para os missionários protestantes tinha uma dimensão eminentemente evangélica, tida como proselitista por seus críticos”²⁰⁶.

E cita Ponce, para comprovar sua afirmação:

O protestantismo, ao dar ao homem a responsabilidade da sua fé e ao colocar a fonte desta fé nas Sagradas Escrituras, assumiu, ao mesmo tempo a obrigação de colocar todos os fiéis em condições de salvar as suas almas mediante a leitura da Bíblia. Desse modo, a instrução elementar passa a ser o primeiro dever a caridade... Lutero compreendeu a estreita relação que existia entre a difusão da rede escolar e a prosperidade econômica²⁰⁷.

Mas Prestes concorda que essa postura da Igreja Presbiteriana, através da Cruzada ABC, poderia trazer conseqüências, porque:

Por outro lado, havia a necessidade de estabelecer contatos com as agências oficiais, mas, por outro, havia o temor de que o envolvimento da Igreja nas questões políticas do Estado pudesse trazer conseqüências desagradáveis para o próprio trabalho missionário²⁰⁸.

Conforme já ressaltado nesta dissertação, o protestantismo brasileiro, em especial o de origem missionária, segue sendo uma projeção do protestantismo estadunidense. As igrejas protestantes, no Brasil, principalmente as de origem missionária, nutrem-se no ideário da religião civil estadunidense, caracterizado pela exaltação do individualismo, do conservadorismo, do conversionismo e de uma postura anticomunista, aproximando-se dos valores burgueses, sobretudo nos anos 60 do século XX.

A Cruzada ABC – com seu programa educacional – representou mais um apoio de setores evangélicos ao golpe militar de 1964. Esse fato é importante porque evidenciou que os protestantes desempenharam um papel importante, na medida em que tiveram grande atuação no setor social, vinculado ao movimento de 1964, o que abriu para esse movimento uma maior possibilidade na expansão dos seus interesses, como foi o caso da própria cruzada.

²⁰⁶ PRESTES, Emília Maria da Trindade. **Educação e luta de classes**. 3. ed. São Paulo: Cortez & Autores Associados, 1982. p. 47.

²⁰⁷ PONCE *apud Ibid.*, p. 119-120.

²⁰⁸ *Ibid.*, p. 47.

Segundo Scocuglia, “os obstáculos à sua ação, anteriores ao golpe, ou seja, os movimentos ‘progressistas de esquerda’ com seu centro irradiador no governo Arraes, em Pernambuco, desapareceram, de modo que o projeto ABC podia ser colocado em prática”²⁰⁹.

Setores protestantes (sobretudo entre os batistas e os presbiterianos) assumiram uma postura anticomunista, havendo no seu interior uma unidade na diferença, e eles não mediram esforços para combater o comunismo. Como destaca Campos, “o Brasil e os evangélicos participaram de uma guerra entre a ‘civilização cristã’, de um lado e as forças destruidoras do ‘comunismo materialista e ateu’, de outro”²¹⁰.

Nesse sentido, o controle da cúpula conservadora permitiu não só barrar novos questionamentos no tocante ao significado da atuação do cristão na política, mas também outras formas de interpretações bíblicas ligadas ao modernismo teológico. Isso permite analisar que os protestantes se tornaram importantes no desempenho de um papel vinculado ao movimento de 64, que lhes abriu maiores oportunidades na expansão dos limites de seus movimentos.

Durante o governo Cid Sampaio, os presbiterianos, através do Colégio Evangélico Agnes Erskine, cooperaram na “assistência social” do Recife, conforme reportagem do Brasil Presbiteriano, órgão oficial da Igreja Presbiteriana. A reportagem destaca que os evangélicos gozaram da confiança do então governo Cid Sampaio porque o colégio “tem conquistado o respeito das mentalidades esclarecidas, principalmente do Recife, pela linha de conduta que vem mantendo, ditada pelo evangelho de Cristo, cujos princípios tem procurado honrar e viver”²¹¹.

Em outra parte da reportagem, é traçado um histórico sobre o “Promoção Agnes”, destacando a influência do deputado evangélico e presbítero Inaldo Lima, que fala na possibilidade de os evangélicos conseguirem um convênio com o governo, através da Fundação de Promoção Social. No mesmo período, aproximadamente dois anos, quando a história começou,

duas professoras do “Agnes” – Srtas. Edla Oliveira e Irecê Wanderley – apresentaram-se ao Presbitério de Pernambuco oferecendo-se para estabelecer escolas paroquiais nas diversas Igrejas (algumas já existiam, mas trabalhando isoladamente sob a orientação técnica do Agnes). Foi então

²⁰⁹ SCOCUGLIA, Afonso Celso. **A educação de jovens e adultos**: histórias e memórias da década de 60. Brasília: Editora Plano; Editora Autores Associados, 2003. p. 83.

²¹⁰ CAMPOS, 2004, p. 31.

²¹¹ VIANA, Juracy Fialho. O Colégio evangélico Agnes na assistência social do Recife. **Brasil Presbiteriano**. Recife. 13 maio 1962. p. 10 e 12.

criada, pelo referido Presbitério, a Secretaria de Educação Primária, sendo designada para servir-lhe como secretaria, a professora. Edla²¹².

A influência de outro evangélico, Dr. Aulete Ribeiro, junto à administração estatal contribuiu para que o acordo fosse celebrado, tendo sido assinado um convênio entre o governador Dr. Cid Sampaio e o “Agnes”, representado pelo seu ilustre diretor e responsável pelo jornal Brasil Presbiteriano, o presbítero Prof. J. Maurício Wanderley²¹³.

Noutro trecho, são destacadas as funções que, no convênio, caberão ao Agnes (assistência técnica, administrativa e promoção de cursos de preparação e especialização aos professores) e ao governo do Estado (gratificação ao professorado e ao pessoal administrativo, mobília e merenda escolar)²¹⁴.

É destacada a abrangência do convênio destinado a envolver os evangélicos da cidade do Recife e que, em algumas escolas, já estaria em funcionamento:

O convênio abrange toda a comunidade evangélica do Recife e adjacências e não somente a Igreja Presbiteriana, o que deu então um novo panorama à idéia inicial de estabelecer escolas nas Igrejas Presbiterianas de Pernambuco. Já estão em funcionamento as primeiras escolas – algumas funcionam em dois turnos fazendo um total de trinta – todas com professores crentes de várias denominações e contando com a supervisão e orientação da Profa. Edla Oliveira, especializada no assunto da Escola primária, através dos cursos feitos no país e nos Estados Unidos²¹⁵.

A reportagem destaca que a origem do “Promoção Agnes”, bem como sua finalidade são religiosas, pois o projeto tem como objetivo principal a leitura da Bíblia ensinada nas escolas (através do programa para todo o ano letivo) e evitar o analfabetismo:

Graças a Deus que está havendo um despertamento na igreja no sentido de escutar os apelos do mundo e pensar um pouco mais nas suas angústias e problemas. Só mesmo os verdadeiros cristãos poderão dar uma resposta plenamente satisfatória a esses apelos porque tendo a experiência pessoal do amor de Deus na sua vida, lograrão, pelo menos, entrever o amor ao próximo²¹⁶.

No final, pede louvações para o êxito do projeto: “Louvemos a Deus por essa oportunidade de seus filhos atuarem como ‘a luz do mundo’ na vida social do Recife e arredores e peçamos a Ele, ardentemente, pelo governo e por todos aqueles que têm responsabilidade nessa honrosa tarefa”²¹⁷.

²¹² *Ibid.*

²¹³ VIANA, 1962, p. 10 e 12.

²¹⁴ *Ibid.*

²¹⁵ *Ibid.*

²¹⁶ *Ibid.*

²¹⁷ *Ibid.*

A respeito disso, Spach afirma que os propósitos da Cruzada ABC encontraram sintonia com os propósitos do novo governo, oriundo do golpe de 64:

Um projeto que recebeu muito encorajamento e reconhecimento do novo governo, dos educadores locais e do público em geral, foi o programa de alfabetização de adultos que, embora de pequena escala, foi muito bem sucedido no Recife, conduzido pelo Colégio Agnes Erskine. Esse projeto, que se dedicava exclusivamente ao ensino de adultos em como ler e escrever, estabeleceu as bases para a criação de uma nova direção dentro do colégio²¹⁸.

No segundo semestre de 1964, líderes religiosos se reuniram no Colégio Agnes, com o objetivo de retomar o projeto “Promoção Agnes”, iniciado no governo Cid Sampaio e interrompido no governo Arraes, conforme antes citado. Spach confirma que houve esse propósito:

Logo depois desses dias decisivos, em 1964, quando Gertrude Mason, Edla Oliveira, Pierre Dubose e eu nos reunimos no Recife, aquela nova divisão do colégio, que já funcionava, seria o fundamento a partir do qual haveríamos de deslançar a Cruzada ABC.²¹⁹

Uma reportagem do Diário de Pernambuco confirma a observação de Spach: após o golpe militar, o “Promoção Agnes” foi retomado, embora modificado e ampliado.

Um relato circunstanciado do programa será apresentado, na ocasião, pela professora Edla Oliveira, sobre os planos que serão postos em execução ainda este ano, dentro do convênio Agnes-USAID. Acrescentamos que também serão prestados esclarecimentos a todos, acerca do material didático que será distribuído, com os alfabetizadores e alfabetizados, pela direção da Cruzada ABC²²⁰.

A mesma reportagem destaca a vinda do pastor evangélico Boanerges Ribeiro, professor da Escola de Sociologia e Direito de São Paulo e diretor do jornal Brasil Presbiteriano, para dar uma palestra para alfabetizadores sobre a elaboração de um programa de literatura, o que mais uma vez demonstra a origem evangélica da Cruzada ABC. “A literatura para o novo leitor deverá ser apresentada em termos claros, ligeiros, e objetivos em todos os gêneros: história, novela, canto, poesia etc”²²¹.

Com a deposição de Arraes em abril do mesmo ano, foi removido um dos obstáculos para a ação da Cruzada ABC. O desmantelamento do método Paulo Freire, promovido pelo regime militar que o acusou de ser instrumento de subversão e de promover o

²¹⁸ SPACH, 2000, p. 324.

²¹⁹ *Ibid.*

²²⁰ HABILITADOS pela Cruzada ABC, mais 40 alfabetizadores vão trabalhar. **Diário de Pernambuco**. Recife. 15 out. 1966. Segundo Caderno. p. 04.

²²¹ *Ibid.*

comunismo, propiciou a volta à cena do “Promoção Agnes”. Aproveitando a experiência acumulada, a Cruzada ABC iniciou, no segundo semestre de 1965, um projeto piloto no bairro de Brasília Teimosa, na época um dos “bolsões de miséria” da cidade do Recife, que foi considerado um sucesso, por ter alcançado os resultados esperados. Brasília Teimosa, segundo Spach, foi o local escolhido porque:

Após uma extensa prospecção, um local foi finalmente escolhido como sendo o melhor; tratava-se de uma grande favela nas redondezas do Recife, conhecido como Brasília Teimosa. Tratava-se de uma favela de barracas e palhoças, com aproximadamente 30.000 pessoas, uma típica cidade invasão, como eram chamadas no Brasil. As famílias pobres se mudavam para lá em razão da terra estar desocupada, e de uma forma tão rápida e com um contingente tão elevado de pessoas, que os governos haviam desistido de realizá-los ou de retirá-los daquela localidade²²².

Outra vez Spach cita uma instituição religiosa, um centro social dirigido por missionários católicos norte-americanos que só funcionava como local de culto, não havendo escolas, centros de recreação ou instalações médicas. Muitos dos que moravam na favela eram desempregados e, em sua maioria, analfabetos²²³.

O autor afirma que a Cruzada ABC não foi o primeiro movimento de alfabetização a se instalar em Brasília Teimosa e no Pina, antes o fizeram um grupo de padres católicos, no início dos anos 50, com os moradores que não podiam freqüentar uma escola, formando uma pequena organização de alfabetização²²⁴.

Mais adiante Spach, incorporando o anticomunismo reinante na época, afirma que, no fim dos anos 50, outro grupo de simpatizantes comunistas recrutava estudantes para aumentar a comunidade e doutrinar os analfabetos. “Após a derrota da ‘revolução’ comunista, em 1964, uma reforma educacional teve lugar e se tornou prioridade do novo governo, e o avanço da alfabetização se tornou um de seus maiores objetivos”²²⁵.

Ressaltando seu anticomunismo, Spach diz que os líderes de Brasília Teimosa não queriam mais ser “fantoques” de orientações políticas, pois muitas das aulas dos comunistas “tinham sido acerca da revolução e de como a vida podia ser melhor sob a tutela de um governo socialista”²²⁶.

Com o êxito alcançado pelo projeto piloto de Brasília Teimosa, a Cruzada ABC conseguiu expandir suas atividades para outros lugares. Através da utilização de suas cartilhas

²²² SPACH, 2000, p. 326.

²²³ *Ibid.*, p. 327.

²²⁴ *Ibid.*, p. 323.

²²⁵ *Ibid.*, p. 323-324.

²²⁶ *Ibid.*, p. 328.

de alfabetização, tinha como referência o estilo de vida estadunidense, principalmente no aspecto religioso. Essa fase é a embrionária da Cruzada ABC; na retomada e na expansão do programa “Promoção Agnes”, passou a ser chamado de Cruzada de Ação Básica Cristã.

No que se refere à sua origem, a cruzada sempre se preocupou em explicitar que não guardava qualquer aspecto confessional ou sectarista, não fazendo discriminação por questões de ordem religiosa e nem permitindo qualquer proselitismo religioso através das atividades educativas. Isso não significava, no entanto, o abandono de suas posições religiosas.

Mas, como bem frisa Prestes, “a organização da Cruzada seguia de perto a estrutura das missões presbiterianas, significando isto a influência direta daquela entidade sobre a ABC”²²⁷.

Vanilda Paiva destaca, com relação à Cruzada ABC, que seus integrantes não são intervencionistas, pois procuram dar ao homem, em sua cultura, elementos para a autopromoção.

Embora sem opção denominacional, esta proclamada intenção não diretiva, entretanto, nem sempre se observou na prática do programa, que se atribuía um “caráter filantrópico”. As concepções antropológicas da Cruzada, que serviram de base para seu trabalho junto às massas, eram complementadas por sua concepção de desenvolvimento e de duas idéias sobre o papel da religião e da ajuda externa nesse processo²²⁸.

A cruzada trazia uma mensagem de paz social através da preservação das estruturas e da maior difusão do espírito religioso. Seu crescimento foi custeado com recursos originários de doações privadas, como as realizadas pelo Bradesco, pelas igrejas evangélicas da Holanda e da Alemanha e pela Fundação Reynold Tobacco Company.

Através dos depoimentos orais, deparamo-nos com várias apreciações, fruto de observações subjetivas a respeito do proselitismo religioso da Cruzada ABC. Todavia, nenhum depoente emitiu uma única opinião a partir de sua atuação na cruzada. Como destaca Michel de Certeau, “a oralidade constitui também o espaço essencial da comunidade. Numa sociedade não existe comunicação sem oralidade, mesmo quando esta sociedade dá grande espaço à escrita para a memorização da tradição ou para a circulação do saber”²²⁹.

²²⁷ PRESTES, Emília Maria da Trindade. **Educação popular e contexto sócio-político**: o caso da Cruzada ABC. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2001. p. 70.

²²⁸ PAIVA, Vanilda Pereira. **História da educação popular no Brasil**: educação popular e educação de adultos. São Paulo: Loyola, 2003. p. 207.

²²⁹ CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano**: 2 Morar, cozinhar. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 336.

Com relação à origem religiosa dos entrevistados, é interessante destacar trechos de alguns depoimentos. Assim se exprimiu o senhor Ramos André:

Eu tenho Mestrado e Bacharelado em Teologia, cursados no Seminário Batista do Norte do Brasil. Essa é a minha formação, uma formação evangélica. Tinha começado a minha vida num Seminário Católico e fui Pastor Batista por trinta e dois anos²³⁰.

Além de evangélicos, temos o depoimento de uma pessoa católica que ensinou na cruzada aos 12 anos de idade:

Eu sou de formação católica! Eu não tinha idéia de que a Cruzada fazia parte de um projeto mais amplo, de que ela tinha uma base evangélica, pois eram os evangélicos que a levavam adiante, e hoje eu sei que fazia parte do convênio MEC/USAID, o que não sabia na época, pois era um trabalho de voluntariado onde alfabetizávamos adultos através de um método de trabalho, em uma sistemática de trabalho na qual partíamos de algumas palavras já organizadas pela cartilha²³¹.

Destaca o senhor Ramos André que a Cruzada ABC era composta por muitos evangélicos, porque os fundadores eram líderes evangélicos: “creio que do sul dos Estados Unidos, que trabalhavam com instituições religiosas. Assim, também por isso, muitos evangélicos trabalharam com a Cruzada ABC”²³².

A senhora Jacira Ferreira parece concordar com a afirmação acima, mas faz uma ressalva:

Até onde me lembro existiam muitos evangélicos. Vamos chamar de cúpula, pois o presidente e as pessoas com cargos de confiança, os coordenadores, eram evangélicos, mas para prestar o concurso não foi exigido que o candidato fosse evangélico, não exigiu da gente saber a qual religião nós pertencemos, tanto é que eu e minhas amigas da época éramos todas católicas e isso não foi imposição da Cruzada ABC²³³.

Posição análoga à da senhora Jacira Ferreira tem Virgínia Almoedo, que destaca a questão da estrutura da Cruzada ABC:

A grande maioria era de evangélicos, embora a clientela, os alunos, não fossem todos crentes... Era uma coisa muito bem organizada: os coordenadores tinham uma casa alugada onde faziam seus treinamentos e em outras se distribuía os gêneros alimentícios, tanto para os professores, os professores com o diferencial de quantidade, de qualidade não me lembro bem porque como dizia antes, eu abri mão dessa remuneração, mas era lá que distribuía por isso eu falei antes da questão da festa, porque a rua ficava cheia de pessoas e pessoas vinham buscar os alimentos e as coisas eram bastante interessantes. Havia muitos evangélicos, acho que a grande

²³⁰ Depoimento de Ramos André, gravado em 18 de maio de 2007.

²³¹ Depoimento de Virgínia Maria Almoêdo de Assis, gravado em 02 de maio de 2007.

²³² Depoimento de Ramos André, gravado em 18 de maio de 2007.

²³³ Depoimento de Jacira Pereira Ferreira, gravado em 05 de maio de 2007.

maioria da estrutura mesmo, os coordenadores como eles se autodenominavam, eram ligados à Igreja Batista, no caso nosso, lá do Cordeiro, era Batista²³⁴.

A senhora Valdívnia Correia destaca que a questão de a Cruzada ABC ser composta de muitos evangélicos tem a ver com o momento que se vivia:

Havia muitos evangélicos. Nós estávamos numa época onde havia interesse da Cruzada ABC por pessoas que comungassem do mesmo sentimento que, na época, estava muito dividido por causa da revolução. Logo após a revolução foi que começou [a Cruzada], em 1965. E havia a necessidade de pessoas que tivessem pensamento um pouco diferente ou totalmente diferente do pensamento da revolução, do que estava acontecendo e do que motivou a revolução. Não que fôssemos contra a revolução, mas contra o que provocou a revolução²³⁵.

Com relação à questão de os principais cargos da Cruzada ABC serem ocupados por evangélicos, Ramos André comenta: “A orientação da fundação foi dada por líderes religiosos missionários americanos. Então, naturalmente, os primeiros e talvez os principais líderes eram líderes evangélicos aqui de Pernambuco, aqui em Recife”²³⁶.

A senhora Jacira Ferreira, por sua vez, afirma conhecer pouco sobre o assunto, mas faz uma ressalva:

Nós não tínhamos um esclarecimento a respeito de como esses cargos eram preenchidos. Agora eu lembro os coordenadores que passaram no meu setor, o de Casa Amarela, do Córrego de Zé Grande, assim como também eu não sei se era Presidente ou Superintendente, mas sei que era um que não era brasileiro e eu acredito que ele fosse evangélico²³⁷.

Virgínia Almoêdo destaca algumas lembranças que guarda de pessoas evangélicas em funções da Cruzada ABC e da própria estrutura do movimento:

A estrutura, pelo que eu lembro, tinha o coordenador geral... Faziam as visitas semanais uma senhora e um senhor... Eu lembro bem da imagem deles que está muito resguardada, mas não consigo lembrar os nomes... Parece-me que o nome do coordenador geral era Ivan. Quanto à coordenadora, que era a supervisora que me acompanhava como uma espécie de orientadora, ou seja, era uma pessoa que cuidava dos monitores da minha turma... Eu tinha uma prima que fazia parte e não lembro de outras professoras, mas a organização parece que era essa... Eu não conheço ou não lembro de alguém com nível de graduação mais elevado. Eram pessoas simples, culturalmente simples, acredito que não tivessem nenhum nível universitário, mas tinham sido treinadas, capacitadas para aquele trabalho; eles tinham sempre um material, um instrumental institucional que davam para a gente... Eles sempre estavam, nos finais de semana, em reunião com

²³⁴ Depoimento de Virgínia Maria Almoêdo de Assis, gravado em 02 de maio de 2007.

²³⁵ Depoimento de Valdívnia Soares Correia, gravado em 12 de abril de 2007.

²³⁶ Depoimento de Ramos André, gravado em 18 de maio de 2007.

²³⁷ Depoimento de Jacira Pereira Ferreira, gravado em 05 de maio de 2007.

...você que participava das avaliações... Quanto à estrutura de organização administrativa me parece que o nível, o cargo mais alto, era o coordenador geral que se ligava ao pastor da igreja e a uma coordenadora (deviam ser vários coordenadores) e aos professores, que éramos nós... Eu era uma das mais novas, aliás, era a mais nova.²³⁸

A senhora Valdívnia Correia destaca que, sendo cargos de confiança, costumavam ser ocupados por pessoas próximas:

Eram cargos de confiança. Havia dirigentes que conheciam muitas pessoas e eles recrutavam essas pessoas através de conhecimentos, de informação sobre a capacidade de cada um pra que pudesse fazer o trabalho, não eram pessoas leigas, eram pessoas que já tinham certa formação acadêmica, que pudessem ficar como supervisores, coordenadores ou supervisores e diretoras, que eram cargos de confiança como existem em todos os lugares os cargos de confiança que são ocupados a convite, lá eram cargos de confiança²³⁹.

É interessante destacar um trecho do depoimento dado pela senhora Jacira Ferreira, no qual relata as dificuldades encontradas no seu trabalho de educadora junto à Cruzada ABC:

A maior dificuldade e que foi o motivo de minha exoneração, é que eu não aceitava o modo com que eles exigiam que os alunos freqüentassem a sala de aula, pois se algum deles, por acaso, tivesse somente duas faltas, perderia o direito de receber os alimentos e eu não aceitava isso porque as pessoas trabalhavam, geralmente em casas de família, distantes, e quando chegavam à sala de aula já estavam muito atrasadas... Eu não colocava as faltas e essa dificuldade foi evidenciada quando comecei a receber visitas dos supervisores, dos coordenadores para verificar se realmente havia freqüência na minha sala e a hora que eles chegavam. Muitas vezes os alunos já tinham chegado dos seus trabalhos, embora muito cansados porque vinham de lugares bem distantes e andavam a pé uma vez que não tinham condições de andar de ônibus. A minha dificuldade maior era que eu fazia comparações porque a Cruzada ABC, sendo uma organização evangélica batista, fazia uma exigência tão forte em cima daquelas pobres criaturas enquanto eu trabalhava também numa igreja, numa escola paroquial e essa escola paroquial também recebia aquele mesmo tipo de alimento, outro tipo de manteiga que não me lembro mais e os padres também distribuíam os alimentos independentemente de qualquer barganha... Então eu não aceitava a forma como a Cruzada ABC forçava aquelas pessoas, pois achava duas faltas numa quinzena muito pouco para o que se oferecia (aquele tipo de alimento) e isso não me agradava de jeito nenhum. Eu iniciei no princípio de 1968, como consta no documento do meu FGTS, e trabalhei até novembro, quando fui exonerada²⁴⁰.

Pelo depoimento supracitado, constatamos que a senhora Jacira Ferreira percebia diferenças nas exigências postas entre instituições (uma escola católica e a Cruzada ABC –

²³⁸ Depoimento de Virgínia Maria Almoêdo de Assis, gravado em 02 de maio de 2007.

²³⁹ Depoimento de Valdívnia Soares Correia, gravado em 12 de abril de 2007.

²⁴⁰ Depoimento de Jacira Pereira Ferreira, gravado em 05 de maio de 2007.

protestante) para distribuir alimentos. Seu depoimento permite concluir que a mesma sofreu represálias – a demissão – por ter estabelecido a comparação, verbalizada (conforme afirma em outro trecho de seu depoimento) junto a Pierre Dubose.

4.2 Expansão

A Cruzada ABC recebia fortes oposições por parte de setores da esquerda política e de órgãos governamentais, como a SUDENE, por exemplo, o que podemos perceber a partir de uma reportagem do Diário de Pernambuco, de janeiro de 1967, na qual se fala de um Seminário de Educação Política de Alfabetização de Adultos para o Nordeste. A reportagem, assinada pelo jornalista Calazans Fernandes, que tinha uma coluna chamada Polígono, tece críticas à atuação da Cruzada ABC com o título “Homem não é objeto”. Nela afirma:

Nem a SUDENE, nem o Ministério da Educação dizem isso francamente. Mas não se esconde a circunstância de que os educadores nacionais estão preocupados com algumas soluções educacionais enlatadas que, de dois anos para cá, passaram a preencher o vazio do campo educativo do Nordeste e de outras áreas do país, com métodos e processos que se confinam na sumária alfabetização de adultos sem lhes dar uma oportunidade de situar-se dentro do universo sociológico e humano em que vivem.

Com o objetivo de localizar essa deficiência é que a SUDENE e o Ministério da Educação convidaram todas as organizações nacionais e regionais com programas de Educação de adultos e de ação comunitária, inclusive a USAID/NORDESTE e a CRUZADA ABC (um programa realizado por pastores protestantes americanos com fundos de oito bilhões de cruzeiros em diversos Estados da Região).

Hoje, além de um acanhado programa do MEB (Movimento de Educação de Base), funcionam na região as campanhas subvencionadas com recursos da USAID, dentro da Aliança para o Progresso, em convênio com a SUDENE e o MEC. Um desses programas, destacado como sendo o maior, é o da Cruzada ABC, a cargo da equipe do Colégio Agnes Erskine, uma organização Batista (*sic*) americana, envolvida com a alfabetização de adultos em Pernambuco, Paraíba e Sergipe, que emprega também jovens do programa Voluntários para a Paz. Esse programa, devido a uma desinteligência com a SUDENE, processa-se isoladamente com o beneplácito do Ministério da Educação²⁴¹.

Relata, acerca das conclusões apresentadas no final do aludido seminário promovido pela SUDENE, que suas diretrizes utilizam a educação como um meio para converter os analfabetos ao protestantismo:

[...] fora denunciado no referido seminário, organizado sob os auspícios da SUDENE, pelo técnico da UNESCO, Pierre Furter, suíço e também

²⁴¹ FERNANDES, Calazans. Homem não é objeto. Seminário de Educação Política de Alfabetização de Adultos para o Nordeste. **Diário de Pernambuco**. Recife. 04 jan. 1967a. Primeiro Caderno. p. 05.

protestante, ao contestar o documento apresentado por outro Pierre (Dubose), mas esse americano e coordenador da Cruzada²⁴².

Houve também, no seminário, uma crítica à Cruzada ABC, pela presença, desde sua origem, de dirigentes estadunidenses, constando nas recomendações do encontro a necessidade de a alfabetização ser ministrada por brasileiros, que conhecem a realidade regional. A tônica dominante nas conclusões é de que a educação deve ser inserida no processo de desenvolvimento e nunca dele dissociada²⁴³.

As linhas centrais do “documento básico”, elaborado por uma equipe de expertos educacionais escolhida pela SUDENE, foram mantidas e a elas incorporadas as sugestões feitas durante os quatro dias de debate por mais de 20 organizações e dezenas de técnicos envolvidos com grandes projetos e programas de desenvolvimento, nos quais campanhas de educação são parte ou estão previstas como suporte de ação comunitária.

Como podemos perceber, ficou evidenciado um conflito de interesses entre a SUDENE e a Cruzada ABC, em razão de que, de início, aquela fora escolhida para coordenar e supervisionar os projetos de educação e, a partir de 1964, esse espaço vinha sendo ocupado pela Cruzada ABC, que devia se enquadrar nas diretrizes da SUDENE. A cruzada conseguira, pouco tempo antes, ligar-se diretamente ao Ministério da Educação, do qual obteve cobertura para a realização de sua campanha em Pernambuco, na Paraíba e em Alagoas²⁴⁴.

A reportagem relata que a proposta apresentada pela Cruzada ABC, à margem do documento básico, foi vivamente criticada pelo Professor suíço Pierre Furter – técnico em Educação, da missão da UNESCO no Brasil, no que se refere às estatísticas sobre frequência e assiduidade às aulas, à excelência do método, bem como ao fato de se construir um processo educacional paralelo ao vigente e à margem dos objetivos confessionais:

- a) [...] pois essa assiduidade tem como motivação a distribuição de alimentos do “*Food for Peace*”;
- b) [...] o que se deve é melhorar o sistema vigente, dinamizá-lo, desenvolvê-lo e não construir sistemas paralelos estanques;
- c) [...] quando era exatamente o confessionalismo que os evangélicos criticavam nas campanhas de educação católicas. O prof. Pierre Furter disse em resposta à intervenção do prof. Pierre Dubose, da ABC, que também é evangélico, mas não pode admitir esse confessionalismo²⁴⁵.

Posição análoga à de Pierre Furter, tem Paiva, a qual destaca que, apesar de a cruzada afirmar não possuir qualquer caráter proselitista (religioso ou político), os resultados

²⁴² *Ibid.*

²⁴³ *Idem.* Seminário conclui com um entrevero entre os dois Pierres. Diário de Pernambuco. Recife. 14 jan. 1967b. Primeiro Caderno. p. 05.

²⁴⁴ FERNANDES, 1967a, Primeiro Caderno. p. 05.

²⁴⁵ *Ibid.*

de uma pesquisa feita pelo INED (Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Econômico Social) evidenciaram que a ABC se mostrava muito propagandista, tanto por parte dos protestantes quanto dos americanos:

“se nota muito mais simpatia pelo protestantismo desde que a ABC se instalou na comunidade”, ou ainda que “há empreguismo evangélico” que se manifesta na preferência dada às moças evangélicas para sair do voluntariado e entrar no supletivo (continuação remunerada). A intenção proselitista da Cruzada ABC aparece ainda nas declarações de um pastor de uma das comunidades que afirmou indicar sempre “não crentes” para a função de professor evangélico, na esperança de que na Cruzada eles pudessem “entrar para o meio evangélico”. Também a distribuição de alimentos era vista por muitos como uma forma de propaganda norte-americana, considerada “ostensiva”²⁴⁶.

Apesar dos problemas acima citados, a Cruzada ABC conseguiu contornar o problema com a SUDENE e se expandir para outras regiões do país, o que representou, também, uma maneira de fugir do controle da SUDENE, uma vez que as críticas que a cruzada tinha recebido da insituição “se deviam ao fato de os técnicos da mesma terem ficado muito influenciados pelas idéias esquerdistas”²⁴⁷.

Em uma outra ocasião, a influência de evangélicos também permitiu a expansão da Cruzada ABC para outras localidades do Brasil, como no caso do então estado da Guanabara, através do senhor Benjamim Moraes Filho, presidente do Fundo Estadual de Educação, como relata Prestes, “este Senhor, ex-presidente do Supremo Conselho de Igreja, considerado o líder dos pastores protestantes, foi a pessoa que convidou a Cruzada a penetrar na Guanabara”²⁴⁸. A mesma autora frisa que, além do estado da Guanabara, a Cruzada se implantou no estado do Rio de Janeiro, a partir da mesma influência, durante a gestão do governador Jeremias Fontes²⁴⁹.

E, continuando seu comentário, Prestes ressalta um dado muito interessante a respeito do convênio firmado entre o Fundo Estadual de Educação do Estado da Guanabara e a Cruzada ABC.

Chamamos a atenção para o fato de a Cruzada não ter firmado convênio diretamente com a citada Secretaria, (Educação), mas sim com o Fundo Estadual de Educação e Cultura, um outro organismo diretamente responsável pelo financiamento da educação naquele Estado. O representante desta instituição na época (junho de 1967), era o Sr. Benjamim Moraes Filho²⁵⁰.

²⁴⁶ PAIVA, 2003, p. 307.

²⁴⁷ PRESTES, 2001, p. 133.

²⁴⁸ *Ibid.*, p. 61.

²⁴⁹ *Ibid.*

²⁵⁰ *Ibid.*

O Novo Nordeste, órgão informativo da Cruzada ABC, reproduziu um artigo escrito pelo jornalista Waldemar de Oliveira, publicado no Jornal do Commercio, do Recife, no qual o autor defende e elogia o trabalho da Cruzada ABC: “Quem não conhece ainda essa chamada Cruzada ABC, que procure conhecê-la. O nome diz tudo: trata-se de uma Campanha de intensa alfabetização de massas, movimento, porém, organizado, disciplinado, articulado com requintes, de modo a atingir plenamente os seus fins”²⁵¹.

Atribuía as críticas que a Cruzada ABC já recebia, na época, a uma “fobia”, e citava Dom Helder Camara como partidário dessa “fobia”:

Como vocês sabem a antiga fobia pelo “olho de Moscou” parece ter-se convertido em outra, a do “americano”. O referido olho chegou, pelo visto: não espia mais para dentro do Brasil e quando sagradas iras se erguem contra o imperialismo, já sabemos que o dito imperialismo é americano. Dom Helder Camara, por exemplo, é daltônico, com pronunciada incapacidade para perceber o vermelho²⁵².

Reconhece que setores mais conservadores da sociedade pernambucana faziam reservas ao trabalho da cruzada:

Em tais condições os grandes patriotas que nós possuímos, como reserva moral do povo brasileiro, particularmente do pernambucano, muito fiel a Guararapes (não à avenida ou ao aeroporto, mas, aos montes), por aí estariam desconfiados com a Cruzada ABC, que traria não apenas o cheiro “americano”, mas também o do protestante²⁵³.

O autor vê a Cruzada ABC “como um grande movimento de alfabetização, não importando sua origem religiosa, que se expande, se dilata, se amplia e se firma como uma das iniciativas mais úteis que jamais se aplicaram à alfabetização de nossa gente”²⁵⁴.

Em seguida, compara a postura da Igreja Católica e dos Protestantes: “Sob os nossos pés católicos, parece correr uma esteira que rola em sentido contrário à nossa carreira: sob os da minoria protestante, a esteira vai com eles, ajudando-os na arremetida. Todavia, o que tenho ouvido e o que tenho visto me dizem que a Cruzada ABC é simplesmente isto: cristã”²⁵⁵.

No final, o autor afirma que o Cristo dos evangélicos é o seu Cristo, exortando a que “procurem conhecer a Cruzada ABC, no palco e nos bastidores. E verão que maravilhoso espetáculo de ação construtiva é”²⁵⁶.

²⁵¹ OLIVEIRA, Waldemar de. **O novo Nordeste**. Recife. Out. 1967, ano I, n. 5, p. 02.

²⁵² OLIVEIRA, Waldemar de. **O novo Nordeste**. Recife. Out. 1967, ano I, n. 5, p. 02.

²⁵³ *Ibid.*

²⁵⁴ *Ibid.*

²⁵⁵ *Ibid.*

²⁵⁶ *Ibid.*

Na própria Cruzada ABC, ocorrera crítica interna à postura do movimento. Como relata Prestes, “houve mesmo técnicos da Cruzada que adotavam uma postura crítica em relação ao conteúdo do processo didático, comentando que este induzia no adulto mensagens muito mais voltadas para a doutrinação do que propriamente para o ensino”²⁵⁷.

Ainda segundo a mesma autora, “registre-se que os textos analisados estão repletos de outras significativas lições a respeito de democracia, política, governo, mudanças sociais, sindicalismo e lazer. O seu estudo poderia constituir-se numa ampla pesquisa de análise de conteúdo”²⁵⁸.

A entrada da USAID como financiadora do programa lhe deu um grande impulso, sobretudo ao permitir um crescimento acelerado, o que reconhece Spach:

Houve também um outro grande impacto em nosso programa que resultou e cresceu a partir de nossa associação com a USAID. Ele se tornou quase tão importante quanto a própria campanha contra o analfabetismo. Uma das maiores tarefas que a administração Kennedy havia decidido enfrentar, nas áreas empobrecidas da América Latina, fora sua luta contra a fome e seu programa conhecido como Alimentos para a Liberdade, o qual estava tornando disponíveis centenas de milhares de toneladas de alimentos para a sua distribuição entre os pobres²⁵⁹.

Com a ajuda do ministro presbiteriano Bill Bear, diretor do programa da USAID “Alimentos para a Liberdade no Norte do Brasil”, a USAID ampliou a ajuda para a Cruzada ABC. “Bill Bear, um ministro presbiteriano do Colorado, à disposição do governo dos Estados Unidos, era o diretor do programa Alimentos para a Liberdade no Norte do Brasil. Ele nos visitou um dia e, assentando-se na maior cadeira existente em nosso escritório, sorrindo jovialmente começou a falar”²⁶⁰.

E Spach afirma, continuando seu relato, que o ministro Bill Bear tinha a missão de verificar e garantir que o alimento vindo da América do Norte seria recebido pelo povo que realmente necessitava dele. Destaca, ainda, que o visitante afirmou: “Por que não juntamos as forças? Nós podemos prover o sustento para cada uma de suas comunidades e vocês podem distribuí-lo para aqueles que realmente têm necessidade dele. [...] A Cruzada ABC agora teria dois objetivos: educar os analfabetos e nutrir os famintos”²⁶¹.

Eram estreitas as relações entre a Cruzada ABC e a USAID, não só como um órgão que ajudou a financiá-la, mas, como afirma Spach:

²⁵⁷ PRESTES, 2001, p. 100.

²⁵⁸ PRESTES, 2001, p. 108.

²⁵⁹ SPACH, 2000, p. 335.

²⁶⁰ *Ibid.*, p. 335.

²⁶¹ *Ibid.*, p. 336-336.

O desdobramento mais interessante do programa foi verificar que muitas pessoas da USAID se tornaram cada vez mais crescentemente envolvidas em nosso programa como voluntários. Era inspirador observar homens e mulheres altamente treinados, muitos deles com graduação em Harvard, trabalhando duro para nos ajudar. Duas mulheres inesquecíveis foram Libby Hawbaker e Judy Nelson, as esposas de dois líderes da alta administração da USAID²⁶².

A esposa de um dos líderes da alta administração da USAID, senhora Judy Nelson, acompanhou a embaixatriz dos Estados Unidos no Brasil, senhora Alison Gordon, que, quando de sua estada no Recife, esteve em visita ao Colégio Evangélico Agnes Erskine. Manteve contatos com a direção do estabelecimento e com os senhores Pierre Dubose e Jule Spach, da Cruzada ABC, e participou de encontro na classe de supervisores voluntários de alfabetizadores de adultos. A esposa do embaixador Lincoln Gordon demonstrou grande interesse pelo movimento e “mostrou-se entusiasmada pela orientação apolítica e sem qualquer caráter religioso que vem sendo dada à campanha”²⁶³.

Percebemos pelos relatos do senhor Spach, a importância que teve a USAID para a expansão da Cruzada ABC e o empenho que teve, pois, naquela época, o Nordeste do Brasil era fonte de preocupações para o governo americano. “Enquanto a negligência e os erros americanos no passado podiam ter ajudado a causa da revolução cubana, o Nordeste do Brasil era a segunda rodada do circuito – na verdade um desafio mais crítico, pois estavam em jogo o Brasil inteiro e o resto da América do Sul”²⁶⁴.

Não foi por acaso que a Cruzada ABC chegou a despertar o interesse de altas autoridades de Washington, tendo sido uma delas destacada para vir visitar o programa educacional, como relata o mesmo Spach:

Perto do final de nossa campanha contra o analfabetismo, Orville Freeman, que era Secretário de Agricultura na era Kennedy e Johnson, veio ao Brasil para ver, com os próprios olhos, a Cruzada ABC em ação. Após seu retorno a Washington, ele escreveu ao nosso Conselho Diretor, em carta datada de 28 de abril de 1966: “Eu fiquei emocionado com o que vi, na noite em que vocês me levaram ao Pina (um bairro perto de Brasília Teimosa). Eu nunca havia visto o alimento vindo da América do Norte ser tão bem usado, ou mesmo, nunca me comovi tanto ao observar e testemunhar a firme determinação daquele povo em aprender a ler e a escrever”²⁶⁵.

²⁶² *Ibid.*, p. 334.

²⁶³ ALFABETIZADORES voluntários de adultos tem encontro marcado hoje, com a Cruzada ABC. **Diário de Pernambuco**. Recife. 24 out. 1965. Segundo Caderno. p. 08.

²⁶⁴ PAGE, 1972, p. 29.

²⁶⁵ SPACH, 2000, p. 338.

A partir de 1968, a USAID, que era a principal aliada da Cruzada, “parecia nutrir um certo desinteresse em interferir diretamente nos novos financiamentos solicitados pela ABC”²⁶⁶. Prestes enfatiza:

Para se ter uma idéia no ano de 1968, a Instituição ABC foi visitada, nos Estados de Pernambuco e Paraíba, por uma comissão parlamentar de inquérito do Senado americano, composta de três senadores daquele País, porque se denunciou no Congresso que os americanos estavam mandando dinheiro para o Brasil sem contrapartida e sem aprovação do Congresso Americano²⁶⁷.

Apesar de a Cruzada ABC ser de origem evangélica, ligada à Igreja Presbiteriana, evangélicos de outras denominações trabalharam no programa, sobretudo batistas. Naquele período, o Seminário Batista se transformou numa espécie de viveiro, e muitos de seus seminaristas foram aproveitados. Spach destaca que, além dos evangélicos, outros cristãos também participaram, o que é visível quando afirma, por exemplo, que “uma significação especial no programa foi o fato de católicos e protestantes trabalharem juntos e em harmonia durante o programa”²⁶⁸.

Em cinco reportagens do Diário de Pernambuco, três de 1966 e duas de 1968, e em uma de O Novo Nordeste, órgão informativo da Cruzada ABC, constatamos a afirmação acima mencionada.

A primeira reportagem relata que, com a presença do prefeito do Recife e de dirigentes da Cruzada ABC, fez-se a entrega a quarenta pessoas, no Centro Padre Dehon²⁶⁹, no bairro da Iputinga, em Recife, dos certificados de conclusão do curso de alfabetizador, promovido pela entidade. Ao todo, mais de cento e quarenta pessoas foram preparadas, voluntariamente, para ministrar as lições pelo método executado pela Cruzada ABC, demonstrando – segundo ressaltou um orador na ocasião – “profundo sentimento de cooperação dentro da comunidade”²⁷⁰. Ao todo, quatro turmas de jovens recifenses concluíram seus cursos de alfabetizador voluntário da Cruzada ABC.

A reportagem registra a extraordinária colaboração dos padres Camilo e Afonso, de pastores evangélicos, dos Voluntários da Paz e de outras pessoas interessadas, levando a senhorita Lizete Franca, coordenadora do programa de treinamento na Iputinga, a poder realizar sua tarefa com êxito incomum. O trabalho não foi interrompido nem mesmo quando

²⁶⁶ PRESTES, 2001, p. 141-142.

²⁶⁷ PRESTES, 2001, p. 142.

²⁶⁸ SPACH, 2000, p. 341.

²⁶⁹ Pertencente à Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus.

²⁷⁰ HABILITADOS pela Cruzada ABC, mais 40, alfabetizadores vão trabalhar. **Diário de Pernambuco**. Recife. 15 out. 1966. Primeiro Caderno. p. 06.

das enchentes que atingiram o Recife, em 1966. Assim sendo, a turma recém-diplomada iniciou suas atividades na semana seguinte, ministrando o ensino primário ao nível de adultos.

Os padres Roberto e Afonso, discursando na solenidade de entrega dos certificados, “expressaram seu entusiasmo, tendo parabenizado os alfabetizadores pela cooperação entusiasta e pelos serviços prestados pela Cruzada”²⁷¹, Augusto Lucena, por seu turno, declarou “não conhecer movimento tão digno de apoio e elogios como o que vem sendo levado a efeito pela ABC”²⁷².

A segunda reportagem fala dos “clubes de mães” espalhados pela Zona da Mata de Pernambuco os quais foram beneficiados com a ação da Cruzada ABC, que iniciou a preparação de professores voluntários para tal fim. O curso “funcionará de 17 a 22 de outubro de 1966, no Círculo Católico, com dois períodos de ensino ministrado pelos técnicos da Cruzada”²⁷³. A entidade comprometia-se, ainda, a fornecer o material didático que as alfabetizadoras iriam utilizar em suas futuras classes no interior do Estado.

A terceira reportagem narra que os dirigentes da Cruzada ABC de alfabetização receberam das irmãs salesianas, que dirigem o Instituto Maria Mazzarello, no bairro da Várzea, em Recife, a “promessa de colaborar para a propagação do movimento, tendo oferecido o salão nobre da Instituição para a solenidade de conclusão do curso de professores voluntários daquela comunidade, o que efetivamente ocorreu”²⁷⁴.

A diretora, irmã Maria Quagliotto, mostrou-se entusiasmada com a aceitação do método da Cruzada na Várzea, onde várias alunas do instituto se tornaram professoras voluntárias. Apesar de se reunir por várias vezes em centros católicos, aquela foi a primeira vez que a Cruzada realizou, nas dependências de uma instituição de educação católica, a cerimônia de encerramento de suas atividades. Discursando, na ocasião, a diretora do instituto disse “não haver maior prazer do que se poder dar um pouco de si mesmo aos outros, e logo saber que o sacrifício não foi em vão”²⁷⁵. Na mesma solenidade, esteve presente e falou o padre Guilherme Wanderlei, capelão do instituto, representando a paróquia da Várzea.

A quarta reportagem fala sobre o adiamento da cerimônia de entrega dos certificados aos alunos da Cruzada ABC, em Maceió, para que o então governador do Estado

²⁷¹ *Ibid.*

²⁷² HABILITADOS pela Cruzada ABC, mais 40, alfabetizadores vão trabalhar. **Diário de Pernambuco**. Recife. 15 out. 1966. Primeiro Caderno. p. 06..

²⁷³ CLUBES das Mães terão cursos da Cruzada ABC. **Diário de Pernambuco**. Recife. 16 out. 1966. Primeiro Caderno. p. 03.

²⁷⁴ CRUZADA ABC encerrou, na Várzea, um curso para alfabetizadores. **Diário de Pernambuco**. Recife. 04 dez. 1966. Segundo Caderno. p. 02

²⁷⁵ *Ibid.*

de Alagoas, Lamelha Filho, pudesse presidir a sessão. A reportagem frisa: “enquanto isso, nas localidades de Poço, Jaraguá e Pajuçara, está sendo feito o levantamento do índice de analfabetismo, a cargo de pessoas residentes nas próprias comunidades, com o apoio dos párocos locais, os padres Adriano e José Theux”²⁷⁶.

A quinta reportagem fala sobre o uso do material didático da Cruzada ABC pelos alunos Maristas que promoveram uma campanha de alfabetização, tendo no comando o irmão Avelino, diretor do Colégio Marista de Fortaleza: “Dando aulas diárias de até duas horas, esses alunos conseguiram, durante as férias, alfabetizar pessoas em até um mês, utilizando o material didático da Cruzada ABC, feitas as respectivas adaptações”²⁷⁷.

Uma outra reportagem, publicada em O Novo Nordeste, órgão informativo da Cruzada ABC, narra entrevista realizada com o bispo de Cajazeiras, D. Zacarias Rolim de Moura, que, após ouvir explicações dos professores José Cruz Filho e Lídia Almeida, “prometeu o apoio necessário ao nosso movimento, tecendo palavras de elogio ao trabalho que vimos realizando”²⁷⁸.

Mas, de acordo com um manual da Coleção para Treinamento, no quesito sobre as instalações básicas, tais aproximações representavam mais uma estratégia da Cruzada ABC, a de conquistar a comunidade, ao tentar trabalhar com outros grupos religiosos, como os católicos, por exemplo:

Como atingir os problemas de uma população? Somente através das instituições básicas de uma comunidade, o educador poderá sentir os problemas locais.

A família, a escola e a religião fornecerão os dados para a análise.

Observamos, porém, que em todas as crenças e organizações religiosas existe grande cooperação dos líderes em tudo o que disser respeito ao bem comum. Através destes líderes analisamos a problemática da população e encontramos o caminho da ajuda mútua²⁷⁹.

As atividades escolares da cruzada tinham como base seu material didático. Inicialmente utilizou a Cartilha ABC, editada por “O Cruzeiro”, elaborada em 1961 por uma comissão de professores reunidos na Universidade Mackenzie, em São Paulo, sob o patrocínio da Confederação Evangélica do Brasil.

Com relação ao material didático, Spach afirma que diversos educadores se dispuseram a colaborar como voluntários. “Foram tomadas emprestadas idéias do método

²⁷⁶ LAMELHA FILHO presidirá entrega de certificados aos alunos da Cruzada. **Diário de Pernambuco**. Recife. 29 out. 1968. Primeiro Caderno. p. 10.

²⁷⁷ ALUNOS Maristas promovem alfabetização. **Diário de Pernambuco**. Recife. 18 out. 1968. p. 05.

²⁷⁸ ENTREVISTA com o Bispo de Cajazeiras. **O Novo Nordeste**. Recife. out. 1967. n. 6

²⁷⁹ COLEÇÃO para treinamento – Cruzada ABC, v. 2, Junho de 1968. Recife: [s.n.]. p. 16-17.

Laubach e muitas delas se aplicaram ao contexto da cultura brasileira. Dentro de três meses, nosso primeiro e mais simples livro-texto começava a tomar forma”²⁸⁰.

O Método Laubach, segundo Gueiros, teria origem religiosa, uma vez “surgido a partir do missionário protestante, norte-americano, Frank Charles Laubach (1884-1970). Desenvolvido nas Filipinas, em 1915, subseqüentemente foi utilizado com grande sucesso em toda a Ásia e em várias partes da América Latina, durante quase todo o século XX”²⁸¹.

Em seguida, o autor fala da chegada do método ao Brasil, especialmente a Pernambuco, tendo contado com a presença do próprio Laubach, que “ministrou inúmeras palestras nas escolas e faculdades – não havia ainda uma universidade em Pernambuco – e conduziu debates no Teatro de Santa Isabel. Refiro-me apenas a Pernambuco e ao Recife, pois meus conhecimentos dos eventos naquela época não iam muito além do local onde residia”²⁸².

Em outro trecho, o autor fala da oposição que sofreu o método Laubach em Pernambuco, por parte da esquerda, por ter sido utilizado pela Cruzada ABC, “especialmente porque o mesmo não conduzia à luta de classes, como ocorria nas cartilhas [...] do Sr. Paulo Freire”.

Rebate as críticas feitas à distribuição de alimentos empreendida pela Cruzada, por estar a mesma “cooptando o povo, comprando seu apoio com comida”, e que seria, então, apenas mais um programa “imperialista”, cuja única meta era “dominar o povo brasileiro”²⁸³. Justifica a distribuição de alimentos devido aos problemas de alimentação existentes em Brasília Teimosa: “Os dirigentes da Cruzada ABC, como maneira de atrair um maior número de alunos para o mesmo, se propuseram criar uma espécie de ‘bolsa-escola’ de mantimentos. Era uma cesta básica, doada a todos aqueles que se mantivessem na escola, sem nenhuma falta durante todo o mês”²⁸⁴.

A Cartilha ABC teve um histórico descrito no Manual do Alfabetizador, em sua primeira edição. Nele, podemos perceber a presença religiosa na origem das cartilhas:

Em 1961, reuniu-se na Universidade Mackenzie, em São Paulo, sob o patrocínio da Confederação Evangélica do Brasil, uma comissão de professores de várias regiões do Brasil que, assessorados por educadores experimentados no campo de educação de adultos, criou a primeira Cartilha ABC. As técnicas de ensino empregadas tiveram como base as pesquisas da língua pátria empreendidas pelo Instituto Lingüístico de Verão.

²⁸⁰ SPACH, 2000, p. 325.

²⁸¹ VIEIRA, David Gueiros. **Método Paulo Freire, ou Método Laubach?** Disponível em: <2004h2004http://www.midiaseम्मascara.com.br/artigo.php?sid=1627tp> Acessado em 28.07.07.

²⁸² *Ibid.*

²⁸³ *Ibid.*

²⁸⁴ *Ibid.*

A Cartilha ABC foi revisada em 1965 por uma equipe da Confederação, integrada de pessoas experimentadas em alfabetização de adultos.

Em 1966, para o trabalho de alfabetização de adultos no Nordeste, foi elaborada esta Cartilha. Ela se fundamenta em toda a técnica e experiência das edições anteriores, em um levantamento vocabular, realizado no Nordeste, e um planejamento de ordem sociológica, ambos efetuados por elementos da Cruzada ABC.

Queremos expressar nossos agradecimentos particularmente, às seguintes pessoas que, entre outras, muito contribuíram para a formação da Cartilha ABC e seu sistema de ensino: Dr. Frederico Rex, secretário de educação da Comissão de Alfabetização Mundial e Literatura Cristã em Nova York, Dra. Sarah Gudschinsky, professora de lingüística da Universidade de Brasília e membro do Instituto Lingüístico de Verão, Professores Amélia Medeiros, Norma Barbosa Costa e Antônio Gama, técnicos do Departamento de Recursos Humanos da SUDENE, Sr. Meira Lins, professor de lingüística da Universidade do Recife e as professoras Glória Kindal e Rute Thompson, do Instituto Lingüístico de Verão²⁸⁵.

A perspectiva religiosa do movimento se percebe também através do material didático e do envolvimento de pessoas evangélicas na sua confecção:

Foi pedido ao Setor de Treinamento, da Cruzada ABC, que elaborasse material necessário para ser usado no 1º. Encontro Interno de Educação de Adultos da própria Cruzada ABC. Como seria o ponto mais importante “Uma Filosofia para a Educação de Adultos”, foi pedido à professora Aretusa Gueiros Pessoa que resumisse o livro “Philosophy for Adult Education”.

A professora Aretusa G. Pessoa tem sido educadora de adultos por muitos anos como diretora do Instituto Bíblico do Nordeste. Atualmente, além dessa função, ela exerce a de Coordenadora Geral das Bolsistas da Cruzada ABC naquela Instituição. Além da sua graduação em Bacharel em Educação Religiosa nos Estados Unidos da América do Norte, estuda hoje Direito na Faculdade de Direito de Caruaru.

A ela, nossos agradecimentos²⁸⁶.

A Cruzada ABC sempre teve a preocupação de passar a perspectiva de um movimento de alfabetização sem ligação com grupos estrangeiros e sem distinção de credo religioso ou político. Podemos perceber tal cuidado através da apresentação feita em um material didático que, em sua primeira página, sob o título “O que é a Cruzada ABC”, afirma:

A Cruzada de Ação Básica Cristã (Cruzada ABC) é uma instituição educacional, sem fins econômicos e de caráter filantrópico com a finalidade precípua de ministrar educação de adultos, alfabetização funcional, educação continuada, ensino profissional, como também educação comunitária, tudo oferecido gratuitamente.

A Cruzada ABC coopera com as autoridades competentes para a erradicação do analfabetismo e a ministração de outros cursos que promovam o desenvolvimento do país. Estabelece convênios com entidades de direito

²⁸⁵ CARTILHA ABC. Manual do alfabetizador. Recife: [s.n.], 1967. Grifo original.

²⁸⁶ UMA FILOSOFIA para educação de adultos. Tradução e adaptação de Aretusa Gueiros Pessoa. Recife: [s.n.], 1968.

público ou privado, com os objetivos acima mencionados. Tem convênios já firmados com vários Estados do Nordeste e do Sul País, bem como com o Governo Federal.

Não há distinção de credo religioso ou político em todo o trabalho da Cruzada ABC, que oferece educação de base preparada e orientada por brasileiros. Para isso, para todas as pessoas das comunidades, a fim que esses objetivos sejam alcançados, através de um trabalho altamente patriótico²⁸⁷.

Devido ao acordo assinado entre a SUDENE, o Colégio Agnes e a USAID, na contracapa de algumas publicações da Cruzada ABC, está o símbolo da Aliança para o Progresso: Brasil – EUA, com o nome dos órgãos acima citados. Na última folha da referida publicação, há a seguinte mensagem, dirigida aos leitores:

Você, novo leitor, está de parabéns.
Agora já sabe ler sozinho.
Você ganhou esta cartilha da Cruzada ABC.
A CRUZADA ABC é um programa
de educação de base.
Resultou de um convênio feito entre
o COLÉGIO AGNES, a SUDENE e a USAID
para lhe ensinar a ler e a escrever.
A SUDENE é um órgão do Governo Federal
que orienta o desenvolvimento do Nordeste.
O COLÉGIO AGNES é um colégio cristão
que dá orientação à CRUZADA ABC.
A USAID é um órgão dos Estados Unidos
que coopera no desenvolvimento do Brasil²⁸⁸.

Ao analisarmos o material didático da Cruzada ABC, percebemos nuances religiosas contidas, de forma explícita e muitas vezes implícita, como destaca Maria Emília: “Analisando-se parte deste material, verifica-se que são documentos de substantiva importância para que a Cruzada veiculasse todas as suas intenções, fossem elas explícitas ou implicitamente declaradas”²⁸⁹.

Nas instruções organizadas para a alfabetização, eram “explicitadas idéias a serem discutidas e sugeridas: nas lições relativas à religião, a idéia de que ir à Igreja é uma necessidade do ser humano²⁹⁰; Paiva ainda ressalta que, na lição sobre a importância das Forças Armadas, “destacava-se o papel das mesmas na manutenção da paz e da ordem interna, sem qualquer menção ao seu papel de manutenção da segurança contra ameaças externas”²⁹¹.

²⁸⁷ MANUAL do professor. 5ª fase: o mundo e o homem. Recife: [s.n.], 1968

²⁸⁸ CARTILHA ABC para adultos. Edição revisada. Recife: [s.n.], 1966.

²⁸⁹ *Ibid.*, p. 102.

²⁹⁰ PAIVA, 2003, p. 308.

²⁹¹ *Ibid.*

Destacamos que um dos objetivos fundamentais idealizados ao se estruturar a Cruzada – a evangelização – encontrava-se presente na grande maioria dos textos didáticos utilizados.

A experiência de tudo se basear em um espírito religioso estava sempre evidenciada em mensagens e textos, como, por exemplo:

Em nossa casa
 Todos louvamos a Deus
 Por causa da sua bondade
 Porque o mal que sofremos
 Ele transforma em bem.
 (...) Deus lhe deu estas riquezas
 Só Deus pode dar-lhe riquezas (...)
 Ele dá graças a Deus por muitas coisas
 Muitas Graças, ó Deus²⁹².

A preocupação em fortalecer no homem a fé em Deus também inspirou trechos como os seguintes:

O médico veio ver Pedrinho
 Disse que somente Deus
 Podia curá-lo (...)
 Vamos orar, Maria
 Vamos pedir a Deus
 Que cure Pedrinho (...)
 Graças a Deus, Maria (...)
 Deus salvou nosso filho²⁹³.

No material didático que examinamos da Cruzada ABC, notamos referências religiosas que tinham como finalidade levar o alfabetizando a ir à igreja, o que não seria de se esperar de um movimento sem perspectiva religiosa, como podemos perceber nos exemplos seguintes:

Júlio está pronto para a aula.
 A lua brilhou sobre a casa de Júlio.
 Ele deu graças a Deus por muitas coisas.
 “Muitas graças, ó Deus, pela família.
 Muita graças pelo corpo e pelos olhos,
 Pelas árvores e pelas flores,
 Pelo amigo Severino que me ensinou a ler.
 Muitas graças por tudo”²⁹⁴.

Na lição nº 9, nota-se uma tentativa de mostrar a religião fazendo parte do dia-a-dia das famílias:

²⁹² PRESTES, 2001, p. 106.

²⁹³ *Ibid.*, p. 107.

²⁹⁴ HISTÓRIA de bons vizinhos. Campanha Laubach. Segunda fase. Recife: [s.n.], 1962. p. 14.

A família de Olavo ama a Deus.
Ela louva a Deus cada dia.
Louva a Deus pela comida.
Cada dia a família vive a fé²⁹⁵.

Na lição 40, é mostrado que, além da família, outras instituições da comunidade, incluindo a igreja, fazem parte do universo dos alunos:

José mora com sua família.
Sua família mora junto de outras famílias.
Todas procuram a melhora do lugar.
A união das famílias forma a comunidade.
Em uma comunidade temos:
escola, igreja, posto de saúde, barbearia,
Farmácia, cinema e venda.
Tudo isso para servir às famílias.
Um bairro, uma vila, um povoado,
É uma comunidade.
Você conhece sua comunidade?²⁹⁶

Na lição 41, há uma referência direta à igreja, instituição responsável pela transmissão de um espírito religioso. Ela contém uma citação bíblica muito comum entre os evangélicos:

A igreja é a casa de Deus.
Na igreja adoramos a Deus.
Deus criou tudo.
Criou o mundo e o homem.
Deus ama ao homem.
Quer que os homens se amem.
Filho de Deus é Jesus.
Ele é nosso Salvador.
A igreja prega essa mensagem.
Na igreja ouvimos a palavra de Deus
A palavra de Deus diz:
“Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei”²⁹⁷.

A lição 42 mostra que faz parte da comunidade ir à igreja, e mais uma vez se usa um termo comum aos protestantes – “adoração”:

Hoje é um lindo dia.
È o dia do Senhor, é o dia de adoração.
A igreja é a casa de Deus.
O povo da comunidade vai à igreja nesse dia.
Agradece a Deus as bênçãos da semana.
E pede novas bênçãos.
Na saída da igreja todos se cumprimentam.
Amizade entre os homens
nos fala do amor de Deus²⁹⁸.

²⁹⁵ CARTILHA ABC para adultos. Edição revisada. Recife: [s.n.], 1966.

²⁹⁶ *Ibid.*

²⁹⁷ *Ibid.*

A lição 43 mostra que, nas igrejas, as pessoas se apóiam umas nas outras, além de indicar quem pode fazer parte delas:

As igrejas são da comunidade.
 Se há dificuldade, as igrejas ajudam.
 Nas campanhas de saúde as igrejas apóiam
 ao Posto de Saúde.
 Abrem escolas para crianças e adultos.
 Ajudam aos necessitados.
 Ensinam a boa conduta.
 Chamam o povo para Deus.
 Você pode fazer parte de uma igreja.
 Você pode ser ajudado por ela.
 E por ela pode ajudar a outros²⁹⁹.

A lição 51 faz referência a uma festa popular nordestina de origem católica, mas a cartilha frisa que o Natal é a festa mais alegre do ano, justamente uma comemoração que tem um grande destaque na cultura estadunidense:

Flávio é um verdadeiro nordestino.
 Brinca em todas as festas do ano.
 No São João e São Pedro, Flávio marca
 Quadrilha para os vizinhos.
 Cada moça leva uma flor nos cabelos
 Os rapazes usam chapéu de palha.
 Depois vem o Natal!
 Flores, luzes, canções lindas!
 O Natal de Jesus é a mais alegre festa do ano³⁰⁰.

A lição 59 faz exaltação ao patriotismo, tão decantado pelos militares após o golpe militar e cuja exaltação caracterizou, na época, grupos protestantes históricos:

Você é brasileiro.
 Nasceu numa grande pátria.
 O Brasil já tem mais de quatrocentos anos.
 Você gostaria de saber mais sobre sua pátria?
 Gostaria de saber como ela foi
 nos anos passados?
 E como ela é agora?
 Você pode aprender muito.
 Nunca deixe de estudar.
 A sua pátria espera muito de você.
 Depende de seu esforço para
 tornar-se ainda melhor.
 Estudando e trabalhando você serve à sua pátria.
 O cidadão honesto e trabalhador
 é o orgulho de sua pátria³⁰¹.

²⁹⁸ *Ibid.*

²⁹⁹ CARTILHA ABC para adultos. Edição revisada. Recife: [s.n.], 1966.

³⁰⁰ *Ibid.*

³⁰¹ *Ibid.*

Na lição 55, em consonância com os então detentores do poder, faz apologia às Forças Armadas, mostrando a importância do serviço militar:

O filho de Mário tem dezoito anos.
 Alistou-se para o serviço militar.
 O médico já marcou o exame de saúde.
 O filho de Mário será um soldado exemplar.
 É educado e não tem vícios.
 É estudioso e trabalhador.
 Ele está muito contente porque vai ser militar.
 O serviço militar é um dever de todo o cidadão.
 A pátria precisa das Forças Armadas³⁰².

A lição 60 destaca que, para ter uma ascensão social, o estudo possibilitaria a saída da pobreza:

Como estou contente!
 Já estou lendo.
 Já posso ler este livro.
 Vale a pena ler livros e estudar.
 Lendo e estudando
 irei aprender muita coisa.
 Irei fazer outros cursos
 e melhorar de vida.
 Irei ajudar outros a ler.
 Feliz é o homem que ajuda a outros³⁰³.

Destaca Prestes, em comentário genérico sobre parte do material didático da Cruzada ABC:

De qualquer modo, estes pensamentos encerram idéias religiosas ao colocar em primeiro plano, mesmo implicitamente, a necessidade de o homem saber ler – para ler a Bíblia. “A partir de então, introduziram-se princípios ideológicos adotados pela religião protestante norte-americana, tais como liberdade, democracia, trabalho e êxito, progresso e ascensão social”³⁰⁴.

Isso parece se refletir em outros materiais didáticos da Cruzada ABC: “Pelo visto, a Cruzada nunca poderia negar o seu caráter evangélico. Assim, sempre procurou desenvolver uma ação que considerava evangelizadora e missionária e era tida por seus críticos como proselitista”³⁰⁵.

³⁰² CARTILHA ABC para adultos. Edição revisada. Recife: [s.n.], 1966.

³⁰³ *Ibid.*

³⁰⁴ PRESTES, 2001, p. 103.

³⁰⁵ *Ibid.*

4.3 Extinção

A partir do ano de 1968, a Cruzada ABC passou a sofrer, de maneira mais intensa, as oposições que começaram a se avolumar, seja de setores da sociedade como a esquerda, e mesmo de setores mais conservadores, como já foi visto, e até mesmo dentro do aparelho estatal. Se a mesma conseguiu contornar em parte a oposição da SUDENE, não teve o mesmo sucesso quando da criação do Mobral; segundo Prestes, “a proposta do MOBRAL correspondia a uma nova fase histórica da ditadura militar – golpe dentro do golpe”³⁰⁶.

É dentro desse cenário que a Cruzada ABC sofreu com a falta de verbas que prejudicaram o cronograma de suas atividades, ocorrendo, no ano seguinte, protestos de professores, por causa do atraso dos salários. Em tal contexto, a cruzada fez uma reforma nos seus estatutos sociais, tentando se adequar à nova situação, o que provocou uma crise interna no movimento.

Spach afirma que mudanças ocorridas na Cruzada ABC, a seu ver, tiraram a essência do programa, que era atingir um milhão de adultos: “A filosofia básica de gerenciamento começava a mudar, passando de um modelo descentralizado e participativo para um outro estilo centralizador, autoritário, de tal modo que a equipe líder de gerenciamento foi substituída por um único indivíduo que assumiu a presidência”³⁰⁷.

O mesmo autor diz que, durante uma ausência circunstancial sua, foram efetuadas mudanças tão significativas que fizeram, inclusive, alguns membros da cruzada ficarem *sob observação*: “Diretrizes eram traçadas desde o topo, para todos os níveis inferiores da administração, esperando-se desses, apenas, a obediência. Gerentes de comunidades foram postos ‘sob observação’. E muitos dos voluntários foram substituídos por assalariados, denominados professores *melhor preparados*”³⁰⁸.

Naquele momento, a Cruzada ABC passou a sofrer uma oposição não só de setores do governo, mas também dos meios universitários; nas grandes manifestações estudantis do ano de 1968, a cruzada foi acusada de ser imperialista e americana; em consequência, ofereceu bolsas de estudos para universitários e participou dos famosos cursos de férias da UNICAP, como descrito em trecho da seguinte reportagem:

Um curso sobre “Andragogia Aplicada ao Desenvolvimento”, a ser ministrado por técnicos especializados da Cruzada ABC, dará andamento – de 14 a 25 do corrente mês – ao programa de curso de férias promovido pela

³⁰⁶ PRESTES, 2001, p. 149.

³⁰⁷ SPACH, 2000, p. 339.

³⁰⁸ *Ibid.*

Universidade Católica de Pernambuco. Foram escolhidos para ministrar esse curso os professores Calvino Guimarães, Stela R. Amorim, Ilze Francis, Cleide Gueiros e Piragibe Melo e Silva cujos tópicos referem-se à “Andragogia, pesquisa como suporte educacional”; “Andragogia no desenvolvimento comunitário” e “Planejamento de programa”.

Nos entendimentos mantidos pela direção da Cruzada ABC com o diretor em exercício da Universidade Católica, professor Potiguar Matos, este destacou a importância dos cursos de férias, que obedecem a um sistema de cursos de graduação. Já foram realizados cursos sobre Hipnose, Psicologia Social, Filosofia da Cultura, Taquiografia e Antropologia³⁰⁹.

Spach destaca que, na nova fase da Cruzada ABC, até um jornal foi criado, visando à divulgação das ações da mesma, tendo ficado claro “que o foco e a ênfase do mesmo não se constituíam mais a necessidade dos alunos iletrados ou sobre o incalculável valor de ajuda de nossos voluntários, mas, sim, na glorificação da Cruzada ABC”³¹⁰.

Na nova fase, Spach se demitiu da cruzada, seguindo o exemplo de outros integrantes, e o programa de alfabetização começou a perder a força. “Muitos de nós ficamos de coração partido ao vermos a nossa campanha de alfabetização perder tantos trabalhadores experientes e dedicados”³¹¹.

Mas ele mesmo afirma que, apesar dos problemas, setores da própria cruzada resolveram agir. “À medida que os problemas se tornaram cada vez mais evidentes, o Conselho de Diretores resolveu agir e o presidente e parte de sua equipe foram afastados do cargo. Tudo isso aconteceu no quarto ano do nosso programa”³¹².

Spach confirma que ocorreram casos de pessoas alfabetizadas pela Cruzada ABC que se tornaram evangélicas, o que não implica algum mal ou algo inusitado. A citação que fazemos em seguida tem a finalidade maior de destacar posições galgadas por pessoas alfabetizadas pela ABC. Em pelo menos um caso, o relato de uma conversão ao protestantismo foi feito a Spach através de correspondência que recebeu de uma colega missionária chamada Ann Pipkin, a qual narra a conversa que teve com um homem chamado

Agostinho Nascimento, o qual havia sido um dos supervisores de uma comunidade nos tempos da Cruzada ABC. Ele lhe havia dito: “Eu, pessoalmente, conheço várias pessoas que aprenderam a ler e a escrever através da Cruzada de alfabetização e seu programa, as quais atingiram alvos que eles nunca se julgariam capazes de alcançar antes. Uma destas pessoas se tornou pastor, dois se formaram em Direito; outra tem seu próprio escritório de Contabilidade; outro é candidato a Deputado Estadual; outro formou-se em Economia; uma senhora formou-se em Arquitetura; e duas

³⁰⁹ CRUZADA ABC promove na Católica curso sobre Andragogia do Desenvolvimento. **Diário de Pernambuco**. Recife. 08 jul. 1969. Primeiro Caderno. p. 03.

³¹⁰ SPACH, 2000, p. 339-340.

³¹¹ *Ibid.*, p. 340.

³¹² *Ibid.*, p. 341.

mulheres terminaram o curso pedagógico e estão recebendo seus diplomas de professoras”³¹³.

Spach destaca uma contribuição que a cruzada teria dado à educação no Brasil, mesmo após o final do movimento, porque o MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), criado pelo regime militar, teria herdado da cruzada:

Idéias de nosso gerenciamento participativo com as lideranças das comunidades, algumas idéias de nossos livros-textos, manuais e livretos, além de muitas pessoas que haviam sido importantes líderes em nossa cruzada de alfabetização estavam todos sendo contratados e incorporados ao programa MOBRAL³¹⁴.

Prestes concorda com Spach quanto à contribuição da Cruzada ABC para o MOBRAL: “O interessante é que, após a extinção da Cruzada ABC, o MOBRAL aproveitou um significativo número de seus técnicos e funcionários, para comporem seus quadros nos Estados nordestinos”³¹⁵.

³¹³ *Ibid.*, p. 341.

³¹⁴ SPACH, 2000, p. 342.

³¹⁵ PRESTES, 2001, p. 145.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso trabalho teve como fio condutor uma análise do protestantismo missionário de origem estadunidense, desde sua chegada ao Brasil, na segunda metade do século XIX, até a primeira metade do século XX; ao contrário da diversidade de visões do protestantismo estadunidense, o brasileiro foi caracterizado pela marca de um protestantismo “cansado de guerra”, que pregava uma mudança a partir da conversão individual e uma não intromissão nas questões do mundo, visto que, nos Estados Unidos, o posicionamento das igrejas protestantes acerca de questões sociais e políticas gerou divisões e cisões, levando os primeiros missionários estadunidenses a não repetirem os mesmo erros no Brasil, onde eram, aliás, uma minoria, o que gerou limitações que se intensificaram, sobretudo, na primeira metade do século XX.

Quando da chegada em terras brasileiras, os primeiros missionários estadunidenses se depararam com um contexto sociocultural bastante diferente do que se encontrava em seu país de origem, visto que, aqui, a religião majoritária era o catolicismo. Converter os “nativos” ao protestantismo significava também uma mudança cultural, pois a partir do momento da conversão os novos crentes renunciariam a aspectos culturais impregnados da religiosidade católica.

No século XX, particularmente no decênio de 1950 a 1960, ocorreram mudanças que afetaram o Brasil e o mundo, abrangendo também o ambiente religioso. Tais mudanças influenciaram setores protestantes, em especial a juventude, que tentou adaptar os ensinamentos e práticas de suas igrejas às necessidades do mundo moderno. Tal fato apontou para a possibilidade de uma maior aproximação das igrejas protestantes para com os problemas sociais, até então inexistente, posto que baseada, em grande parte, na concepção trazida pelos primeiros missionários estadunidenses.

Como vimos, nos meios religiosos brasileiros, a partir da década de 50 e início da década de 60 do século XX, não só setores das igrejas protestantes como também da Igreja Católica foram influenciados por novas idéias, dentre as quais as que pregavam uma maior inserção no meio social. Tais grupos religiosos perceberam no governo Goulart uma oportunidade de levar adiante suas visões de religião.

No período Goulart, houve a ascensão, dentro do Estado brasileiro, de um governo que se diferenciava basicamente pela pretensão de efetivar um ambicioso programa de reformas, que ficou conhecido como Reformas de Base. As mudanças não passaram da retórica, visto que o Congresso Nacional, dominado pelos setores conservadores, colocou

obstáculos a sua implementação e também por causa do caráter dúbio do governo Goulart, que passou a se empenhar na aprovação das reformas, levando seus opositores a apelar para o sentimento “cristão” do povo brasileiro, contra a crescente “comunização” do país.

A deposição do presidente Goulart contou com a participação dos militares, de setores da Igreja Católica e das igrejas protestantes, em especial dos presbiterianos e batistas, que endossaram um sistema político-institucional que se distinguiu por sua crescente militarização, em nome da preservação dos valores cristãos que, supostamente estavam sendo ameaçados. E também nos meios religiosos a movimentação de grupos que pregavam uma maior participação de suas igrejas no meio social foi vista, por setores de suas respectivas cúpulas, em especial, os protestantes, como uma ação do “comunismo” nas sendas religiosas.

Nesta dissertação procuramos explicar questões básicas que, em nossa visão, foram decisivas para a predominância do ponto de vista de setores da cúpula das igrejas protestantes, pelas questões que expomos a seguir.

Primeiro, toda a influência das novas visões do papel das igrejas protestantes, junto à juventude evangélica, não conseguiu aumentar a sua influência em outros setores que, ao contrário, receberam, por causa desse posicionamento, forte oposição, mesmo antes do golpe militar.

Segundo, os grupos protestantes que pregavam maior aproximação das igrejas com o social entraram em choque com as cúpulas de suas igrejas, ainda influenciadas pela visão trazida pelos primeiros missionários estadunidenses que, sentindo ameaças ao seu status quo, pela emergência dessas novas visões, passaram a hostilizá-los, atribuindo-lhes a pecha de “comunistas”.

Terceiro, com o advento do golpe de 64, os setores protestantes que pregavam um maior envolvimento de suas igrejas nas questões sociais tiveram seus objetivos barrados. E, por último, os grupos aliados às cúpulas protestantes foram os maiores beneficiados com os expurgos que, advindos com o golpe militar de 1964, ocorreram também nos meios religiosos. Por isso, tais setores protestantes viram abrirem-se, para eles, maiores possibilidades de atuação com a chegada do movimento de 64, como foi o caso, em Pernambuco, com a Cruzada ABC, um movimento de educação de origem evangélica.

Pernambuco, a exemplo do que naquele período ocorria em outras partes do Brasil, foi marcado por uma profunda radicalização política da qual, num primeiro momento, saíram vitoriosos os setores de esquerda, com a eleição de Arraes, em 1962, para o governo do estado. Todavia, em um segundo momento, foi derrotado pelas ramificações e decorrências do golpe de 1964. Se o governo Arraes foi caracterizado por uma nova forma de se relacionar

com os setores excluídos do jogo político marcado pela negociação, e não pela simples repressão, isso, aliado a outros fatores, contribuiu para atizar a ira dos setores conservadores, que viam em tal postura uma subversão da ordem a que estavam acostumados e a partir da qual se locupletavam no poder.

Nos anos anteriores ao golpe de 64 existiram vários movimentos de educação, propostos por diversos grupos sociais, dentre os quais alguns de religiosos, como o MEB, de origem católica, e o Promoção Agnes, de origem protestante. No período posterior à deposição de Arraes, Pernambuco foi marcado por um profundo obscurantismo, no qual a repressão foi a tônica das relações entre o poder e os excluídos do cenário político. No contexto, o Método Paulo Freire de Alfabetização de Adultos foi banido pelos novos donos do poder e em seu lugar voltou o Promoção Agnes, logo depois transformado na Cruzada ABC.

Dentro do quadro que se esboçava, grupos protestantes desempenharam um papel de destaque, à medida que atuaram como um setor social, no caso analisado, através da Cruzada ABC. Se parcelas dos protestantes, notadamente entre os batistas e os presbiterianos, assumiram posturas anticomunistas, havendo no interior dos seus grupos, como salientado no corpo desta dissertação, uma unidade na diferença, eles não mediram esforços para combater os supostos comunistas, mesmo que isso tenha custado a eliminação de membros das referidas denominações que não concordavam com o regime, imposto a partir de 1964, e foram vencidos pela cúpula conservadora com ele afinada.

Esses setores protestantes que, na época, tinham o controle da cúpula de suas igrejas, barraram questionamentos no tocante ao significado da atuação dos cristãos na política e também quanto a outras formas de interpretações bíblicas ligadas ao então chamado modernismo teológico, muitas vezes associando-o ao comunismo, conforme fundamentamos com análises embasadas em reflexões elaboradas por Rubem Alves, Antônio Gouvêa de Mendonça, Leonildo da Silva Campos, Israel Belo de Azevedo e Cândido Procópio Ferreira de Camargo.

REFERÊNCIAS

a) Livros e periódicos

- ALVES, Rubem. **Da esperança**. São Paulo: Papirus, 1987. 231 p.
- _____. **Dogmatismo e tolerância**. São Paulo: Edições Loyola, 2004. 176 p.
- _____. **O enigma da religião**. São Paulo: Papirus, 1997. 175 p.
- _____. **O que é religião**. São Paulo: Ars Poética, 1996. 101 p.
- _____. **Religião e repressão**. São Paulo: Loyola, 2005. 344 p.
- _____. **Tendência da teologia no Brasil**. São Paulo: Aste, 1997. 343 p.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **Pernambuco: cinco séculos de colonização**. João Pessoa: Editora Grafset, 2004. 201 p.
- AZEVEDO, Israel Belo de. **A celebração do indivíduo: a formação do pensamento batista brasileiro**. Piracicaba: Universidade Metodista de Piracicaba, 1996. 343 p.
- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de Sociologia do Conhecimento**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 1993. 247 p.
- BERGER, Peter L. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. 3. ed. São Paulo: Paulus, 1985. 194 p.
- _____. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno**. Petrópolis: Vozes, 2004. 94 p.
- _____. **Perspectivas sociológicas: uma visão humanística**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 1991. 202 p.
- _____. **Rumor de anjos: a sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1997. 228 p.
- BITTENCOURT FILHO, José. **Matriz religiosa brasileira: religiosidade e mudança social**. Petrópolis: Vozes; Koinonia, 2003. 260 p.
- _____. Da dissidência à profecia. **Tempo e Presença**. Rio de Janeiro, v. 26, n. 334, mar./abr. 2004, p. 36-40.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é o método Paulo Freire**. São Paulo: Brasiliense. 1988. 120 p.
- CABRAL, Newton D. A. Entre a história e as ciências da religião: questões teórico-metodológicas sobre o trabalho com depoimentos orais. **Revista de Teologia e Ciências da Religião da UNICAP**. Recife: FASA. Ano IV, n. 4, set./2005, p. 205-17.
- CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. **Católicos, protestantes, espíritas**. Petrópolis: Vozes, 1973. 183 p.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. **Revista Usp**. São Paulo, n. 67, set./nov./2005, p. 100-115.

- CAMPOS, Leonildo Silveira. Evangélicos e o golpe militar de 1964. **Tempo e Presença**. Rio de Janeiro, v. 26, n. 334, mar./abr. 2004, p. 23-31.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. 353 p.
- CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano**: 2. Morar, cozinhar. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. 373 p.
- CÉSAR, Waldo A. et al. **Protestantismo e imperialismo na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1968. 119 p.
- CUNHA, Magali do Nascimento. Consumo: novo apelo evangélico em tempos de cultura gospel. **Estudos de Religião**. São Bernardo do Campo, v. 18, n. 26, jun./ 2004, p. 53-80.
- DELLA CAVA, Ralph. Protestantismo mundial: o 'novo' consenso emergente. **Tempo e Presença**. Rio de Janeiro, v. 26, n. 335, maio/jun./2004, p. 27-36.
- DREIFUSS, René Armand. **1964**: a conquista do Estado. Petrópolis: Vozes, 1987. 814 p.
- FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO Janaína. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996. 277 p.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 16. ed. São Paulo: Loyola, 2008. 105 p.
- GARCEZ, Benedicto Novaes. **O Mackenzie**: 1870-1960. 2. ed. São Paulo: Mackenzie, 2004. 256 p.
- LAGAZZI, Suzy. **O desafio de dizer não**. Campinas: Pontes, 1988. 107 p.
- LÉONARD, Émile G. **O protestantismo brasileiro**. São Paulo: Aste, 1963. 354 p.
- MAFRA, Clara. **Os evangélicos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. 88 p.
- MATOS, Alderi S. **Os pioneiros presbiterianos do Brasil, 1859-1900**: missionários, pastores e leigos do século 19. São Paulo: Cultura Cristã, 2004. 592 p.
- MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002. 279 p.
- MENDONÇA, Antonio Gouvêa. Protestantismo no Brasil: um caso de religião e cultura. **Revista USP**. São Paulo, n. 74, jun./ago./2007, p. 160-173.
- _____. O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. **Revista Usp**. São Paulo, n. 67, set./nov./2005, p. 48-67.
- _____. Religião e Sociologia do Conhecimento. **Estudos de Religião**. São Bernardo do Campo, v. 18, n. 26, jun./2004, p. 151-189.
- _____. Religiosidade no Brasil: imaginário, pós-modernidade e formas de expressão. **Estudos de Religião**. São Bernardo do Campo, v. 12, n. 15, dez./1998, p. 39-50.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas: UNICAMP, 2007. 182 p.

- PADEN, Willian E. **Interpretando o sagrado**: modos de conceber a religião. São Paulo: Paulinas, 2001. 234 p.
- PAGE, Joseph A. **A revolução que nunca houve**. Rio de Janeiro: Record, 1972. 315 p.
- PAIVA, Ângela Randolpho. **Católico, protestante, cidadão**: uma comparação entre Brasil e Estados Unidos. Belo Horizonte: Editora da UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2003. 286 p.
- PAIVA, Vanilda Pereira. **História da educação popular no Brasil**: educação popular e educação de adultos. São Paulo: Loyola, 2003. 527 p.
- PEREIRA, João Baptista Borges. Italianos no protestantismo brasileiro: a face esquecida pela história da imigração. **Revista USP**. São Paulo-SP, n. 63, p. 86-93, set./nov., 2004.
- PRESTES, Emília Maria da Trindade. **Educação popular e contexto sócio-político**: o caso da Cruzada ABC. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2001. 194 p.
- REILLY, Alexander Durkan. **História documental do protestantismo no Brasil**. São Paulo: Aste, 1985. 235 p.
- SCOCUGLIA, Afonso Celso. **Histórias inéditas da educação popular**: do sistema Paulo Freire aos IPMs da ditadura. São Paulo: Cortez; João Pessoa: Editora Universitária; Instituto Paulo Freire, 2001. 176 p.
- _____. **A educação de jovens e adultos**: histórias e memórias da década de 60. Brasília: Editora Plano; Editora Autores Associados, 2003. 200 p.
- SELARO, Rejane Accioly. **Educação e religião**: colégios protestantes em Pernambuco na década de 20. Recife: Centro de Educação, 1987. 347 p.
- SERBIN, Kenneth P. **Diálogos na sombra**: bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. 570 p.
- SILVA, Francisco Jean Carlos da. **Batistas regulares**: uma abordagem histórico-sociológica. Natal: Editora da UFRN, 2006. 122 p.
- SILVA, Hélio. **1964**: golpe ou contragolpe? 3. ed. Porto Alegre: L & PM, 1978. 492 p.
- SILVA, Leonardo. **Pernambuco**: caminhos da liberdade. Brasília: Tempo Real, 1998. 295 p.
- SIMÕES, Solange de Deus. **Deus, pátria e família**: as mulheres no golpe de 1964. Petrópolis: Vozes, 1985. 184 p.
- SKIDMORE, Thomas. **Brasil**: de Getúlio a Castelo. São Paulo: Paz e Terra, 1982. 512 p.
- _____. **Brasil**: de Castelo a Tancredo. São Paulo: Paz e Terra, 1982. 608 p.
- SOARES, José Arlindo. **A Frente do Recife e o Governo Arraes**. São Paulo: Paz e Terra. 1982. 174 p.
- SPACH, Jule C. **Todos os caminhos conduzem ao lar**. Recife: Bagaço, 2000. 420 p.
- STARLING, Heloísa Maria Murgel. **Os senhores das gerais**: os novos inconfidentes e o golpe militar de 1964. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1986. 375 p.

TOLEDO, Caio Navarro de. **O governo Goulart e o golpe 64**. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988. 124 p.

WILGES, Erinel. **Cultura religiosa**: as religiões no mundo. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1985, v. 1. 268 p.

WILLAIME, Jean-Paul. Do problema da autoridade nas igrejas protestantes pluralistas. **Estudos de Religião**. São Bernardo do Campo, v. 18, n. 27. dez. 2004. p.14-25.

WIRTH, Lauri Emílio. Protestantismo brasileiro de rito luterano. **Revista Usp**. São Paulo, n. 67, set./nov./ 2005, p. 68-77.

b) Jornais

BATISTAS desfilarão amanhã no Recife. **Diário de Pernambuco**. Recife. 06 set./1964.

BATISTAS promoverão desfile cívico-religioso. **Diário de Pernambuco**. Recife. 04 set./1964.

CAVALCANTI, Ebenezer. Missionários comunistas. **Jornal Batista**. Rio de Janeiro, 18 jan./1964.

CLUBES das Mães terão cursos da Cruzada ABC. **Diário de Pernambuco**. Recife. 16 out./1966.

CRUZADA ABC encerrou, na Várzea, um curso para alfabetizadores. **Diário de Pernambuco**. Recife. 04 fev./1966.

DURANTE duas horas batistas desfilaram: evangelização. **Diário de Pernambuco**. Recife. 09 set./1964.

ENSAIOS da grande Campanha Nacional de Evangelização. **Diário de Pernambuco**. Recife. 01 set./1964.

FERNANDES, Calazans. Homem não é “objeto”: Seminário de educação política de alfabetização de adultos para o Nordeste. **Diário de Pernambuco**. Recife. 04 jan./1967.

HABILITADOS pela Cruzada ABC, mais 40 alfabetizadores vão trabalhar. **Diário de Pernambuco**. Recife. 15 out./1966.

LOPES, Rubens. Retratos do meu álbum. **Jornal Batista**. Rio de Janeiro. 22 set./1968.

MARCHA da Família com Deus pela Liberdade. **Diário de Pernambuco**. Recife. 09 abr./1964.

MIRANDA, Geter. Do Instituto de Cultura Religiosa a alta patente do exército. **Jornal Batista**. Rio de Janeiro. 06 set./1964.

PEREIRA, José dos Reis. A morte do estudante. **Jornal Batista**. Rio de Janeiro. 14 ago./1968.

_____. Igreja em pânico. **Jornal Batista**. Rio de Janeiro. 04 fev./1968.

_____. Novo governo. **Jornal Batista**. Rio de Janeiro. 26 abr./1964.

PRESBITERIANOS promoverão concentração de júbilo. **Diário de Pernambuco**. Recife. 07 abr./1964.

c) Material eletrônico

KALLEY, Robert Reid. Disponível em: <<http://www.robertreidkalley.xpg.com.br/>> Acessado em 14.07.2007.

MATOS, Alderi Souza de. **Os pioneiros presbiterianos do Mackenzie**. Disponível em: <<http://www.mackenzie.com.br/teologia/Historia%20da%20Igreja/6%20Presbiterianismo%20brasileiro/6%20mackenzie/b%20PioneirosPmack.htm>> Acessado em 14.07.2007.

PRESBITÉRIO Brasil Central. Disponível em: <http://www.pbc.org.br/?i=presbiterio_quem_somos> Acessado em 18.12.07.

SIMONTON, Ashbel Green. Disponível em: <http://www.ipb.org.br/quem_somos/historia_ipb_fotos.php3> Acessado em 14.07.2007.

VIEIRA, David Gueiros. **Método Paulo Freire, ou Método Laubach?** Disponível em: <2004h2004<http://www.midiaseम्मascara.com.br/artigo.php?sid=1627tp>> Acessado em 28.07.07.

WRIGHT, Jaime. Disponível em: <<http://www2.fpa.org.br/portal/modules/news/article.php?storyid=1747>> Acessado em 11.12.07.

d) Entrevistas

ASSIS, Virgínia Maria Almoêdo. Recife, 02 de maio de 2007.

CORREIA, Valdívnia Soares. Recife, 12 de abril de 2007.

FERREIRA, Jacira Pereira. Recife, 05 de maio de 2007.

RAMOS ANDRÉ, João Virgílio. Recife, 18 de maio de 2007.

SILVA. Maria das Graças. Recife, 07 de maio de 2007.

APÊNDICE**Relação dos entrevistados**

VALDÍVIA SOARES CORREIA – nasceu em João Pessoa – PB, a 23 de janeiro de 1944. Reside na Rua Nicarágua, 105, ap. 401, Graças, Recife – PE. Concedeu seu depoimento em Recife no dia 12 de abril de 2007. Na Cruzada ABC, foi supervisora, de 1965 até o fechamento, em 1971.

VÍRGÍNIA MARIA ALMOÊDO DE ASSIS – nasceu em Recife – PE, a 16 de março de 1954. Reside na Rua Professor Wanderley Filho, 56, ap. 105, Boa Viagem, Recife – PE. Concedeu seu depoimento em Recife, no dia *02 de maio de 2007*. Foi professora da Cruzada ABC a partir dos 12 anos de idade, entre 1966 e 1967.

JACIRA PEREIRA FERREIRA – nasceu em Recife – PE, a 20 de março de 1942. Reside na Rua Timbiras, 182, Santo Amaro, Recife – PE. Concedeu seu depoimento em Recife, no dia *05 de maio de 2007*. Na Cruzada ABC, foi professora entre março e novembro de 1968.

MARIA DAS GRAÇAS SILVA – nasceu em Recife, a 02 de julho de 1949. Reside na Rua das Oficinas, 32, ap. 202, Brasília Teimosa, Recife – PE. Concedeu seu depoimento em Recife, no dia *07 de maio de 2007*. Foi alfabetizanda da Cruzada ABC entre 1966 e 1970.

JOÃO VIRGÍLIO RAMOS ANDRÉ – nasceu em Lisboa, Portugal, a 26 de abril de 1941. Reside na Avenida Rosa e Silva, 321, ap. 901, Graças, Recife – PE. Concedeu seu depoimento em Recife, no dia *18 de maio de 2007*. Foi técnico na Cruzada ABC entre 1967 e 1969.

ANEXO A
Caderno Iconográfico



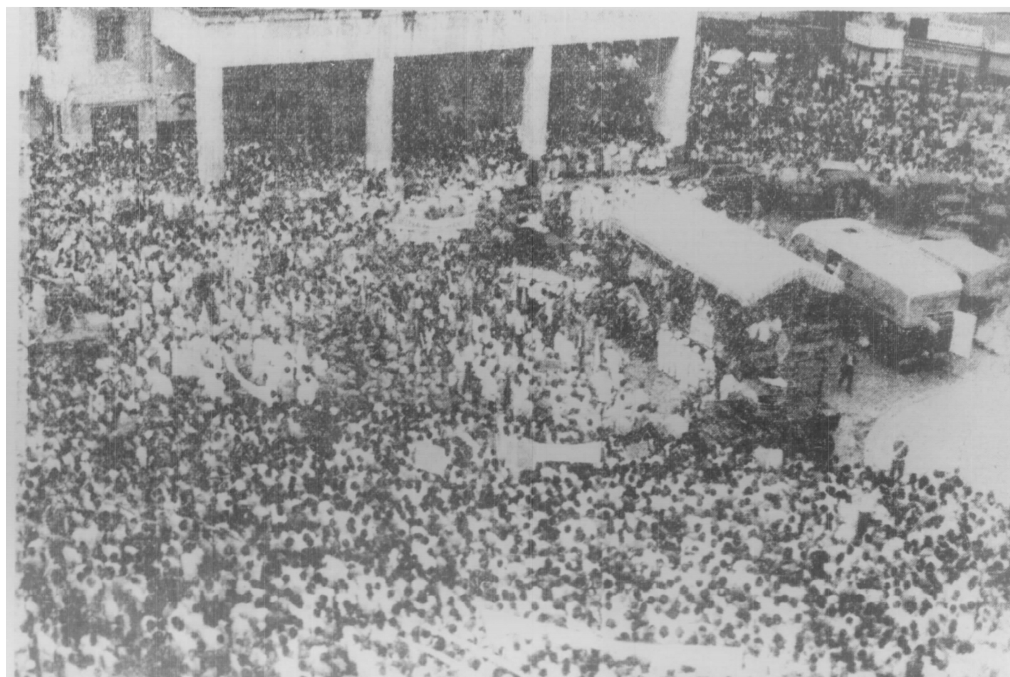
Assinatura de convênio entre o Promoção Agnes e o Governo do Estado de Pernambuco, em 1962.

Fonte: Jornal do Commercio - Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano - Recife



Marcha da Família com Deus pela Liberdade, no Recife, na altura da Avenida Conde da Boa Vista.

Fonte: Diário de Pernambuco - Fundação Joaquim Nabuco - Recife



Vista do final da Marcha da Família com Deus pela Liberdade, no Recife.

Fonte: Jornal do Commercio - Fundação Joaquim Nabuco - Recife



Mulher se ajoelha e reza durante a Marcha da Família com Deus pela Liberdade, no Recife.

Fonte: Revista Manchete - Biblioteca Pública Estadual - Recife



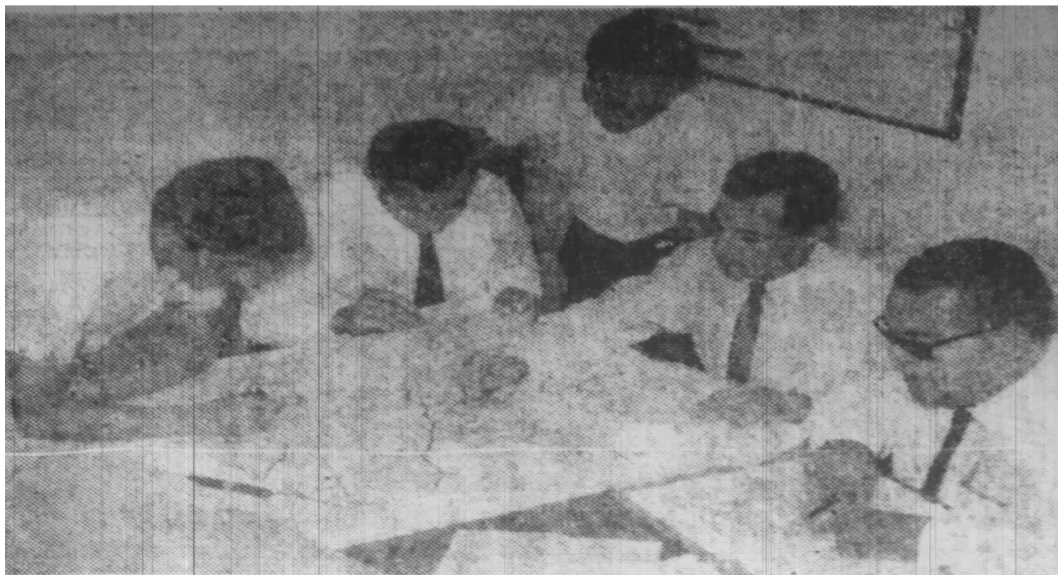
Mulheres pernambucanas no palanque armado para a Marcha da Família com Deus pela Liberdade, do Recife.

Fonte: Revista Manchete - Biblioteca Pública Estadual - Recife



Desfile dos batistas no primeiro sete de setembro do regime militar, no Recife.

Fonte: Diário de Pernambuco - Fundação Joaquim Nabuco - Recife



Dirigentes da Cruzada ABC examinam, no mapa, nova área de atuação.

Fonte: Diário de Pernambuco - Fundação Joaquim Nabuco - Recife



José Joaquim da Cruz, Ilze Ribeiro Gueiros e Dorcas de França, da Cruzada ABC do Recife, estagiam na Universidade de Indiana, nos Estados Unidos.

Fonte: Diário de Pernambuco - Fundação Joaquim Nabuco - Recife



Ladeado pelo prefeito Augusto Lucena dirigente da Cruzada ABC entrega certificados aos alfabetizadores do movimento

Fonte: Diário de Pernambuco - Fundação Joaquim Nabuco - Recife



Símbolo da Cruzada ABC

Fonte: Diário de Pernambuco - Fundação Joaquim Nabuco - Recife



Fila para entrega de alimentos da Cruzada ABC.

Fonte: SPACH, Jule C. **Todos os caminhos conduzem ao lar**. Recife: Bagaço, 2000. 420 p.



Entrega de diplomas de alunos alfabetizados pela Cruzada ABC.

Fonte: SPACH, Jule C. **Todos os caminhos conduzem ao lar**. Recife: Bagaço, 2000. 420 p.



Desfile da Cruzada ABC no sete de setembro de 1966, em Campina Grande (PB)
 Fonte: Novo Nordeste - Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano - Recife



Sala de aula da Cruzada ABC funcionando na residência de uma das alfabetizadas.
 Fonte: SPACH, Jule C. *Todos os caminhos conduzem ao lar*. Recife: Bagaço, 2000. 420 p.



Assinatura de um convênio entre a Cruzada ABC e o Governo de Alagoas.
Fonte: Novo Nordeste - Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano - Recife



Desfile da Cruzada ABC com uma faixa contra o analfabetismo, em Campina Grande (PB).
Fonte: Novo Nordeste - Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano - Recife